



Gilmar Kruchinski Junior

# A FUNÇÃO DOS ORÁCULOS NO LIVRO I das *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO

Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos na especialidade do Mundo Antigo, orientada pelo Doutor Delfim Leão, apresentada ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2015



Faculdade de Letras

# A FUNÇÃO DOS ORÁCULOS NO LIVRO I das *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO

**Ficha Técnica:**

<b>Tipo de trabalho</b>	<b>Dissertação de Mestrado</b>
<b>Título</b>	<b>A FUNÇÃO DOS ORÁCULOS NO LIVRO I das <i>HISTÓRIAS</i> DE HERÓDOTO</b>
<b>Autor</b>	<b>Me. Gilmar Kruchinski Júnior</b>
<b>Orientador/a</b>	<b>I. Doutor Delfim Ferreira Leão</b>
<b>Coorientador/a</b>	
<b>Júri</b>	<b>Presidente: Doutor José Luís Lopes Brandão</b> <b>Vogais:</b> <b>2. Doutor Delfim Ferreira Leão</b> <b>3. Doutora Carmem Isabel Leal Soares</b>
<b>Identificação do Curso</b>	<b>2º Ciclo em Estudos Clássicos 2013/2015</b>
<b>Área Científica</b>	<b>Mundo Antigo</b>
<b>Especialidade/Ramo</b>	<b>Mundo Antigo</b>
<b>Data da Defesa</b>	<b>24-07-2015</b>
<b>Classificação</b>	<b>16 Valores</b>



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Universidade de Coimbra, *Patrimônio da Humanidade*, e aos programas vinculados DGES e SASUC, indispensáveis e fundamentais para o cumprimento do meu percurso acadêmico, pelo interesse, discernimento e apoio à conclusão desse curso de *Mestrado em Estudos Clássicos, Mundo Antigo*.

Ao Professor Doutor Delfim Leão, amigo e orientador, sem o qual o percurso acadêmico traçado até aqui não seria o mesmo, um sincero obrigado, extensivo a todos os professores do curso e a coordenadora professora Doutora Carmen Isabel Soares.

A minha família, pelo apoio indispensável nessa jornada e a Ana, minha apoiante técnica.

Ao grupo de *Castelo Erasmus 2014 – 2015*, pelo curso intensivo de multilínguas, com os quais pude enfim melhorar o entendimento nos idiomas estrangeiros e a leitura, em especial ao *Espanhol* e *Inglês*.

A *Diónisos*, que me ensinou o perigo e o poder da alegria, e a *Apolo*, senhor absoluto do *Oráculo de Delfos*, que me ensinou o poder que subjaz oriundo das profecias, a usar com prudência.

E a todos os que, de alguma maneira, visível ou invisivelmente, conscientemente ou não, ajudaram-me imenso nesse percurso, com uma menção especial ao escritor Heródoto, o viajante da antiguidade, que me acenou o caminho a percorrer.

Um sincero agradecimento a todos, que retribuo com a presente dissertação.

## A FUNÇÃO DOS ORÁCULOS NO LIVRO I DAS *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO

Gilmar K. Junior

### RESUMO

Considerado o pai da *História*, são recorrentes em toda a sua vasta e complexa obra alusões a profecias e ao termo oráculo, que em sua etimologia significa palavra proferida. Inegavelmente proferida em todo seu trabalho literário e indissociável da compreensão da obra como um conjunto e mesmo em suas partes, desvela-se em sua escrita a sua funcionalidade, tanto quanto prognóstico, inspirador de decisões e afetação do comportamento dos personagens, mas também enquanto veículo de transmissão do saber e interdependência entre os mesmos. Revelando-se em termos de estilo, trata-se de um método importante para a compreensão do sentido de destino no que comporta a felicidade ou desgraça humana, e essa análise é a que persiste em toda a sua obra. Acerca do comportamento humano enquanto fundo moral de compreensão da realidade, o autor das *Histórias* permite-nos entender, na particularidade e no seu conjunto, a própria função oracular enquanto método e ciência, quando o prognóstico se revela em última instância, no leitor.

Palavras-chave: Heródoto, Oráculo, *Histórias*, Prognóstico, Função, Palavra, Método, Personagens, Ciência, Destino.

**THE FUNCTION OF THE ORACLES IN THE BOOK I OF HERODOTUS’  
*HISTORIES***

Gilmar K. Junior

**ABSTRACT**

Considered the father of history, throughout the vast and complex work of Herodotus are recurrent the allusions to prophecies and to the term oracle, whose etymology signifies ‘spoken word’. Patently interwoven with his literary work and inseparable from the understanding of the *Histories* as a whole and even in its separated parts, oracles reveal their functionality in his writing, as a prognostic that inspires decisions and affects the characters, but also as a vehicle for the transmission of knowledge and for the strengthening of interdependence between them. Revealing itself in terms of style, the use of oracles is an important method for understanding the sense of destiny on which depends happiness or human misery, and this analysis is the one that persists throughout the work. In what respects human behavior as a moral backdrop for the understanding of reality, the author of the *Histories* enables us to understand the particular and global characteristics of his work, by using the oracular function as a method and as a science, until the prognosis is finally revealed to the reader.

Keywords: Herodotus, Oracle, *Histories*, Prognostic, Function, Word, Method, Characters, Science, Destiny.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
<b>1 A FUNÇÃO DOS ORÁCULOS NAS <i>HISTÓRIAS</i> DE HERÓDOTO/LIVRO I...</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Enquanto Palavra Proferida</b> .....	<b>8</b>
1.1.1 Ambiguidade.....	11
1.1.2 Conjunto.....	13
1.1.3 Unidade.....	14
1.1.4 Manutenção.....	16
1.1.5 Revelação.....	18
<b>1.2 Função de Prognóstico</b> .....	<b>20</b>
1.2.1 Oráculo.....	21
1.2.2 Sonhos.....	22
1.2.3 Sábios conselheiros.....	24
1.2.4 Prodígios.....	28
<b>1.3 Como Inspirador de Decisões e Afetação do Comportamento dos Personagens</b> .....	<b>31</b>
1.3.1 Creso e Ciro.....	32
1.3.2 Creso, Átis e Adrasto.....	34
1.3.3 Ciro, Espargápises e Tómiris.....	37
1.3.4 Licurgo e a Pítia.....	41
<b>1.4 Enquanto Veículo de Transmissão de Saber</b> .....	<b>43</b>
1.4.1 Verdade e engano na sentença ambígua.....	45
1.4.2 Nas sentenças diretas.....	48
1.4.3 Nas sentenças indiretas.....	51
<b>1.5 Como Compreensão do Sentido de <i>Destino</i></b> .....	<b>52</b>
1.5.1 A interpretação dos magos conselheiros de Astíages sobre o sonho..	53
1.5.2 A interpretação dos magos Telmésios sobre a tomada de Sardes.....	58
<b>1.6 Como Método e sua Importância para os Personagens das <i>Histórias</i></b> .....	<b>61</b>
1.6.1 Contraste.....	62
<b>1.7 Função Científica como Composição em Anel</b> .....	<b>68</b>
1.7.1 Esquemas demonstrativos.....	70
<b>1.8 Como Ritual Prático no Contexto das <i>Histórias</i>, Livro I</b> .....	<b>72</b>
1.8.1 Mântica.....	73
1.8.2 Ritual bárbaro.....	74
1.8.3 Identidade grega.....	75
1.8.4 Imaginação.....	77
1.8.5 Religião grega.....	78

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>87</b>

## INTRODUÇÃO

A base do trabalho de Heródoto, que transformou-se na obra que hoje conhecemos, tem origem na tradição oral<sup>1</sup>, mas também na observação direta e das informações recolhidas e obtidas entre os diversos povos que o autor conheceu. E a análise desses dados, com um juízo crítico e acertado<sup>2</sup>, já indica aqui a ciência de um método que busca a verdade, a partir da comparação dos fatos obtidos e veiculados através de seus escritos.

Como modelo de exposição de informações<sup>3</sup>, a função mesma de proferir a palavra traduz-se em um esquema que entenda-se a ascensão, apogeu e declínio, efemeridade e instabilidade que dominam as circunstâncias humanas<sup>4</sup>, sendo essa determinação revelada pela funcionalidade dos oráculos na interdependência com os personagens.

Numa dicotomia que permeia toda a obra, o contraste entre a universalidade do sentido histórico do autor<sup>5</sup> e a particularidade da interpretação ambígua pessoal reveladas nas *Histórias, livro I*, pelos personagens com esse *sentido pessoal*<sup>6</sup> serve exatamente para a compreensão do sentido universal do *corpus* literário de Heródoto.

---

<sup>1</sup> A tradição oral, essa, está largamente documentada nas *Histórias*. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, Livro I, 1994, p. XIX).

<sup>2</sup> Registros, observação direta, comparação dos dados obtidos e juízo crítico sobre eles, não faltavam. (Fonte: Rocha Pereira, *Heródoto, Livro I*, 1994, p. XIX).

<sup>3</sup> A finalidade dessa exposição é tripla: lembrar o passado, dar glória, encontrar uma causa para a guerra. Subentendida está uma situação de imparcialidade, na melhor tradição homérica, ao admitir que tão notáveis feitos foram cometidos tanto por helenos quanto por bárbaros. Fundamental é a busca da causa do conflito. É ela que faz o historiador. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, Livro I, 1994, p. XX).

<sup>4</sup> A perspectiva de Heródoto sobre os deuses influencia claramente a textura definitiva do livro I. Com uma concepção trágica da vida e da história, considera-se que tudo se encontra determinado, que o mundo é governado pela divindade invejosa (1.91.1) e que a felicidade de hoje pode transformar-se em desgraça amanhã. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 19).

<sup>5</sup> Deste modo, desde o Livro I, Heródoto deu aos Helenos a consciência de uma história comum gloriosa, e a sua obra teve grande importância no desenvolvimento da consciência pan-helênica. Nela os gregos formavam um todo e como tal se viam. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 20).

<sup>6</sup> Como acontece com Cresos, que é de início um homem convencido do seu poder, incapaz de aceitar outra que não seja a resposta esperada. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 25).



Justamente esse sentido de destino<sup>7</sup> enquanto fatalidade ou *eudaimonia* é proferido ao longo da obra sendo esta uma parte do conjunto das funções designadas por oráculo, o revelar-se enquanto palavra proferida através da escrita.

Por múltiplos sentidos no intuito de formar uma unidade de entendimento, a palavra que está além da contingência humana, mas que a permeia e pertence a esta de maneira imanente, forma um sentido claro de *utilidade e funcionalidade* em sua revelação<sup>8</sup>.

Essa exposição revelativa que na contingência da ambiguidade interpretativa simbolizava a própria situação da instabilidade humana, frente à múltipla sabedoria daquilo que estava sendo proferido a partir de uma origem além e superior, incorpora o mundo da unidade completa do conhecimento originário dos deuses, sendo esta a unidade da própria revelação<sup>9</sup>, função esta expressa e intermediada pelos oráculos.

---

<sup>7</sup> É o destino, não a riqueza, quem pode conceder uma vida longa e isenta de cuidados, a salvo do ciúme dos imortais, uma vasta geração e um remate digno a essa existência invejável. É ele, portanto, o concessor da verdadeira felicidade, que, por imprevisível, só pode ser garantida por além do termo da vida: Antes que o homem atinja o fim da existência, aguardemos, não digamos dele que é feliz, mas apenas afortunado (32.7). (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 27).

<sup>8</sup> Oráculo: palavra de múltiplo sentido, indicando, fundamentalmente, a resposta da divindade a uma consulta formulada. Conhecendo a vontade dos deuses, *os homens tomavam suas decisões em função dela*. Constituíam-se de expressões vagas e indeterminadas, sujeitas a várias interpretações. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 136).

<sup>9</sup> Revela desse modo deter o segredo das ligações e interdependência de todos os elementos cósmicos. Assim ele se impõe e captura a adesão e a crença dos ouvintes, receptivos ao sortilégio de seu saber e, sobretudo, dos seus poderes. (Fonte: Mendes, 1993, p. 203).

## 1 A FUNÇÃO DOS ORÁCULOS NAS *HISTÓRIAS* DE HERÓDOTO / LIVRO I

Clio<sup>10</sup>, vós que guardais em cânticos as glórias dos guerreiros com sua enorme trompa, vós que sois patrona da História, a que guarda a ordem dos acontecimentos e dos eventos das palavras que são proferidas, filha de Mnemósine e Musa do livro I de Heródoto, inspirai a correta gramática e a boa argumentação<sup>11</sup> deste que clama tua luz.

### 1.1 Enquanto Palavra Proferida

O próprio termo Oráculo significa palavra proferida<sup>12</sup>, embora registrado, nesse caso, através da escrita, com o objetivo de perceber o sentido do comportamento humano, poder antecipar ou prever suas consequências e com isso promover o desvendar do próprio destino<sup>13</sup> através da responsabilidade pessoal das ações dos personagens derivadas das escolhas<sup>14</sup> que fazem. São exatamente as escolhas, ou melhor dizendo, esse ajudar a decidir no sentido correto, uma das mais importantes funções da revelação divina<sup>15</sup> de um oráculo, sendo seu sentido escrito perceptível na determinação e no simbolismo das lições de fundo moral das

---

<sup>10</sup> Clio: uma das Musas. Filha de Zeus e Mnemósine. Seu nome deriva da palavra grega “celebrar”. Cantando a glória dos guerreiros e as conquistas de um povo, Clio tornou-se a patrona da História. Costumam representá-la sentada, ostentando como atributos a trompa heróica, usada para proclamar os grandes feitos, e a clepsidra, emblema da ordem cronológica dos acontecimentos. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 38).

<sup>11</sup> A invocação às musas legitimava o trabalho do poeta ao transferir a autoria dos versos para a esfera divina. Portanto, ao se nomear autor das investigações, além de trazer seu trabalho para o plano humano, Heródoto se torna o responsável pelas informações. (Fonte: Rabello, 2013, p. 14).

<sup>12</sup> O significado da palavra  *χρησμός*, cujo equivalente latino, via pela qual chegou a diversas outras línguas, entre as quais o português, é *oraculum*. (Fonte: Rabello, 2013, p. 12).

<sup>13</sup> Ao destino estabelecido é impossível escapar, mesmo para um deus (91.1). (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, p. 119).

<sup>14</sup> Quanto ao oráculo obtido, Creso censurava-o sem razão: Lóxias predissera-lhe que, se fizesse a guerra contra os Persas, destruiria um grande império. Em face dessa resposta, se queria decidir bem, devia mandar perguntar a que império se referia: se ao seu próprio, se ao de Ciro. Como não compreendeu o que foi dito nem voltou a interrogar o deus, reconheça-se ele próprio culpado. (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, 91.4).

<sup>15</sup> É Delfos o eleito neste certame de competência oracular, logo premiado com aparatosos sacrifícios e ofertas. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 31).

*Histórias* de Heródoto, e nesse ponto o oráculo é infalível porque tudo já está de antemão determinado<sup>16</sup>, a palavra proferida direciona os personagens<sup>17</sup> para os seus fins.

Evidencia-se esse cíclico trágico direcionado para um fim quando por exemplo, em Creso, o oráculo determina as suas ações, revelado em diálogo entre vencido e vencedor, enquanto está cativo de Ciro. A própria culpa pelo empreendimento da guerra contra a Pérsia parece não pertencer ao personagem, mas sim por um enredo que está além da mera contingência entre os atores, a funcionalidade aqui da palavra que foi proferida a Creso foi fundamental para a sua tragédia:

Ao ouvir estas palavras, Ciro sentiu grande alegria, porque lhe parecia uma boa proposta. Depois de lhe agradecer muito e de ordenar aos guardas que executassem o que Creso propusera, disse a este o seguinte: ‘Creso, como estás pronto, tu uma pessoa de estirpe real, a agir e a falar com nobreza, pede-me a graça que queiras e ser-te-á de imediato concedida’. Ele respondeu-lhe: ‘Senhor, ficarei muito grato se me permitires enviar estas cadeias ao deus dos Helenos, a quem eu mais honrei entre os deuses, e perguntar-lhe se é norma sua enganar quem o obsequia’. Ciro então perguntou-lhe que razão de queixa contra o deus o levava a fazer-lhe tal pedido. E Creso repetiu toda a história dos seus projetos, as respostas dos oráculos, sobretudo as ofertas votivas, e como empreendeu a guerra contra os Persas, induzido pelo oráculo. (Heródoto, Livro I, 1994, 90.1).

Ou seja, de acordo com a citação acima, é possível entender que todos os projetos de Creso tiveram suas execuções baseadas no oráculo, o que definiu o destino do personagem de forma permanente. Inconformado e cativo, pede a Ciro que lhe conceda a graça de perguntar ao próprio deus dos helenos o motivo do engano, já que, aqui, fica demonstrada não só a funcionalidade da palavra proferida que induziu o personagem a perder um reino inteiro, como a dependência do ex-soberano relativamente ao que o oráculo lhe dizia e orientava.

Nesse caso, a queixa procede, já que Creso sente que não teve de certa forma autonomia no desenrolar de seu próprio empreendimento, ainda de acordo com a citação anterior isso fica ainda mais evidenciado quando ele confessa claramente sentir-se enganado pela palavra proferida, depois de ter feito ofertas votivas.

E realmente é nesse ponto que o engano se revela no personagem, e não no deus que proferiu a palavra, fica implícito que os deuses não são comprados com grandes oferendas, o

---

<sup>16</sup> Por exemplo, Creso empenha-se em se rodear de precauções, mas, ao procurar controlar a sorte, ei-lo incorrer outra vez em erro e assinar a sua própria condenação. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 31).

<sup>17</sup> Só tarde demais Creso viu a sequência que se impunha aos acontecimentos, que não fora capaz de prever. Tudo se conjugou para ludibriar suas expectativas. Cumpre-se, enfim, o oráculo. Aproxima-se a cena fulcral em toda a estrutura do Livro I, aquela em que os dois grandes monarcas orientais são colocados frente à frente, que é o momento que entrelaça os dois fios da narrativa, Creso acaba de rematar a curva da existência (ascensão, auge e queda), e cede a Ciro o palco da ação, para que ele percorra afinal, a ritmo simétrico e repetitivo, o seu próprio arco do destino. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, pp. 34-35).

que caracteriza ainda mais a ideia de que os mesmos estão acima das contingências, ambições humanas e seus erros, e que o destino (vide nota 19) não pode ser negociado: “E Crespo espiou a culpa de seu quarto ascendente que, pessoa da guarda pessoal dos Heraclidas, seduzido pelo dolo de uma mulher, assassinou o senhor e usurpou o seu poder a que não tinha direito”. (Heródoto, Livro I, 1994, 91.1).

Ou seja, Crespo sentiu-se enganado pelo oráculo, mas na verdade ele, desde que nasceu, já estava condenado a expiar o crime de seu ancestral Gíges. Então, qualquer que fosse a decisão e por mais prudente e sábio e respeitoso e generoso em ofertas ao deus, já tinha ele sido marcado pela inevitabilidade da função da palavra proferida, nesse caso, para consumir a vingança dos Heraclidas:

O oráculo deu a decisão e dessa forma Gíges tornou-se rei. A isso acrescentou todavia a Pítia que os Heraclidas teriam a vingança sobre o quinto descendente de Gíges. Dessa revelação não fizeram caso algum os Lídios e os seus reis até que ela se cumpriu. Deste modo obtiveram os Mérmnadas o poder, retirando-o aos Heraclidas. Enquanto foi soberano, Gíges enviou oferendas a Delfos, e não poucas, de todas as oferendas de prata existentes em Delfos a maioria é sua e, além da prata, consagrou grande quantidade de ouro. (Heródoto, Livro I, 1994, 13.2).

Observando pelo parágrafo acima, percebe-se claramente que tanto Gíges quanto Crespo foram realmente generosos com o oráculo no que se refere as ofertas, mas isso nada significa quando a palavra que o oráculo profere já está traçado pelas *Moiras*. Mesmo com a tentativa de *Lóxias*<sup>18</sup> de adiar o inevitável<sup>19</sup>, a funcionalidade que permite a movimentação dos personagens para a tragédia e expiação da culpa cumpre-se de forma irredutível, pois o personagem movimentado pela funcionalidade da palavra proferida, consagrada como predestinação, marca o tempo e o reconhecimento dessa inevitabilidade:

Parece haver uma tentativa evidente de Heródoto em demonstrar a infalibilidade do oráculo de Delfos. Crespo pede contas ao oráculo, mas no fim acaba por reconhecer que a culpa lhe pertence. Apesar de tudo, o oráculo desculpa-se. Esse texto é um bom exemplo do pessimismo de Heródoto, aqui sublinhado por ser colocado na voz do próprio oráculo de Delfos, e da afirmação do dogma da predestinação. (Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, n. 156, p.120).

Aqui parece haver uma contradição curiosa de explorar nessa citação, para dirimir quaisquer embaraços e dúvidas. Se Crespo estava predestinado pelo destino desde seu

<sup>18</sup> *Lóxias* é um epíteto de Apolo de Delfos, cuja etimologia, controversa, talvez se associe a *loxos* ‘oblíquo, retorcido’ e estaria relacionado com a ambiguidade dos oráculos ou à obliquidade do círculo que o sol percorre do oriente a ocidente. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, n. 155, p. 120).

<sup>19</sup> *Lóxias* esforçou-se para que a ruína de Sardes ocorresse no tempo dos seus filhos e não no do próprio Crespo, mas não foi capaz de vencer as *Moiras*. (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, 91.2).

nascimento, para expiar a culpa de seu ancestral Giges pela inevitabilidade do destino, expressa na funcionalidade do oráculo que o induziu desde o início a tomar as decisões que o colocaram a perder o reino da Lídia e tornar-se cativo do rei persa Creso, e os Heraclidas vingados pela desgraça do personagem, do que exatamente Creso é culpado, e reconhece ainda assim sua culpa, isentando o oráculo de qualquer mácula?

Primeiro, o personagem já é marcado pela tragédia, é culpado do crime de seu ancestral Giges. Segundo, é culpado pela cegueira<sup>20</sup> de seu entendimento que movimentou suas ações, o oráculo de Apolo em Delfos nunca deixou de lhe dizer a verdade, sendo sempre fiel ao personagem, mesmo que o tenha induzido a ações que Creso interpretou de forma errônea<sup>21</sup> e que o levou a encontrar o seu destino, que já era inevitável desde seu nascimento, a perda do reino<sup>22</sup> da Lídia.

Esse dogma da predestinação da palavra proferida escrita enquanto infalibilidade do oráculo como função científica será abordada mais adiante, já que, ainda analisando a última citação, reitero que essa passagem; *“Esse texto é um bom exemplo do pessimismo de Heródoto, aqui sublinhado por ser colocado na voz do próprio oráculo de Delfos, e da afirmação do dogma da predestinação”*; confirma Heródoto como o autor e a voz de seu próprio dogma proferido na escrita enquanto palavra, criando uma espécie de movimento de curva de ascensão e declínio, com a precisão da afirmação daquilo a que seus personagens estão predestinados, Heródoto traça metodicamente o próprio destino das *Histórias*, de acordo com a funcionalidade a que estabeleceu, tendo ciência disso em toda a sua obra.

### 1.1.1 Ambiguidade

Explorando novamente o assunto em questão da palavra que é proferida, não posso deixar de observar um lado de sua funcionalidade no que concerne ao movimento e ação dos personagens que para mim parece-me fundamental: a questão da ambiguidade da palavra proferida através do oráculo, esse, um método comum colocado nos textos de Heródoto. Volto novamente a essa questão da culpabilidade de Creso em suas ações, para explicar melhor essa questão, citando uma passagem famosa do livro I:

---

<sup>20</sup> E o que lhe disse Lóxias, a propósito de um mulo, quando o consultou pela última vez, nem isso entendeu. Era Creso esse mulo, já que nascera de dois progenitores de raça diferente: de uma mãe mais nobre e de um pai mais modesto. (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, 91.5).

<sup>21</sup> Foi esta a resposta que a Pítia deu aos Lídios e eles levaram-na a Sardes e comunicaram-na a Creso. E este, ao ouvi-la, reconheceu que o erro tinha sido seu e não do deus. (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, 91.6).

<sup>22</sup> A posição de Heródoto é ainda oscilante nessa matéria: se nesse passo do livro primeiro deuses e homens se sentem limitados pelo destino, já em 7.141.3 se identifica a moira com a vontade de Zeus. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, n. 154, p. 120).

Então, contam os Lídios que Creso, ao dar-se conta do arrependimento de Ciro, por ver que todos se esforçavam para apagar o fogo, mas não conseguiam detê-lo, invocou a voz forte de Apolo, conjurando-o a que, se alguma das ofertas que lhe fizera tinha sido grata, viesse em seu auxílio e o libertasse do presente perigo. Entre lágrimas invocou o deus e, de súbito, no céu claro e sem nuvens, rebenta a tempestade e cai um forte aguaceiro que apaga a pira. E Ciro, ao reconhecer desse modo que Creso era querido aos deuses e homem de bem, fê-lo descer da pira e disse o seguinte: ‘Creso, quem dentre os homens te convenceu a invadir o meu país e a fazer de ti um inimigo meu, em vez de um amigo?’ E ele respondeu: ‘Ó rei, fiz isso para tua fortuna e meu infortúnio. O culpado disso foi o deus dos Helenos, que me induziu a entrar em guerra. Mas talvez fosse grato a um deus que as coisas assim acontecessem’. (Heródoto, Livro I, 1994, 87.1).

Analisando o parágrafo acima, em comparação aos outros já antes expostos, não podemos esquecer que Creso era devoto de Apolo, e este não deixou de observar as virtudes e ofertas do rei ao oráculo. Profere ele próprio a palavra para salvar-se, e no diálogo posterior com Ciro, segue-o explicando acerca de sua própria situação, pois tudo ocorreu para a fortuna do rei persa e infortúnio do lídio, aqui eu poderia traçar mentalmente uma curva, ou arco do *Destino*, esse; o dogma e convicção de Heródoto, pois é ele, em última instância que escreve as *Histórias*.

Apolo cumpre sua função e salva o devoto, pois é um homem de bem, mesmo marcado pela culpa de seu ancestral Giges e pela sua própria ambição e cegueira de não interpretar corretamente aquilo que o oráculo lhe dizia. O deus dos Helenos aqui, que induziu Creso ao erro, não foi o próprio Apolo, mas sim a verdade do que disse o deus por intermédio do oráculo, e é esse mesmo intermédio, o que faz a ponte de transmissão entre deus e homens, que tem caráter ambíguo<sup>23</sup> na interpretação e que permite a ação dos personagens, pois permite que, através do erro, o caminho traçado pelo próprio *Destino* se cumpra.

Em resumo, Creso cai no infortúnio já traçado desde seu nascimento, exatamente porque não interpretou corretamente o que o oráculo lhe dizia, e nesse ponto, a culpa de suas ações imanes e humanas recaem sobre si mesmo, mesmo que tenha já um futuro pré determinado. Embora tenha sido um homem de bem e devoto dos deuses, Creso não escapou de seu próprio destino, não traçado por Apolo<sup>24</sup>, que apenas intermediava a palavra através do

<sup>23</sup> Para além dessas benesses, Creso não pode acusar o oráculo de o ter induzido numa campanha fatal, o consulente foi vítima de sua precipitação, dando-se por satisfeito com a ambiguidade da resposta, sem procurar, com uma nova interpretação, aprofundar-lhe o verdadeiro sentido. Sempre que recorreu ao oráculo, o lídio ficou sem compreender. (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, p. 37).

<sup>24</sup> A Creso, o destino tinha imposto a expiação do crime de Giges, de que nem Apolo o poderia isentar. Mesmo assim, apesar da fatalidade da punição, o deus teve a interferência possível, ainda que limitada: o adiamento da queda de Sardes por três anos. E se não lhe pôde evitar a angústia da derrota, acorreu-lhe ao apelo e tirou-o da pira a tempo de lhe salvar a vida. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 37).

ambíguo oráculo, mas pelas *Moiras*, de acordo com o que já vimos anteriormente, vamos elucidar:

E a cena encontra o seu final feliz, face a face a um Ciro generoso e sensato, que constata na personalidade de Creso o amigo dos deuses e o homem de bem, agora redimido dos seus excessos pela própria fatalidade. Ambos podem conversar de igual para igual, porque as posições de vencedor e o vencido nivelam-se no plano do mortal poderoso, a quem o destino tratou de modo diverso. (Heródoto, Ferreira & Silva, Livro I, 1994, p. 36).

A fatalidade traçada pelas *Moiras*, que são a própria representação do *Destino*, aqui serve para redimir a culpa dos excessos de Creso, equilibrando no plano dos mortais, por tratamento distinto, os dois personagens, traçando, num plano virtual e mental, o mesmo arco que já anteriormente me referi, e aqui posso dizer com certeza que, inegavelmente, o oráculo tem uma função nas ações que traçam o destino dos personagens para a mobilidade de seus fins, a ambiguidade é apenas uma parte dessa função, pois a palavra proferida em si mesma é um conjunto que cumpre as mais diversas funcionalidades, que logo veremos parte à parte.

### 1.1.2 Conjunto

Pois é nesse conjunto de funções, das quais citarei nessa tese apenas as principais, ou as mais evidentes, que o oráculo, enquanto palavra proferida através da obra de Heródoto, revela, em última instância, a verdade do escritor ao leitor. Essa verdade é um ato combinado, misto, de todas as funcionalidades escritas pelo autor, como um direcionamento que, visto através da ação dos personagens enquanto peças, revela-se funcional na revelação da sua unidade:

La verdad se há producido en un acto mixto, axactamente en el punto donde se anudó definitivamente un relato y outro; la verdad es el fruto del cruce, del acople, del encastre de las piezas, entre el recuerdo de los hombres y las profecías divinas, en el punto donde el recuerdo y el discurso de los hombres son algo así como una imagen empírica de la gran profecía de los dioses. (Colombani, 2013, p. 106).

Para que os feitos dos homens não se desvançam, faz sentido lembrar dos mesmos e das profecias divinas, e nesse encaixe entre a lembrança e a palavra proferida através do discurso que se dá por intermédio do oráculo enquanto imagem escrita, a palavra oracular contém um ganho, a saber; em seu conjunto e discurso, todas as funções para proferir a verdade e revelar o entendimento ao leitor, que nada mais é do que o fundo moral das *Histórias* de Heródoto, reveladas pela ação dos personagens e no seu comportamento.

Reitero ainda, de acordo com o exposto e analisando a citação, que a ambiguidade é ela própria uma das funções do oráculo e motor das ações dos personagens, pois é no conjunto da ação entre os atores na funcionalidade da ambiguidade na palavra proferida, que o destino se cumpre, não em partes, mas como entendimento de unidade que une a diferença de tensão entre o divino e o humano:

Otra vez la verdad se tensiona en dos planos diferentes: la verdad del oráculo, esto es la verdad que sutura la relación entre *aletheia* y *arkhe*, inscrita en el universo apolíneo, y la verdad que, por momentos, aparece desdibujada y velada, mientras que por otros, se muestra a punto de develarse; verdad que traen los mortales, enmarcados en los distintos momentos que la pieza trágica dibuja en su rompecabezas. (Colombani, 2013, p. 104).

Em realidade, analisando a citação acima, no conjunto da imanência dos personagens, a verdade, limitada pelo entendimento humano muitas vezes errôneo na interpretação, aparece de maneira parcial através da ambiguidade do oráculo, mas essa mesma verdade, pelo próprio fato de ser ambígua, carrega em si mesma a unidade da revelação divina e Apolínea, para cumprimento do próprio destino dos atores da obra de Heródoto, e assim, o oráculo cumpre a sua função de revelação para a ação e unicidade do sentido escrito da obra enquanto permanência do conhecimento ao leitor através dos tempos.

### 1.1.3 Unidade

O oráculo, enquanto palavra proferida de forma ambígua, cumpre sua função de conjunto, e com isso estabelece-se também enquanto unidade<sup>25</sup> do conhecimento na intermediação das previsões e no relacionamento que promove entre o deus e o homem, ou melhor dizendo, entre o transcendente e o imanente co-relacionados enquanto experiências das ações humanas, com o intuito de estar registrado e mantido para os futuros leitores, tanto que, para corroborar minha afirmação, cito aqui a declaração principal de Heródoto, já colocada no livro I:

Esta é a exposição das informações de Heródoto de Halicarnasso, a fim de que os feitos dos homens, com o tempo, se não apaguem e de que não percam o seu lustre ações grandiosas e admiráveis, praticadas, quer pelos helenos, quer pelos bárbaros, e

---

<sup>25</sup> As *Histórias* são constituídas por uma coleção de relatos ou *lógoi*, que incluem costumes e acontecimentos relativos aos povos conhecidos e escolhidos por Heródoto devido à sua relação com o objetivo declarado de apontar o responsável pelo início das hostilidades entre gregos e persas. Nos nove livros, embora essa divisão tenha sido feita em data posterior, encontramos informações e dados sobre a área histórico-geográfica então conhecida. São povos diversos, de costumes diferentes entre si e em relação aos gregos. A quantidade de informações é grande, e não menor deve ter sido o esforço para reuni-las e, talvez, dar-lhes alguma unidade. (Fonte: Rabello, 2013, p. 13).



sobretudo, qual a razão por que entraram em guerra uns com os outros. (Heródoto, Livro I, 1994, 1.1).

Ora, é evidente que a palavra proferida pelo oráculo, assim como passagens importantes e já explanadas como no caso famoso de Creso da Lídia, perpassam toda a obra de Heródoto em relação ao *Livro I de Histórias*, então não podemos dissociá-la do seu conjunto e nem da intenção do autor, que é a da unidade, já clarificada pela citação acima, que vou analisar melhor agora.

Na unidade, o autor das *Histórias* busca uma certa imparcialidade, pois os feitos que ele quer manter registrados foram cometidos tanto por gregos como por bárbaros, em ações grandiosas e admiráveis, dignas de registro póstumo, então é mesmo uma exposição de informações sobre as ações humanas.

Ora, na antiguidade do tempo de Heródoto, os oráculos cumpriam exatamente essa função, os deuses continham guardados na transcendência, ou além da imanência, o conhecimento completo acerca do destino e do futuro dos homens, numa espécie de unidade divina, a que os humanos podiam ter acesso de forma limitada pela própria contingência da função ambígua da palavra proferida através do oráculo. Nessa unidade, Heródoto busca a completude de uma história total:

Toda essa riqueza de informação, sistematicamente colhida e criticamente avaliada, aproxima-o da visão hodierna, da História total a que hoje aspira. Há efetivamente um plano unificador. E a noção de causalidade, fundamental na investigação histórica e anunciada na primeira frase do próêmio, não é nunca perdida de vista. (Rocha Pereira, Heródoto, Livro I, 1994, XXXIX).

Essa noção de unidade, de colheita sistemática de informações e conseqüentemente exposição através da palavra proferida escrita, denota claramente a função que Heródoto atribui aos oráculos para manter a unicidade escrita de suas *Histórias*, num plano unificador e fundamental para a investigação histórica, numa *composição em pedimento*, princípio estético em torno de um tema ou figura, que nesse caso é o oráculo, ou melhor dizendo, a palavra proferida através da escrita:

Por outro lado, a construção da narrativa é suficientemente elaborada para ter sido possível discernir nela a presença da chamada 'composição em pedimento', ou seja, a aplicação dos mesmos princípios estéticos visíveis na arquitetura dos templos gregos, que dispõe as diversas partes da decoração escultórica em torno de um tema ou figura central. (Rocha Pereira, Heródoto, Livro I, 1994, XXX).

Se podemos atribuir a Heródoto tal construção de estilo de narrativa, fica ainda mais evidenciada sua semelhança estética que gira em torno da unidade do oráculo de Apolo em Delfos, por exemplo, e em relação a esta questão, para terminar a exposição da análise da citação anterior, podemos então concluir que Heródoto constrói, de forma estética, evidente e narrativa sua própria função de oráculo enquanto palavra proferida escrita, com o objetivo de relacionar toda a unidade dos acontecimentos importantes das ações humanas entre gregos e bárbaros, a unidade aqui tem por objetivo a manutenção e clareza dessas mesmas informações direcionadas ao entendimento do leitor.

#### 1.1.4 Manutenção

Lembrando que o efeito da palavra proferida escrita tem por fim a manutenção das informações que Heródoto considera importantes, uma delas, que considero de grande relevância, é a própria perpetuação do autor das *Histórias*. Curiosamente ele que, em última instância, escreve a unidade da obra, coloca-se a ele próprio como um dos pilares participantes, em primeira pessoa, e assim ele de certa forma se mantém imortalizado pela manutenção que tem por finalidade o diálogo através da leitura: “Mas há ainda outra particularidade na escrita de Heródoto que torna sua obra especialmente atraente. É a presença constante da sua própria pessoa, como que em diálogo com o leitor, tal como haviam de fazer, muitos séculos mais tarde, alguns dos grandes escritores românticos”. (Rocha Pereira, Heródoto, Livro I, 1994, XXXI).

Heródoto é um contador de *Histórias*, e como bom escritor metódico e historiador, viajante, coloca-nos a par das coisas que viu, ouviu, aprendeu e teve o zelo de registrar e manter esse conhecimento, ao qual ele próprio se inseriu enquanto personagem, para dialogar com o leitor e o convidar, numa unidade completa, a compreender o próprio sentido dessa unicidade informativa, na qual o estudante está virtualmente indissociado do autor: “Heródoto faz-nos repetidamente participantes daquilo que pensa, daquilo que viu e ouviu, do que se propõe a contar, com quem conversou, exprime dúvidas, raciocínios e opiniões, invoca até os deuses”. (Rocha Pereira, Heródoto, Livro I, 1994, XXXI).

O autor, em estilo narrativo, possui um método estético, já explicado anteriormente, colocado em prosa onde o proferimento da palavra é colocado de forma exata e sequencialmente, sendo o próprio modelo do oráculo (enquanto palavra proferida escrita, mas que permeia toda a obra do autor, a começar pelo livro I), mas esse pormenor nem sempre é visível a uma primeira leitura: “Eliminados esses escolhos, fica-nos uma longa obra, a primeira obra em prosa de grande extensão, como tem sido repetidamente acentuado, que fala

de muitos povos, com descrições variadas, digressões múltiplas e uma ordenação sequencial nem sempre visível a uma primeira leitura”. (Rocha Pereira, Heródoto, Livro I, 1994, XXVIII).

A manutenção da palavra proferida e escrita, modelo enquanto oráculo, mantém-se enquanto unidade do conhecimento e diálogo com o leitor, ação dos personagens através da revelação divina que depois encontra-se enquanto conjunto de toda a obra escrita, numa ordenação sequencial de ascensão e declínio numa virtualidade de permanência do *arco do destino*, como é o caso de Cresos e Ciro, no livro I, onde essa situação se revela:

Depois o excesso de sorte (εὐτυχίη) que parecia não o desamparar nunca em tudo o que fazia. Iludido por essas falsas premissas, Ciro perdeu a clarividência de outrora e não se mostrou capaz de decidir o que melhor conviria fazer. Fixou-se apenas no projeto de engrandecimento do império, sem ponderar, do mesmo modo que antes Cresos, a possibilidade de uma mudança da fortuna. (Ferreira e Silva, Heródoto, Livro I, 1994, pp. 46-47).

Pois o arco do destino, ou como sinônimo a roda da fortuna (por evidenciar-se circular ou mesmo composto analogicamente como uma espécie de anel), mantém-se enquanto lição moral no *Livro I das Histórias de Heródoto*. Lição implícita, mas numa leitura mais acurada, a verdade da palavra proferida pelo autor revela-se claramente enquanto entendimento ao leitor, pois mantém-se em todo o referido livro, traduzido enquanto compreensão do fundo moral pela situação dos personagens, aqui evidenciado pelo exemplo da citação acima, e posteriormente em situações semelhantes que ocorrem entre Cresos e Ciro.

Os dois personagens citados acima recaem no erro por ambição e por interpretar de maneira errada os avisos que lhe eram feitos, interpretação errônea por excesso de otimismo, e, tanto um quanto outro, encontraram um final mais funesto, e Ciro ainda pior porque encontrou a morte, quando reata-se a unidade dos acontecimentos em prol da manutenção desse fundo moral que se apresenta enquanto revelação desse mesmo entendimento:

Sem mais reflexões, Ciro reata o fio dos acontecimentos e avança contra os Masságetas, sem saber que era a morte que lhe estava preparada. Tudo se passa como Cresos tinha previsto. Cumpriu-se assim o destino daquele que foi o primeiro imperador dos Persas, um dia lúcido e atento aos seus limites, mas logo envenenado pelo sucesso e por uma sede insaciável de conquista. Ao seu lado Cresos, que já esquecido dos erros do passado e incapaz de reter para sempre a lição do destino, o compele e com ele prepara o caminho da ruína. (Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 49).

Por esse contraste, caracteriza-se bem a ideia da manutenção do arco do destino ou roda da fortuna em Heródoto, e se expôs o feito até aqui, foi para demonstrar que no decorrer

de todo o livro I das *Histórias* do referido autor, essa manutenção passa necessariamente pela palavra proferida através do oráculo, pois, como já explanado anteriormente, é ele quem dá o movimento das ações dos personagens, a exemplo de Creso, para citar, e essa unidade do conhecimento enquanto fundo moral, pela citação acima e por comparação, fica mais evidente.

Ainda analisando a citação — “*Creso, esquecido dos erros do passado e incapaz de reter para sempre a lição do destino*” — vem bem em contraste, mas corrobora com a afirmação de unidade e manutenção do objetivo de Heródoto, ele escreve para que os feitos dos homens não se esqueçam, sejam eles gregos ou bárbaros. Aqui a preocupação do autor quando fala do esquecimento de Creso e incorrência do erro do outro personagem (Ciro), e a lição do destino, revela implicitamente que é melhor manter e recordar os acontecimentos, e essa função de manutenção do conhecimento é dada pelo oráculo, pois o mesmo revela os ditames do próprio destino aos personagens em suas ações.

#### 1.1.5 Revelação

O próprio termo oráculo, já exposto o seu significado enquanto palavra proferida<sup>26</sup> e escrita por Heródoto, tem mais uma função, a de revelar o destino dos personagens. Função de revelação ao leitor.

Note-se que o próprio termo está indissociado da sua função de revelar, ou seja, está associado diretamente à sua funcionalidade, é para isso que ele serve de forma direta ao consulente, por isso Heródoto o reproduziu em sua escrita<sup>27</sup> e em termos de estilo, já tratado anteriormente.

Em tantas consultas e respostas oraculares, palavras proferidas por reprodução escrita de maneira reveladora como uma das funções mais importantes de armazenamento e entendimento do seu saber, e, em especial no *livro I de Histórias* ao qual pertence a análise que permite a dissertação desse presente trabalho, observa-se claramente que, nas figuras dos personagens Creso da Lídia e Ciro da Pérsia, essa revelação<sup>28</sup> enquanto conhecimento

---

<sup>26</sup> Vide nota 12.

<sup>27</sup> Heródoto havia se ocupado em reproduzir tantas consultas e várias respostas oraculares, muitas delas em estilo direto, indicando, assim, facilidade de acesso a informações provenientes do próprio templo. Sobre esse ponto, existem estudos que demonstram a importância de Delfos no período e na obra herodoteana. (Fonte: Rabello, 2013, p. 12).

<sup>28</sup> O caráter inelutável do destino é um tema frequente em Heródoto. (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, Cit. 154, p. 120).

apresenta-se segundo a curva da existência<sup>29</sup>, ou arco do destino que implica em um caminho ascensorial até ao ponto mais culminante da existência e depois, o caminho inverte-se para a queda.

Não precisarei aqui repetir no decorrer de toda a presente tese (que aqui tem o sentido grego de posição sobre o assunto tratado) a importância da intermediação e função dos oráculos para o feito. Então considerarei desde já a funcionalidade oracular como um dado adquirido enquanto pressuposto do entendimento dessa curva da existência que depois poderei demonstrar em outro capítulo mais adiante de maneira científica mas muito brevemente e de maneira simplificada *pelas premissas da exposição suficiente*, pois a palavra proferida também tem essa função no *livro I de Histórias* da qual a presente tese é composta. Mas por hora, para exemplificar, fica a citação para clarificar o que foi dito nos dois parágrafos anteriores:

Propõe-nos o livro I, com particular proeminência, a figura de dois monarcas, Creso da Lídia e Ciro da Pérsia, cujos destinos, sintonizados com a curva origem/ascensão/queda, se encontram e cruzam a dado momento. As cenas por que se desenvolvem estas duas existências reais são, desde logo, o frontispício da obra, a definição dos princípios básicos de que a sorte é efêmera, o homem fraco e cego, o poder corrosivo e a destruição inevitável. (Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, pp. 22-23).

Então, segundo a citação acima, podemos entender que a revelação do sentido moral da obra fica mais evidente enquanto princípios básicos da existência humana, a roda ou curvatura do destino, com sua origem, ascensão e queda, a questão da sorte efêmera que acompanha essa curva, criando a ilusão para o homem fraco e cego e corrompido pelo poder de que a mesma está do seu lado, quando na verdade está a caminho da ruína. A cegueira aqui é a da imediatez do poder e da ilusão da sorte, embora a curva do destino já esteja traçada para os atores.

São esses os princípios básicos da revelação dada pela palavra proferida nos escritos de Heródoto em seu *Livro I de Histórias*, e esse estilo acompanha sua obra como um todo, porque foi assim, fazendo metaforicamente às vezes do destino, que o próprio autor assim define<sup>30</sup> seu conhecimento ao leitor, expondo essa curva que tem uma tendência de expor uma universalidade<sup>31</sup> do conhecimento existencial das ações humanas em sua historiografia,

---

<sup>29</sup> Assente em elementos coincidentes entre os vários *logoi*, a história apoia-se no princípio da ascensão e queda do chefe de um povo, que tem por trás a ideia da instabilidade da fortuna e da fragilidade da natureza humana. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 22).

<sup>30</sup> Em Heródoto, as coisas acontecem porque têm de acontecer. (Fonte: Heródoto, Livro I, 1994, p. 22).

<sup>31</sup> A visão de Heródoto é a de um historiador universal, embora, como veremos, ele se defronte com um tema histórico particular. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 22).

mesmo que se ocupe com os temas particulares, pois é a partir da particularidade dos personagens que o conjunto moral de seu conhecimento se revela :

Creso, Ciro, Cambises ou Dario, todos seguem um destino paralelo que Immerwahr codifica segundo um padrão permanente de desenvolvimento: 1. origens de um chefe (como nasceu e como ascendeu ao poder); 2. primórdios do reinado até atingir o auge do seu poderio (momento que é marcado por um processo de ascensão muito rápido); 3. curva descendente, amplamente circunstanciada, que desfecha em destruição, ou, pelo menos, em declínio. (Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, 1994, p. 22).

De acordo com a citação acima, fica claramente evidenciada, virtualmente, a curva da existência colocada em Heródoto como um conhecimento de unidade através da ação da particularidade dos personagens, porque, embora os movimentos sejam diferentes pelos atores não serem os mesmos, assemelham-se e o resultado é o mesmo: o arco do destino revela-se no encaixe do conjunto das ações pertinentes na obra do autor, porque a situação moral segue, enquanto entendimento, repetindo-se; a saber, dependentemente dos personagens, a origem, o auge e a queda, é isso o que o *Livro I de Histórias* revela e que o oráculo movimenta e expõe.

## 1.2 Função de Prognóstico

Esta capacidade de prognóstico<sup>32</sup> revela-se em Heródoto, através dos seus personagens, no sentido de organização dos mesmos influenciados pelo oráculo<sup>33</sup>, já que ele transfere a ideia de responsabilidade das ações para a esfera do tempo e espaço humanos na própria reflexão do sentido histórico<sup>34</sup> revelado no destino.

Dado o referido no parágrafo anterior, o prognóstico apenas antevê o sentido mais claro de unidade da definição do próprio entendimento histórico da existência humana, revelada particularmente aos personagens em suas ações, que são partes dessa mesma função, a da revelação e sentido dessa mesma unidade<sup>35</sup>, concluo então que o oráculo faz assim todo o

---

<sup>32</sup> As fronteiras entre os domínios do racional e do sobrenatural eram extremamente imprecisas na antiguidade. Remontam ao mundo indo-ariano as primeiras tabulações a respeito da magia, ou seja, a religião dos magos, que eram confundidos com os sacerdotes persas e medos da religião de Zoroastro, também denominados pelos gregos e romanos de *caldeus*. Conta-nos Heródoto (2.33; 4.105) que os magos (*magoi*), (*goetes*) iranianos se consagravam a práticas divinatórias, médicas e astrológicas. (Fonte: Mendes, 1993, p. 199).

<sup>33</sup> Portanto, ao mesmo tempo em que se nomeia, Heródoto se isenta de falar sobre os deuses e suas ações. Não completamente, contudo. Além disso, por não tratar das ações divinas, Heródoto fica sujeito à temporalidade e à espacialidade humanas. *Ele precisa organizar, colocar alguma forma de sequência e, se assim podemos dizer, constituir alguma lógica na grande massa de informações de que dispõe.* (Fonte: Rabello, 2013, pp. 14-15).

<sup>34</sup> Vide nota 7.

<sup>35</sup> οὔτοι ἀπ'ἀρχῆς πάντα θεοὶ θνητοῖσ' ὑπέδειξαν, ἀλλὰ χρόνοι ζητοῦντες ἐφευρίσκουσιν ἄμεινον. Trad. "Aos mortais, os deuses não revelaram tudo imediatamente, para que os mesmos descubram com o passar do tempo,

sentido se for proferido pelos personagens, e que seja citado seguidamente em toda a obra do Heródoto, *estando assim revelado que o oráculo, enquanto palavra proferida e prognóstico, tem e cumpre sua função imediata de unificar o conhecimento do historiador*<sup>36</sup>, cumprindo ainda outras funcionalidades que logo veremos a seguir, os oráculos tem funções que são necessárias e úteis para a compreensão da obra desse autor.

### 1.2.1 Oráculo

O oráculo, enquanto palavra proferida, que contém em si mesma a função de prognóstico, utiliza-se não só do modelo que idealizamos enquanto o sagrado que prediz o futuro e movimenta os atores, como Heródoto se utiliza de outros recursos e personagens para cumprir a mesma função oracular, ou seja, os sonhos<sup>37</sup>, os prodígios e os sábios conselheiros. Todos têm as mesmas funções, alertar sobre o acontecimento daquilo que está por vir. É a antecipação que marca no texto o próximo ato futuro dado aos personagens.

De acordo com o parágrafo acima, os personagens também têm a funcionalidade de oráculos, pois mantêm a função inerente de prever o futuro. A palavra proferida, escrita, que antevém e tem a função de prognóstico, na verdade antecipa um desvelar que o próprio destino carrega, o de fazer um personagem completar sua função dentro do corpo das *Histórias*, e assim consagrar a lição moral que o autor mantém ao leitor. Para exemplificar, cito essa passagem:

De Gíges chegara a Cresos, por via hereditária, não apenas a herança da autoridade sobre os Lídios, mas também o peso da expiação de um assassinio; Gíges ascendera ao trono depois de matar Candaules à traição, e, se o oráculo de Delfos ratificara essa sucessão, sujeitara-a a uma cláusula: que a vingança do crime recaísse sobre o quarto descendente do usurpador, Cresos. (Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, p. 23).

Os personagens não são livres, já que Heródoto assim definiu a cada um, um fim, fazendo ele próprio enquanto autor das *Histórias*, o papel das *Moiras*<sup>38</sup> no que se refere aos atores que desenvolveu de maneira condicionada, por exemplo; fazendo do assassinato de

---

aquilo que é o melhor” (no sentido de revelação de unidade dos acontecimentos). Xenófanes, frg. Diels-Kranz, 18.2-3. (Citado por Vidal Naquet, 1960, p. 62).

<sup>36</sup> Contudo, existe a proximidade etimológica de *χρησμός* com *χρή* que, num primeiro sentido, significa “aquilo que é útil”, “o que é necessário”. (Fonte: Rabello, 2013, p. 32).

<sup>37</sup> Estes têm em Heródoto, como os oráculos, os prodígios e sábios conselheiros, a função de predizer o futuro. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 8).

<sup>38</sup> *Átropos* é uma das três *Moiras*, a que não pode ser abrandada, pois cortava, inflexivelmente, o fio da vida humana. Era representada vestida num traje negro e fúnebre, condizente com a severidade de sua função, tinha a seu lado diversos novelos de fio, cuja extensão variava de acordo com a duração das vidas a serem cortadas. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 17).

Candaules a base pela qual Creso no futuro pode ser o *Rei da Lídia* e, por esse mesmo motivo, perder o mesmo reino e cair em desgraça, numa perfeita unidade, e para facilitar a abstração, enquanto modelo novelístico<sup>39</sup> ou anel<sup>40</sup>, como por exemplo, quando escreve sobre a infância e ascensão de Ciro.

Poderíamos especular se Creso, se tivesse sido mais prudente ao aconselhar-se com o *Oráculo*, se o seu destino poderia ser outro, caso ele interpretasse corretamente a ambiguidade da palavra proferida. Enquanto lição moral, o autor nos deixa essa reflexão possível, mas temos que ter em conta que, tal como as *Moiras*<sup>41</sup>, Heródoto não negocia com os personagens, o destino de cada um já está dado e isso é revelado enquanto unidade dos acontecimentos que finalizam as ações dos mesmos em *eudaimonia* ou o seu inverso<sup>42</sup> no método de escrita, sendo este um dos veículos das revelações demonstradas através dos prognósticos, que vou abordar agora um a um, e aos quais já me referi anteriormente.

### 1.2.2 Sonhos

Os sonhos<sup>43</sup> contêm os presságios, e por isso têm a função de prognóstico, de predizer o futuro, de proferir uma sentença, ou seja, acabam por desempenhar a função de oráculo e são muito populares nos escritos do Heródoto, e em particular no *Livro I de Histórias*, o qual tomo por base de toda essa presente dissertação.

Conforme dito e explicado anteriormente, o prognóstico antecipa uma ação futura do personagem antevendo o seu final, como por exemplo nessa citação, onde, depois de Creso conversar com Sólon sobre o sentido da felicidade, Heródoto acrescenta na sequência desse encontro o prognóstico do sonho para que o efeito dramático no corpo do personagem lídio se estabeleça de maneira mais acentuada, exatamente para valorizar o presságio e o seu sentido moral:

A tragédia não se faz esperar. Mal Sólon havia partido e já os deuses, contra o rei da Lídia, desencadeavam a vingança (34.1). Um sonho, segundo aviso a alertar a consumação do destino, anunciou-lhe a morte do seu filho Átis, atingido por uma ponta de ferro. A coerência dramática entre as duas cenas é perfeita. Sólon falara da

<sup>39</sup> Trata-se de uma digressão de índole novelística, em que a lenda tem papel importante. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 15).

<sup>40</sup> É afinal um retomar da frase que introduz a história da infância e ascensão de Ciro, segundo a técnica da *ring composition*. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, p. 15).

<sup>41</sup> Originalmente, as *Moiras* simbolizavam a ‘porção’, ‘lote’ ou ‘parte’ da vida, de felicidade e de infortúnio, e cada ser humano possui a sua *Moira*, e aos poucos, desenvolveu-se a ideia de uma *Moira universal*, dominando o destino de todos os homens, e depois dividiram-se em três, que simbolizam os momentos culminantes da vida humana, nascimento, auge e morte. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 143).

<sup>42</sup> Na iminência do fim, o monarca compreende que não se deve julgar a felicidade humana antes de assistir ao derradeiro minuto de uma vida. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 36).

<sup>43</sup> Os *Sonhos* são os filhos do *Sono*, contêm os presságios. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 170).



instabilidade da fortuna, e incluía, no seu conceito de felicidade, o poder assistir ao florescer de uma longa geração que a morte sempre poupasse. E logo a fortuna desanda e atinge o monarca precisamente na pessoa do seu sucessor, digno depositário das mais promissoras esperanças. (Ferreira & Silva, Heródoto, Livro I, p. 28).

Note-se que, com o aviso que apareceu através do sonho, em contraste com a anterior conversa entre Creso e Sólon, o destino do monarca já encerra um infortúnio, ou seja, com o prognóstico da morte do filho, fica já evidenciada a não continuidade da geração de Creso no poder, pois esse presságio antecipa no decorrer da ação, a sua própria desgraça, já que, na concepção do mesmo termo, quem acompanha o filho de Creso, Átis<sup>44</sup>, no caminho da morte é Adrasto<sup>45</sup>, o frígio que o lídio acolheu em seu palácio; podemos inferir então que já anunciava-se, com essa ação de acolhimento, o fim de seu reinado.

Depois de assassinar involuntariamente Átis<sup>46</sup>, Adrasto perde sua função enquanto personagem e suicida-se num final<sup>47</sup> dramático :

Mas Adrasto, filho de Górgias e neto de Midas, ele que matara o próprio irmão e causara a morte de quem o purificara, logo que se viu junto ao sepulcro, isolado de todos, reconhecendo ser o mais desafortunado de todos os homens que conhecia, imolou-se sobre o túmulo, por suas próprias mãos. (Heródoto, Livro I, 45.3).

Note-se aqui um pormenor da citação “*ele que matara o próprio irmão e causara a morte de quem o purificara*”; essa parte é importante porque defendo que Heródoto não a escreveu ao acaso. Ao matar Átis, causou a morte simbólica de quem o purificara, ou seja, o próprio Creso, porque não podemos destoar da lógica de Heródoto, é a morte desse filho do lídio que anuncia a própria desgraça do monarca, através do sonho mal interpretado. É essa má interpretação da palavra proferida pelo simbolismo do onírico que fornece os elementos sequenciais pelos quais Creso perde realmente seu reino para Ciro no futuro, a descendência

---

<sup>44</sup> Creso não tenta diluir a verdade, confessa as apreensões que o afligem na sequência do sonho premonitório e as diligências tomadas no sentido de, enquanto for vivo pelo menos, evitar a desgraça. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 29).

<sup>45</sup> Príncipe frígio. Tendo matado involuntariamente o irmão, refugiou-se na corte do rei Creso, que o fez preceptor de seu filho. Numa caçada, Adrasto sem querer matou o príncipe. Desesperado, suicidou-se. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 3).

<sup>46</sup> Adrasto ferido pela desgraça, Creso encontra palavras de conforto, ao ilibá-lo de uma morte de que não é afinal, o verdadeiro responsável. Perante o inevitável da morte, o rei tem um primeiro lampejo de lucidez e desperta para uma verdade da qual, até então, quisera manter-se alheio; por trás do golpe, reconhece a mão de um deus, aquele mesmo que há muito o condenara à infelicidade. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, p. 30).

<sup>47</sup> Em toda essa sequência de episódios, que começa com a visita de Sólon e desfecha na morte de Átis, sequência detentora de uma certa independência em relação à narrativa geral, se detectam todos os elementos de um autêntico drama trágico de Creso, o aviso de Sólon e do sonho e a ação de Átis a condicionar a queda. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, p. 30).

que assim procede num reinado não pode durar, nem o reinado do monarca; um exemplo desse erro de interpretação que precipita a morte de Átis:

Respondeu-lhe o jovem nesses termos: Compreendo, pai, que tu, ao teres semelhante visão, tomes precauções a meu respeito. Mas há um pormenor de que te não apercebeste, por estar escondido no teu sonho, e é justo que eu te patenteie. Dizes que o sonho te revelou que eu vou perecer, devido a uma ponta de ferro. Que mãos tem o javali e qual a ponta de ferro que tu temes? Ora, se te tivesse dito que eu morreria por efeito de um dente ou por outra coisa que a essa se assemelhe, então convinha que fizesses o que fazes, mas ele referiu-se a uma ponta de ferro. Uma vez que não teremos combate contra guerreiros, deixa-me ir. (Heródoto, Livro I, 39.1).

Ou seja, tanto esse filho de Cresos interpretou o sonho de maneira a satisfazer seu desejo de caçada, quanto o Lídio assim acolheu a interpretação: “Cresos respondeu: Meu filho, tiveste artes de me persuadir, ao manifestar a tua opinião sobre o sonho. Assim, convencido por ti, reconsidero e deixo-te ir para a caça”. (Heródoto, Livro I, 40.1).

E nesse ponto Cresos, no futuro, vai sempre interpretar o oráculo e os presságios de maneira a pensar que o faz sempre de maneira correta<sup>48</sup>, e é essa cegueira de visão decorrente dos seus próprios interesses particulares de ambição e falta de ponderação que fará com que seu reino se perca para sempre, pelas mãos de Ciro da Pérsia.

### 1.2.3 Sábios conselheiros

É notório que os sábios conselheiros também têm a função de oráculo já que proferem a palavra e causam um ponto de contraste geralmente marcado como *hybris* do personagem principal e a voz sensata da prudência e racionalidade que a situação exige, e um deles é Sólon:

Acorrem a Sardes, que estava no auge da sua riqueza, cada um por sua razão, todos os outros sábios da Hélade que na altura viviam. Entre eles contava-se também Sólon. À sua chegada, foi hospedado por Cresos em seu palácio. Cresos perguntou-lhe: Veio-me agora o desejo de te perguntar se já viste alguém que fosse o mais feliz dos homens. Interrogou-o dessa forma, na esperança de ser ele o mais feliz de todos (Heródoto, Livro I, 1994, 29.1).

Aqui fica já, pelo parágrafo acima, determinado claramente que Cresos interroga sempre na perspectiva de estar correto em suas expectativas pessoais. A ideia de riqueza da uma visão particular de *eudaimonia*, e Sólon, o sábio, o contrasta com a visão mais geral e unificadora da ação do desenrolar da *fortuna* de Cresos, que contrastante é exatamente o

<sup>48</sup> Entretanto Cresos, por erro de interpretação do oráculo, dispôs-se a fazer uma expedição contra a Capadócia, na esperança de abater Ciro e o poderio dos Persas. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 71.1).

inverso, mesmo um rei como o Lídio já está de antemão<sup>49</sup> condenado pelo destino, e pior, iludido em suas expectativas particulares.

Esse desenrolar universal da unidade do destino vai aparecendo enquanto prognóstico<sup>50</sup>, já quando Sólon sai de cena e a morte de Átis se confirma. Mas voltando ao pormenor dessa ideia de função da palavra proferida pelo sábio Sólon por contraste, vamos aqui esclarecer com a situação do mesmo autor antes referido na outra citação, antes ainda da morte do filho do rei Lídio:

Porém, Sólon estava muito longe de o querer lisongear e referiu, como os mais felizes, os nomes dos atenienses mortos heroicamente, acrescentando: ` Ó Cresos, eu sei que a divindade é toda inveja e irritável, e tu interrogas-me sobre coisas humanas. Ora, no longo de um tempo de uma vida, há ocasião de ver e padecer muitas coisas que uma pessoa não queria. Pareces-me muito rico e rei de muitos homens, mas o que tu me perguntaste eu não te posso dizer que o sejas, antes de saber se atingiste feliz o termo da vida. É necessário ver o fim de cada coisa e como se vai concluir. É que a muitos deixa ver o deus a felicidade e depois os abate sem apelo. (Kapuscinski, 2004, pp. 71-72).

Então é verdade, Sólon profere que é realmente necessário ver o fim de cada coisa e como se vai concluir, antes de dizer se alguém foi feliz ou não, já que o deus deixa ver a felicidade e, de acordo com o parágrafo acima, depois abate o personagem sem apelo. É exatamente o que acontece com Cresos posteriormente; essa resposta já está marcada com o prognóstico dado pelo *Sábio*, que é a revelação do futuro funesto do personagem.

Para concluir, a palavra proferida por Sólon refere novamente o sentido de unidade que se vai abater pela ação do rei Lídio, que, imanente e pessoalmente, não percebe todo o conjunto dos acontecimentos do porvir, porque está envolvido pela sua própria ilusão e insolência (*hybris*), nisso Cresos se particulariza e não consegue ter a compreensão da unidade<sup>51</sup> na qual está inserido, mesmo assim a função oracular vai cumprindo a sua *função moral*, que pode ser assim exemplificada:

Num dos fragmentos mais conhecidos da sua produção lírica, a Elegia às Musas (fr.13 West), Sólon revela alguns dos princípios morais basilares no episódio herodotiano: venerar em excesso a riqueza faz com que os deuses levem o homem à perdição (vv. 11-3), a culpa, quando não expiada pelo seu autor, transmite-se aos

<sup>49</sup> Há um certo fatalismo sinistro no mecanismo de vingança. Há uma certa determinação irreversível. Acontece que, de repente, ocorre uma desgraça e nem se consegue entender porquê. Que aconteceu? Simplesmente chegou a vingança pelos crimes do antepassado. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 71).

<sup>50</sup> De fato, depois da partida de Sólon, o castigo divino atingiu gravemente Cresos, muito provavelmente porque se considerava, em sua ousadia, como o homem mais feliz do mundo. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 72).

<sup>51</sup> Subordinado a forças superiores de que não detém o mínimo domínio, como os deuses e a sorte, o ser humano vê-se dotado de uma fragilidade inata. Em consequência dessa sujeição, Cresos assiste ao desmoronamento da sua principal crença, segundo a qual a posse de uma riqueza vastíssima devia ser entendida como certificado de ventura. A experiência da vida está a provar exatamente o contrário. (Fonte: Soares, 2003, p. 62).

descendentes (vv. 29-32). Não é, de forma alguma, inverosímil que Heródoto tenha conhecido os poemas de Sólon, porquanto, segundo testemunho de Platão (*Ti.* 21b), aqueles chegaram a ser ensinados nas escolas. (Soares, 2003, cit. 31, p. 63).

Então fica evidente que a verdade da palavra proferida pelo Sábio Sólon tem a função de antecipar, de certa forma, a desgraça do personagem Cresos que se expõe rico e venera a riqueza mostrando opulência justamente a um sábio que simboliza, pela razão e prudência em um claro *contraste*, o prognóstico de seu futuro através da palavra proferida ao Lídio.

Analisando a última citação acima, podemos dizer que, como forma de demonstrar que o monarca não é o mais feliz dos homens, implicitamente pelo poema soloniano deixa-se intervir a ideia clara expressa de que Heródoto não o colocou ali por acaso, pelo contrário, exemplifica, enquanto *sábio personagem conselheiro*, que seu fundo moral encaixa-se perfeitamente com a culpabilidade de Cresos enquanto descendente de Gíges.

São os princípios basilares morais, para completar o entendimento da citação: só podemos ter uma compreensão clara da ideia de felicidade quando o destino de um personagem chega ao fim, demasiada riqueza não é sinônimo de *eudaimonia*, a culpa pode ser transmitida por hereditariedade, os sábios conselheiros, a exemplo de Sólon, dão o prognóstico do futuro através de suas ações, simbolizando o *contraste* entre a prudência que é típica da palavra proferida enquanto *sabedoria* e a *hybris* do personagem que escuta a lição prudencial, nem sempre lhe dando ouvidos<sup>52</sup>, e nesse contraste de ações, o destino se revela quando a ação de um personagem chega ao fim, e assim podemos ver a sua unidade e completude.

Novamente podemos ver a funcionalidade do oráculo em ação, desta vez e novamente no contraste explícito entre a má interpretação do mesmo por Cresos e sequencialmente a introdução de outro sábio conselheiro enquanto função de prognóstico que já novamente antevém o destino do monarca Lídio. Note-se que, nesta altura dos acontecimentos, seu filho Átis já morreu e o monarca já anteriormente persiste em interpretar erroneamente a palavra que lhe é proferida. Dessa vez é um Lídio de nome Sândanis que cumpre essa função:

---

<sup>52</sup> Podemos por conseguinte concluir que as advertências de Sólon no sentido de Cresos não tomar por sinônimas a qualidade daquele que é próspero (*olbios*), isto é, que possui fortuna material (*olbos*), e daquele que é afortunado (*eutyches*), isto é, que goza da boa sorte (*eutychia*), encerram a definição da verdadeira felicidade, a *eudaimonia*. De fato, na luta permanente do homem contra a precariedade congênita da sua raça e contra a inveja divina, a *eutychia* assume-se como garante essencial do sucesso. No entanto, não obstante os esforços envidados pelo Ateniense no sentido de esclarecer o anfitrião, de momento os seus bons conselhos não merecem mais do que o desprezo arrogante do Lídio. (Fonte: Soares, 2003, p. 70).

Entretanto Creso, por erro de interpretação do oráculo, dispôs-se a fazer uma expedição contra a Capadócia, na esperança de abater Ciro e o poderio dos persas. Mas, quando Creso se preparava para marchar contra os Persas, um lídio, já antes considerado um homem sábio, e que, devido a opinião agora emitida, ganhou grande renome entre os Lídios (Sândanis era o seu nome). (Heródoto, 1994, Livro I, 71.1).

Se Sólon não conseguiu convencer o monarca com suas sábias palavras e nem a morte do filho<sup>53</sup> o fez refletir adequadamente, agora é a vez do sábio conselheiro lídio Sândanis tentar evitar a desgraça final de Creso, que quer marchar contra os Persas, pois é nesse encontro que ele perde o reino da Lídia, e de certa forma, essa desventura já se antecipa quando o monarca, representante do povo lídio, pede que os mesmos sacrifiquem tudo em função do oráculo<sup>54</sup>.

Creso, ele próprio, ao cumprir seu destino, sacrificou<sup>55</sup> seu reinado. Mas vamos as palavras de Sândanis que mostram, em contraste de tudo o que expus nesses parágrafos, em especial nas notas 53 a 55, o sábio conselho que, em análise, clarificam a função de prognóstico quando o mesmo profere a palavra ao rei lídio antes de sua queda e evidência da unidade do destino do personagem, exatamente por não ouvir o seguinte conselho:

Ó rei, preparas-te para fazer guerra contra tais homens, que trazem calças de couro e também de couro os demais vestuários, que não comem o que querem, mas o que têm, já que habitam um país pedregoso. Além disso, não consomem vinho, mas bebem água e não têm figos para comerem nem outra qualquer delícia. Por um lado, se venceres, que lhes tomarás tu, a eles que não têm nada? Na verdade, quando provarem as nossas comodidades, afeiçoar-se-ão a elas e não será possível afastá-los. Eu, por minha parte, tenho de dar graças aos deuses, por não incutirem no espírito dos Persas a ideia de fazerem guerra contra os Lídios. (Heródoto, 1994, Livro I, 71.2).

Então fica devidamente esclarecida, por essa citação acima, que o sábio conselheiro Sândanis adverte Creso, através da palavra que profere com a função de prognóstico “[...] *que*

<sup>53</sup> Após a morte do filho, Creso passa dois anos submerso numa profunda tristeza. Naquele tempo, na vizinha Pérsia, o grande Ciro chega ao trono, e o seu poder não pára de aumentar. Creso teme que o reino de Ciro se torne demasiado forte, pois pode ameaçar a Lídia, e para evitar uma eventual invasão decide atacar primeiro. Na altura, era habitual consultar o oráculo antes de tomar decisões importantes. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 72).

<sup>54</sup> Na Grécia desse tempo há vários oráculos, mas o mais importante tem o seu templo na alta colina de Delfos. Para merecer a premonição favorável do oráculo, é preciso agradar ao deus de Delfos fazendo oferendas. Portanto, Creso ordena uma recolha gigantesca de oferendas. *Ordenou ainda a todos o Lídios que cada um sacrificasse o que pudesse*. Mal podemos imaginar o numeroso e humilde povo lídio a chegar pelos caminhos ao lugar da pira para queimar tudo o que pudessem sacrificar: adornos de ouro, objetos de culto e domésticos, vestidos de cerimônia e de uso diário. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 72).

<sup>55</sup> A resposta do oráculo de Delfos rezava: se entras em guerra com os Persas, destruirás um grande império. E Creso, como desejava essa guerra, cego pelo fervor bélico, interpretou a profecia assim: se atacas a Pérsia, vais destruí-la. Porém a Pérsia, e nisso tinha razão, era um grande império. Começou assim a batalha, mas acabou por perder a guerra, destruindo, conforme a profecia, o seu próprio grande império e deixando-se capturar. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 73).

*lhes tomará tu, a eles que não têm nada?*” de que o povo que o monarca pretende atacar apenas pode lhe dar pobreza e austeridade, adverte ainda que, em contraste com as riquezas do reino da Lídia, uma vez entrando os *Persas* no território de Creso, estes de lá não mais sairão com facilidade “[...] *quando provarem as nossas comodidades, afeiçoar-se-ão a elas e não será possível afastá-los*”. Ora, isso só pode acontecer se os lídios estiverem subjugados pelos *Persas*, pois Creso nada ganha em atacar quem nada de especial tem para dar ao estilo de vida lídio, que é superior em requinte e abundância.

O prognóstico é claro e anuncia o infortúnio do monarca lídio, que não se convenceu do aviso<sup>56</sup> e com isso selou seu destino e o do seu reinado para sempre no livro I das *Histórias* de Heródoto.

#### 1.2.4 Prodígios

Os prodígios nas *Histórias* de Heródoto, em especial no *Livro I*, estão relacionados com eventos decorrentes de situações incríveis, que também corroboram enquanto função oracular, no sentido de também anteciparem uma ação por demarcação de algum ponto que simboliza a prudência ou a ação de imprudência (*hybris*), sendo um ponto de reflexão importante, tanto no ato do movimento dos personagens, quanto ponto ou marco onde se encontram os atores<sup>57</sup> na curva do destino. Um dos exemplos mais claros é o prodígio da salvação de Creso da pira, quando invoca, em primeiro lugar, Sólon, e em seguida, o próprio Apolo:

E a Creso, quando se encontrava sobre a pira, embora no meio de tão grande desgraça, veio-lhe ao espírito a afirmação de Sólon, que lhe parecia ter sido proferida por inspiração divina, de que ninguém é feliz enquanto viver. Apenas isto lhe ocorreu ao pensamento, suspirou, lamentou-se e, depois de longo silêncio, por três vezes pronunciou o nome de Sólon. (Heródoto, 1994, Livro I, 1.85-87).

Sólon aqui representa o homem prudente, ou seja, ele invoca três vezes a representação da prudência que só tarde demais, a ponto de ser queimado vivo na pira, no meio da desgraça, lembra-se. Mas isso em nada o faz feliz, se observar a citação de que *ninguém é feliz enquanto viver*, Creso, ao invocar um homem e não um deus, permanece, de acordo com a curva do destino (conforme nota 57), dentro ainda dos desígnios de sua própria

<sup>56</sup> Assim falou, mas não convenceu Creso. Os *Persas* na verdade, antes de submeterem os Lídios, não tinham luxo nem bem estar. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 71.4).

<sup>57</sup> Ambos podem conversar de igual para igual, porque as suas posições de vencedor e vencido nivelam-se no plano do mortal poderoso, a quem o destino tratou de modo diverso. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 36).

humanidade, não no fim da curva da existência, mas no meio dela, tanto que se salva, por intermédio de Apolo, mas a prudência já aparece identificada pelo arrependimento de Creso. Vamos a citação para compreender isso melhor:

Creso, ao ouvir dos intérpretes o que Creso tinha dito, arrependeu-se e pensou que ele, também um homem, estava a entregar vivo às chamas um outro homem, cuja prosperidade não fora inferior à sua. Temendo, além disso, o castigo e refletindo que nada é seguro entre os homens, ordenou que apagassem o fogo aceso e descessem Creso e os que estavam com ele. Mas eles, embora o tentassem, não foram já capazes de dominar o fogo. Então, contam os Lídios que Creso, ao dar-se conta do arrependimento de Creso, por ver que todos se esforçavam para apagar o fogo, mas não conseguiam detê-lo, invocou em voz forte Apolo [...]. Entre lágrimas invocou o deus e, de súbito, no céu claro e sem nuvens, rebenta a tempestade e cai um forte aguaceiro que apaga a pira. (Heródoto, 1994, Livro I, 1.86.6).

Note-se que o sentido de igual condição humana já se coloca, de acordo com o parágrafo acima, na ideia de que Creso vê Creso sob a pira como um igual, *pois estava a entregar vivo às chamas um outro homem cuja prosperidade não fora inferior à sua*, teme o castigo ao ver no monarca vencido um próprio reflexo do seu futuro enquanto incerteza, pois *nada é seguro entre os homens*. Então, mesmo que a prudência tenha tocado o coração do soberano vencido e do vencedor (na ordem Creso e Creso), nem isso, dada a contingência e incerteza da vida humana, poderia salvá-los de coisas que só os deuses poderiam controlar, simbolizado pelo fogo *que todos se esforçavam por apagar, mas não conseguiam detê-lo*. E nesse momento, como último recurso de salvação para não ser exterminado pelas chamas na pira, Apolo, uma das doze divindades do *Olimpo* que tem o poder que está além da imanência humana, intervém e salva o lídio.

E estas intervenções demonstram claramente a relação das palavras que são proferidas pelo personagem Creso enquanto invocações e imediatamente o seu resultado, ou seja, a partir da representação do deus Apolo que guarda o oráculo, temos o prognóstico do futuro do personagem pelo funcionamento do prodígio, que parte da palavra proferida até a intervenção do próprio deus; pois *entre lágrimas invocou o deus e, de súbito, no céu claro e sem nuvens, rebenta a tempestade e cai um forte aguaceiro que apaga a pira*. Então aqui já sabemos que o personagem ainda não completou toda a sua função nas *Histórias* de Heródoto, pois ainda não chegou ao fim da curva do destino e sua aventura continua como súdito<sup>58</sup> de Creso, prognóstico claro dado pelo funcionamento desse prodígio, a palavra proferida pela invocação e posterior salvação do personagem.

---

<sup>58</sup> “E ele disse-lhe: Visto que os deuses me deram a ti como escravo, se em algo vejo mais claro do que tu, é justo que te revele”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 89.1).

Mas agora, vamos a outra situação que o prognóstico desse prodígio revela em sua função, Creso salvo por Apolo. Sabemos que Apolo é um deus grego do qual o lídio era devoto, curiosamente ele devota e crê num oráculo de um povo ao qual ele invadiu e submeteu: “Quanto a mim, a respeito de tais acontecimentos, não vou afirmar que as coisas se passaram assim ou de outra maneira, mas, depois de assinalar aquele que eu próprio sei ter sido o primeiro a cometer atos injustos contra os Helenos, avançarei na narrativa”. (Heródoto, 1994, Livro I, 5.3).

Mesmo tendo sido o primeiro monarca a submeter os gregos, de acordo com a nota acima, Apolo o salva das chamas da pira (conforme já exemplificado antes), mas não impede o desfecho da sua função<sup>59</sup> que foi dada na palavra proferida enquanto invocação e no seu posterior desenrolar do prodígio, o deus assim justamente o promove, pois *o personagem* vai fazer parte importante na finalização<sup>60</sup> do destino do próprio Creso da Pérsia:

Portanto, repito, já pensava ter-me despedido de Creso, humilhado e vencido, quando, de repente, ele reapareceu nas páginas do livro de Heródoto, desta vez na companhia do rei Creso que, encabeçando o exército persa, partia à conquista dos Masságetas, povo valente e selvagem que vivia na Ásia Central, algures nas margens do rio Amu-Daria. (Kapusinski, 2004, p. 75).

Ou seja, Creso só pode fazer parte da campanha de Creso contra os Masságetas porque Apolo interviu na salvação do lídio, porque o mesmo proferiu as palavras invocando a prudência enquanto representação da palavra de Sólon, e em seguida o auxílio divino do próprio deus a quem era devoto.

Fica agora mais clara a função que Heródoto, dado o exposto, tem enquanto prognóstico por intermédio da palavra proferida enquanto funcionalidade, através dos prodígios exemplificados: Apolo não impede o desfecho do destino dos personagens, repito, o promove, pois o símbolo da desgraça e do conselheiro que o envolve, na capa da prudência pelo aprendizado do sofrimento passado e vivido, mas que leva Creso ao infortúnio da morte, é a figura<sup>61</sup> de Creso derrotado, que acompanha Creso em campanha fatídica para este último contra os Masságetas.

---

<sup>59</sup> “Pensava que já tinha me despedido definitivamente de Creso, que de forma alguma me parecia humano, nem pela sua vaidade ingênua e não dissimulada, devida às riquezas admiradas pelo mundo inteiro; nem pela sua piedosa fé no oráculo de Delfos, nem pelo seu desespero na perda do filho, para a qual tinha contribuído, nem pela depressão trágica após a perda do império, nem pela resignação ao martírio pela morte nas chamas, nem pela sua revolta blasfêmica contra as sentenças divinas que o condenavam pelo pecado de um antepassado que nem sequer conhecia.” (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 75).

<sup>60</sup> Mas esta pretensão já levou Creso à derrota e agora vai provocar o desastre de Creso. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 75).

<sup>61</sup> “Aumenta a tensão premonitória do grande confronto. Depois das palavras de Creso sobre a roda da fortuna, Creso, que já é um monarca com uma experiência de vinte e nove anos no poder, começa a compreender a



Então, por conclusão dessa parte, Cresos contempla, por salvação<sup>62</sup> divina, a manutenção de seu próprio infortúnio enquanto homem que perdeu um reino. E, subjugado pelos Persas, auxilia o rei Ciro a finalizar-se enquanto personagem das *Histórias*<sup>63</sup>, no encontro com a própria produção trágica da morte<sup>64</sup>.

Reinos perdidos pela imprudência da ambição desmedida e demasiado humana promovida por um poder violento<sup>65</sup> que se julga soberano enquanto reinado, mas que no fundo é corrompido pela incerteza que o destino só deixa antever o seu sentido de dignidade em relação à morte apenas parcialmente<sup>66</sup> no decorrer da ação e completamente no seu derradeiro final (quando se manifesta nos atores) através da palavra proferida, nesse caso, pelo efeito dos prodígios como forma de antecipar, dado o exposto, o prognóstico da ação que define o futuro dos personagens.

### 1.3 Como Inspirador de Decisões e Afetação do Comportamento dos Personagens

Até agora e dentro do já exposto, podemos dizer com certeza que, se as *Moiras* de certa forma, enquanto mito e personagem<sup>67</sup> das *Histórias* de Heródoto, em especial a partir do *livro I*, que, conforme me referi, é base principal dessa dissertação de mestrado, definem o destino dos personagens (vide o caso de Cresos) na sua totalidade<sup>68</sup> e enquanto pressuposto de suas ações não negociáveis<sup>69</sup> com os humanos, por contrapartida há o intermédio de Apolo

---

seriedade do problema que se aproxima. E Ciro segue, ponto a ponto, os conselhos de Cresos, sem saber que assim caminha passo a passo para a sua própria morte”. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 79).

<sup>62</sup> O milagre é da alçada dos deuses, e nós estamos a tratar de homens. (Fonte: Pereira, 1972, Vol I, p. 27).

<sup>63</sup> “Então somente registro fatos e sobre eles me debruço para retirar lições atuais, papel de interesse para a história e de muito bom efeito para o homem.” (Fonte: Pereira, 1972, Vol II, p. 22).

<sup>64</sup> Implicitamente evocadas na narrativa herodotiana, a *Necessidade e a Moira*, forças que dominam e subjugam a ação dos personagens da tragédia, denunciam, também elas, senão a dívida, pelo menos a familiaridade do autor com os principais valores da produção trágica do séc. V. (Fonte: Soares, 2003, p. 265).

<sup>65</sup> “Depois o cenário é o de uma tragédia grega: o campo coberto de cadáveres dos dois exércitos. Assim termina a batalha. Assim cai Ciro. O palco esvazia-se, e só Tómiris permanece nele viva, no seu desespero e ódio”. (Fonte: Kapuscinski, 2004, p. 80).

<sup>66</sup> O pensamento basilar de que a forma e as circunstâncias em que se finaliza a vida constituem o fator determinante na classificação do homem como um ser feliz ou miserável leva Heródoto a representar as mortes das personagens da sua obra de acordo com dois paradigmas: o da morte digna (*kalos thanatos*) e o da morte vergonhosa (*kakos thanatos*). (Fonte: Soares, 2003, p. 102).

<sup>67</sup> Seus nomes correspondiam às suas funções: Cloto, a fiandeira, tecia o fio da vida de todos os homens desde o nascimento; Láquesis, a fixadora, determinava-lhe o tamanho e enrolava o fio, estabelecendo a qualidade de vida que cabia a cada um; Átropos, a irremovível, cortava-o, quando a vida que representava chegava ao fim. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 143).

<sup>68</sup> “Ele é, a partir de agora, o herói trágico, sobre o qual paira a ameaça do destino; na hora precisa em que se declara no auge do seu poder e felicidade, Cresos verá desabar, sobre a sua cabeça, sem tréguas, os golpes dolorosos da *Moira*. E Heródoto demora-se agora na definição dos degraus por que passa o derrube de Cresos, no qual o destino parece apostar-se com requintes de malvadez. Será toda sua vida, pessoal e pública, a desmantelar-se sem clemência”. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 27).

<sup>69</sup> Vide nota 38.

que vê<sup>70</sup> o que essas deusas tramam enquanto *destino* dos homens, ele profere a palavra e diz, enquanto oráculo, por intermédio de uma pítia<sup>71</sup>, o desenrolar da ação dos personagens.

E a partir do que é proferido e posteriormente interpretado, em última instância pelo consulente<sup>72</sup>, esse último com a informação em mãos decide, ou seja, fica inspirado a decidir<sup>73</sup> o seu caminho e muitas vezes o de um reino inteiro, como foi o caso de Creso.

Então é inegável, a palavra proferida inspira decisões e afeta o comportamento dos personagens, esta é mesmo uma de suas funcionalidades que corroboram com o drama (no sentido grego de ação) e desfecho ou destino final dos atores<sup>74</sup>, clarificado aqui já no decorrer dessa tese que podemos inclusive utilizar a expressão *proferir oráculos* (vide nota 71).

De acordo com o exposto até aqui, vou tratar agora, citando alguns desses personagens e como eles foram inspirados a decidir a partir do oráculo que não é só ou necessariamente um local físico, em essência é o *proferimento do prognóstico* do futuro dado por um personagem, seja através do templo, dos prodígios, dos sonhos ou dos sábios, o oráculo é *persona* representativa daquilo que lhe proferiu<sup>75</sup> o deus, o que conseqüentemente afeta, mesmo que indiretamente e por intermédio das circunstâncias dos outros atores, o seu comportamento final<sup>76</sup> como foi, por exemplo, o caso do suicídio de Adrasto.

### 1.3.1 Creso e Ciro

Com seu descendente direto morto pelo dardo de Adrasto, a saber, seu filho Átis, resta a Creso agora também perder sua natureza real, que é o seu poder sobre o império

<sup>70</sup> De todas as suas atribuições, a que mais importância assumiu entre os gregos foi o de *desvendar os ditames do Destino*. Para tanto, possuía vários templos espalhados pela Grécia, onde, através das pitonisas, *respondia as perguntas dos fiéis sobre acontecimentos futuros*. De todos os seus templos, o mais célebre estava situado em Delfos, no mesmo local onde Apolo, pouco depois do seu nascimento, matara a serpente Pitão. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 11).

<sup>71</sup> “Pítia ou Pitonisa: Sacerdotisa de Apolo no templo do deus em Delfos. *Proferia seus oráculos* sentada num tripé colocado sobre uma fenda de onde emanavam vapores. Primitivamente esse nome designava a sacerdotisa de Apolo, em Delfos. Com o tempo, passou a indicar todas as mulheres capazes de *proferir oráculos* ou adivinhar o futuro”. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, pp. 152-153).

<sup>72</sup> Vide nota 6.

<sup>73</sup> “À resposta de Apolo a primeira questão `se for feita campanha contra os Persas, será destruído um grande império’, o consulente lídio não consagra sequer um momento sério de reflexão; entende-a de acordo com seus mais íntimos anseios e supõe-na o necessário apoio divino ao seu projeto. Rejubila com ela e alimenta a esperança de aniquilar o reino de Ciro”. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 31).

<sup>74</sup> Têm merecido especial atenção as figuras de Creso e Gíges, sobretudo a deste, devido à concepção trágica que Heródoto imprimiu ao desfecho da sua vida. (Fonte: Espírito Santo, 1990, p. 56).

<sup>75</sup> Vide nota 8.

<sup>76</sup> “Não é pouco frequente encontrar-se nele o mesmo conceito de *hybris*, de *tisis*, de *moira*, de *ananke* e de inveja divina pela felicidade dos homens, o que o aproxima da reflexão moral arcaizante, e a mesma visão trágica da vida que foi desenvolvida pelos tragediógrafos do seu tempo”. (Fonte: Espírito Santo, 1990, p. 79).

Lídio. Ciro assume o poder real do vencido, para também, com o auxílio deste como conselheiro, ser ele próprio vencido e morto<sup>77</sup> pelos Masságetas.

Creso enquanto atuante pela influência conselheira, carrega ele próprio, na vida de infortúnio, a desgraça do rei persa, que encontrará, após os sábios conselhos do lídio, a justificativa para avançar em terra masságeta e ali encontrar a própria morte, ou seja, seu fim:

A resposta quis o rei decidi-la através de uma consulta aos mais fidedignos dos seus conselheiros, mas que, para o efeito, reuniu em assembleia. Apesar de a maioria pender para a luta em terreno persa, Creso ergueu a voz a defender a tese contrária e conseguiu determinar o rei a seguir seu conselho. (Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 47).

Personagem coadjuvante nessa tragédia, não deixa o destino de assim utilizar o vencido rei lídio para exaltar a *hybris*<sup>78</sup> de todo o poder que se relaciona com os atores de comando; a saber, afetando e influenciando o comportamento de Ciro e suas decisões, para o mesmo *encontrar seu trágico final pelo proferimento da palavra de Creso, o sábio conselheiro*:

Cumpriu-se assim o destino daquele que foi o primeiro imperador dos Persas, um dia lúcido e atento aos seus limites, mas logo envenenado pelo sucesso e por uma sede insaciável de conquista. A seu lado Creso, que já esquecido dos seus erros do passado e incapaz de reter para sempre a lição do destino, o compele e com ele prepara o caminho da ruína. (Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 49).

Muito claro, de acordo com todo o exposto nesse item 1.3.1, que Creso, enquanto sábio conselheiro, influencia Ciro em suas decisões e afeta o seu comportamento, e assim o mesmo cumpre seu destino porque o lídio funcionou aqui como oráculo, no sentido de que *proferiu a palavra e com isso direcionou o personagem* para seu fim. Fica sempre o contraste da lição de prudência da palavra que é proferida e sua posterior ação de excesso dos personagens<sup>79</sup> para o desenrolar e finalização das *Histórias*.

<sup>77</sup> Esta aventura em comum de Creso e Ciro carrega-se de estranha ironia: o rei que se considera acima do comum dos mortais muda de opinião e aceita o conselho, supostamente prudente, do homem que se afirma atento aos limites postos ao ser humano. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 49).

<sup>78</sup> Depois de um exórdio que é uma afirmação de lealdade, de experiência colhida no sofrimento, de consciência dos limites humanos e da mutabilidade da fortuna, Creso envereda afinal por uma *proposta de excesso* que cala fundo aos ouvidos de Ciro. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 47).

<sup>79</sup> Tal atuação da parte de um conselheiro é única nas *Histórias* e contraria aquele que é sempre o papel desse tipo de personagem, o de opor ao desejo de poder de um soberano argumentos de prudência e moderação. Atuação tanto mais surpreendente dentro do processo evolutivo da personagem do antigo senhor da Lídia, a quem o destino, pelo sofrimento, devolvera a certa altura a lucidez. Afinal, o futuro mostrou que Creso esqueceu essa lição para regressar ao seu fatal otimismo de sempre. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, pp. 47-48).

### 1.3.2 Creso, Átis e Adrasto

Como inspirador de decisões e afetação do comportamento dos personagens, a relação entre Creso e o suicídio<sup>80</sup> de Adrasto<sup>81</sup> tem como pano de fundo o sonho premonitório<sup>82</sup> da morte de Átis, e posteriormente, fato consumado, o cumprimento da profecia de Sólon<sup>83</sup> que se faz evidenciada.

Conforme indicado o significado do nome Adrasto, a própria ideia de inevitável está relacionada com o sentido de *inevitabilidade do destino*, mais, personagens como instrumentos desse último.

Adrasto demonstra sua função, que afeta o comportamento<sup>84</sup> de Creso quando este o acolhe em seu palácio, de forma inevitável e tal conforme seu nome indica. E pior, o inevitável é marcado pelo infortúnio de um homicídio involuntário, por já ter matado o irmão sem querer, isso também demonstra *a funcionalidade do personagem enquanto instrumento do destino como inevitável ação involuntária*, ou seja, Adrasto não quer matar ninguém, mas inevitavelmente é esse o papel trágico<sup>85</sup> que o destino<sup>86</sup> lhe reservou<sup>87</sup>.

Mas vamos ao pano de fundo do qual já me referi e que dá sentido ao desenrolar do drama dos personagens, o sonho premonitório de Creso, que a partir daqui afeta, enquanto funcionalidade de prognóstico do futuro, todos os atores, inspirando suas decisões:

De súbito, enquanto dormia, surgiu-lhe um sonho que lhe revelou a verdade sobre os males que iam atingi-lo através do filho. Creso tinha dois filhos, um deles com uma enfermidade, a de ser surdo-mudo, o outro era de longe superior em tudo aos da sua idade; Átis era seu nome. Ora o sonho mostrou a Creso como ele o perderia, ferido por uma ponta de ferro. Logo que acordou e se pôs a refletir, receando o sonho, casa o filho e, embora este costumasse comandar o exército dos Lídios, não mais o enviou a parte alguma em semelhante função. Os dardos e as lanças e as armas da mesma espécie, de que se servem os homens para a guerra, mandou-as retirar todas dos aposentos dos homens e recolhê-las em arrecadações interiores, para que nenhuma delas se desprendesse e caísse sobre o filho. (Heródoto, 1994, Livro I, 34.2).

<sup>80</sup> “Sobre a ideia de prudência dos personagens: O prudente nunca se dará por achado nem revelará o seu mal, pessoal ou herdado, pois até a fortuna às vezes desfruta ferindo onde mais dói, na carne viva”. (Fonte: Gracián, 1647, p. 77).

<sup>81</sup> “Adrasto significa *inevitável*. Portanto, de acordo com o próprio nome, fora o instrumento do destino”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, n. 55, p. 80).

<sup>82</sup> Surge então a advertência e, ao entender a intenção do outro, expõe as trevas revestidas de luz: decifra a intenção, mais dissimulada quanto mais simples. Assim luta a astúcia de Píton contra a candura dos raios de Apolo. (Fonte: Gracián, 1647, p. 7).

<sup>83</sup> “Cumprira-se dolorosamente a profecia de Sólon”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, p. 30).

<sup>84</sup> “Ó rei, o meu pai é Górgias, filho de Mídias, e chamo-me Adrasto. Por matar sem querer um irmão meu, aqui me tens, desterrado pelo meu pai e privado de tudo. Creso replicou-lhe do seguinte modo: Quis a sorte que sejas filho de amigos e tenhas chegado junto de pessoas amigas, onde não sentirás falta de nenhuma coisa, se ficares em nossa casa”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 35.3).

<sup>85</sup> Vide notas 74 e 76.

<sup>86</sup> Para tal, o autor aponta no sentido de uma transformação das relações vigentes. O sofrimento só pode ser substituído por um novo sofrimento. (Fonte: Kurnitzky, 1985, pp.71- 72).

<sup>87</sup> Idem nota 86.

Creso aqui, analisando a citação acima, acredita no presságio, mas quer evitar o inevitável, toma precauções nesse sentido, é pai zeloso e reflete sobre o que o sonho lhe disse, ou seja, tem a partir desse momento seu comportamento afetado o que altera drasticamente o desenrolar do outro personagem, seu próprio filho Átis que não mais comanda o exército lídio em campanha, até procura casar o filho para o mantê-lo protegido e ocupado em outros afazeres. Afasta-o das armas, procurando evitar o inevitável. E então, no momento seguinte, aparece<sup>88</sup> Adrasto.

E o inevitável acontece, Adrasto permanece<sup>89</sup> junto de Creso.

A curta frase acima foi para dar a ideia virtual da funcionalidade oracular do sonho e a sua posterior sequência que vai afetando os personagens. Eis que, de acordo com Heródoto, enquanto permaneciam juntos Creso e Adrasto, aparece a notícia de um javali perigoso que andava devastando os campos Mísios. E pedia-se ajuda ao rei para solucionar o problema, convocando o filho Átis<sup>90</sup> para o feito, e a resposta do rei lídio não se fez esperar: “Foi isso o que eles lhe pediram, mas Creso, recordado do sonho, dirigiu-lhes essas palavras: Não penseis mais no meu filho, que eu não o enviarei convosco”. (Heródoto, 1994, Livro I, 36.3).

O sonho fundamentalmente aqui inspira Creso e afeta sua decisão de não mandar o filho à caça. Ainda como rei prudente, acolhe o desígnio daquilo que o mundo onírico lhe transmitiu, mesmo que a inevitabilidade o acompanhe. Por consequência<sup>91</sup>, o filho Átis reclama da postura do pai, pois também é afetado pelo sonho que o rei lídio recebeu, e vai gerar uma dinâmica em diálogo entre pai e filho que vai definir o futuro de Átis e por consequência posterior, de Adrasto numa funcionalidade perfeita, então vou começar para entendermos melhor, a reclamação de Átis: “Que espécie de homem parecerei aos cidadãos e à mulher com quem acabo de casar? Com que homem pensará estar unida? Permite-me pois que eu vá a essa caçada, ou convence-me com argumentos que, para mim, é melhor que as coisas se façam de outra forma”. (Heródoto, 1994, Livro I, 37.3).

---

<sup>88</sup> “Quando tinha em mãos os preparativos do casamento do filho chegou a Sardes um homem, vítima de uma desgraça e sem ter as mãos puras: era de raça frígia e de estirpe real. Este homem apresenta-se no palácio de Creso e solicita o favor de ser purificado, de acordo com os costumes da região, e Creso purificou-o. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 35.1).

<sup>89</sup> “Adrasto permaneceu, pois, junto de Creso e, por essa mesma altura, apareceu no Olimpo da Mísia um belo exemplar de javali que, descendo dessa montanha, devastava as culturas dos Mísios. Muitas vezes saíam estes para lhe dar caça, mas ao invés de lhe causar qualquer dano, recebiam-no dele”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 36.1).

<sup>90</sup> “Pedimos-te agora, por isso, que nos envies o teu filho com um grupo de jovens escolhidos e de cães, para os expulsarmos da nossa terra”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 36.2).

<sup>91</sup> Vide nota 47.

E Cresos não tem reservas em dizer que foi o sonho, enquanto clara visão<sup>92</sup>, que inspirou a sua decisão, e por consequência isso afetou o seu comportamento e podemos dizer que dos outros personagens, de forma inevitável. Porque com argumentos ocultos também sobre o mesmo sonho, Átis convenceu o pai (39.1) a ir caçar o javali e para isso confia o filho ao hóspede Adrasto, num eterno otimismo que antecipa o inevitável:

Nem por isso, porém, Cresos deixa de evidenciar, ainda neste momento, o eterno otimismo de que é dotado, ao depor a sua segurança sobre um simples mortal, a quem a sorte já antes maltratara. A resposta do hóspede vem pejada da mesma ironia: só porque solicitado por Cresos, ele se dispõe a tomar parte num combate, o que em qualquer outra circunstância, o conhecimento da fatalidade da sua sorte o impediria de fazer. Ao seu rei benfeitor, no entanto, nada pode recusar e tudo fará para lhe dar prazer. Em troca dos favores recebidos chama a si a proteção de Átis e termina: ‘podes contar que há de regressar são e salvo, tanto quanto isso depender da minha salvaguarda’. (Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, pp. 29-30).

No fim, por causa da interpretação do sonho, o inevitável do mesmo estava a caminho de cumprir-se, tudo o que Cresos fez, as artimanhas e procedências, precauções de que havia tomado, simplesmente desvaneceram-se pela falta de profunda reflexão acerca do que seu filho Átis interpretara. Tomada por certa essa interpretação, clarifica-se aqui todo o movimento feito até agora por Cresos e sua relação com Adrasto na morte de Átis. Primeiro o monarca acolhe o inevitável em sua casa, depois, em sequência, envia o mesmo para estar junto do filho numa perigosa caçada. *Só porque solicitado por Cresos e ao seu rei benfeitor, nada pode recusar.*

A não recusa de Adrasto já demonstra seu caráter inevitável, e só porque Cresos assim o quer, e tudo porque o sonho inspirou e afetou e mesmo determinou o desenrolar e comportamento dos personagens; foi interpretado de duas maneiras, o que afetou as decisões, uma pelo pai e outra pelo filho, e assim, por defeito, o destino se cumpre também para Adrasto, primeiro por mais um homicídio involuntário, depois pelo suicídio:

Chegados ao Monte Olimpo, procuraram a fera e, depois de a terem encontrado e estabelecido o cerco, atiraram-lhe os dardos. Então o hóspede, o que tinha sido purificado do crime de homicídio e se chamava Adrasto, ao lançar o dardo contra o javali, errou o alvo e atingiu por acaso o filho de Cresos. Este, ferido pela ponta da arma, cumpriu a profecia do sonho. (Heródoto, 1994, Livro I, 43.1).

Note-se que, de acordo com a citação acima, temos o lançar do dardo e errar o alvo, o que já demonstra que o homicídio é involuntário, pois Adrasto tenta acertar o javali. Uma

---

<sup>92</sup> “Por causa dessa visão, apressei teu casamento e não te envio para essa missão; tomo assim precauções, para ver se te posso preservar, enquanto durar a minha vida”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 38.2).

vez que, pelas mãos da representação *do inevitável*, a roda do destino cumpre a sua função de fim, atestado pelo sonho enquanto profecia, *cumpriu-se a profecia do sonho*, aqui, perfeitamente revelado na sua função, *como inspirador de decisões e afetação do comportamento dos personagens*.

É o próprio Crespo depois que, em piedade e enquanto personagem, mesmo com dor e luto pela morte do filho, se sente em plena satisfação pela atuação posterior de Adrasto que já não tem mais motivos<sup>93</sup> para viver, já que sua função de inevitabilidade se cumpriu. Vamos a citação: “Obtive de ti, meu hóspede, plena satisfação, já que tu próprio te reconheces merecedor da morte. Para mim, não és tu o responsável por esta desgraça, senão na medida em que foste o seu involuntário instrumento”. (Heródoto, 1994, Livro I, 45.2).

Fica plenamente satisfeito Crespo no sentido de que reconhece a atuação de Adrasto enquanto involuntário instrumento do cumprimento da profecia dada pelo sonho, o do destino inevitável de Átis. Reconhece também que *o personagem se reconhece a si próprio merecedor da morte*, ou seja, sabe de seu papel enquanto última função ao saber-se o mais infeliz dos homens<sup>94</sup>, função<sup>95</sup> essa que não cumpre ao Lídio, mas ao Frígio (45.1), e que não é revelada imediatamente, mas sim no final, ao estilo teatral<sup>96</sup> dos trágicos gregos, então Adrasto, não suportando mais sua existência, suicida-se (45.3) imolando-se sobre o túmulo de Átis.

### 1.3.3 Ciro, Espargápises e Tómiris

Novamente, como função simbólica de oráculo, Ciro da Pérsia recebe a mensagem que anuncia o fim de sua trajetória como conquistador de reinos. Não esqueçamos que tudo o que sabemos sobre as *Histórias*, suas simbologias oraculares enquanto a palavra<sup>97</sup> que é proferida, porque o autor assim o desenvolveu enquanto função. Mesmo o sonho é registrado dessa forma e só assim podemos ler e entender.

<sup>93</sup> “Não tinha razões para viver”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 45.1).

<sup>94</sup> “Adrasto, porém, não teve a capacidade de defrontar esse novo golpe na sua existência.” (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, p. 30).

<sup>95</sup> “Característico de Heródoto é ainda o frequente intercalar de digressões, sempre ligadas de novo à narrativa principal por meios que podem variar, embora o mais frequente seja o sincronismo. Muito usado, mas não exclusivo dele, pelo contrário, é comum à historiografia antiga em geral, é o discurso direto ou atributivo, o reconhecimento das virtualidades da *mimesis*, como diria Platão, ou o *texto de personagem*, na terminologia narratológica, como meio de presentificar uma situação, atraindo, por conseguinte, a atenção de ouvintes ou leitores”. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, 1994, Livro I, p. XXX).

<sup>96</sup> Vide nota 76.

<sup>97</sup> “Não existe nada mais poderoso do que as palavras”. (Fonte: Correia, 2004, p. 34).

É fácil abstrair o sentido moral<sup>98</sup> pela virtualidade da curva traçada pelo destino, mas a funcionalidade da palavra proferida<sup>99</sup> enquanto oráculo é sempre prática, revelar o conhecimento daquilo que é divino, e enquanto escrita de Heródoto, mantê-la e fazê-la durar sem que se desvaneça pela ação do tempo, e por isso não é por acaso que os sábios alexandrinos colocaram *Clio*<sup>100</sup> como a primeira Musa marcada no livro I do autor, pois essa é filha de Mnemósine<sup>101</sup>, e cada uma de suas nove filhas ocupa, cada uma, um dos nove livros do Heródoto.

Curiosidades à parte, para exemplificar a função da palavra proferida enquanto lembrança e memória guardada em toda a sua simbologia própria da caracterização da funcionalidade de um oráculo enquanto escrita que inspira e afeta o desenrolar da ação e sequência dos personagens, tratemos do sonho de Ciro que anuncia<sup>102</sup> sua desgraça.

Nesse caso em relação específica ao livro I de *Histórias*, o texto avisa Ciro (enquanto sonho) e o leitor (enquanto fundo moral, arco do destino) de que o fim do personagem se aproxima, inspira o personagem a tomar decisões e afeta a sequência decisiva dos outros atores<sup>103</sup>, mas vamos agora a citação do sonho do rei persa: “Os deuses tomaram-me a seu cuidado e avisaram-me, com antecedência, do futuro. Ora, na noite passada vi, em sonhos, o teu filho mais velho com asas nos ombros a fazer sombra sobre a Ásia com uma, e sobre a Europa com outra”. (Heródoto, 1994, Livro I, 209.4).

Daí novamente a ambiguidade, já consagrada enquanto uma das funções de um oráculo e aqui evidenciada entre o que realmente estava a ser anunciando e aquilo que estava a ser interpretado por Ciro. Note-se que, de acordo com a citação acima, é o próprio personagem que relata o sonho e profere a interpretação que, a partir dele, conduz o personagem, ele mesmo, ao seu fim (vide nota 102).

---

<sup>98</sup> Aos deuses não agrada a petulância. (Fonte: Correia, 2004, p. 51).

<sup>99</sup> Como vês, as palavras duram mais do que as coisas e, por vezes, fazem durar as coisas. (Fonte: Correia, 2004, p. 53).

<sup>100</sup> Vide nota 10.

<sup>101</sup> Mnemósine: Personificação da memória ou lembrança. Filha do Céu e da Terra. Zeus amou-a durante nove noites e, ao fim de nove meses, Mnemósine deu à luz as Musas. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 124).

<sup>102</sup> “Mas o que a divindade lhe revelava era que ele ia morrer ali mesmo, na terra onde se encontrava, e que o seu poder passaria para as mãos de Dario”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 210.1).

<sup>103</sup> “Tudo se passa como Creso tinha previsto, apenas o aprisionamento do príncipe Espargápises dá a Tómiris a força do desespero”. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 48).



Analisando ainda o sonho de Ciro pela citação, o monarca persa está falando com o pai de Dario, Histaspes<sup>104</sup> sobre o sonho que tivera e interpretara, interpretação errônea essa de que Dario estaria conspirando contra o seu poder.

Também aparece a noção de que o monarca persa tem uma ideia ou visão de mundo geográfico, pois as sombras estavam sobre Europa e Ásia e olha tudo como se fosse um deus, de cima e do topo, aqui podemos virtualizar novamente, mentalmente, a ideia de topo da curva do destino, já anunciando a partir daqui, a sua queda e subida de Dario ao trono, então observa-se com precisão a função do sonho<sup>105</sup> na inspiração de decisões e afetação do comportamento sequencial dos personagens.

Convicto da correta certeza de sua interpretação (mas que estava errônea) do sonho e seguindo os conselhos de Cresos<sup>106</sup> que está ali subalterno ao persa pelo mesmo motivo, Ciro resolve investir contra os Masságetas, eliminando parte de sua própria tropa em uma estratégia que envolvia um banquete, que em consequência trouxe a captura do próprio comandante dos Masságetas, o príncipe Espargápises:

Ciro, depois de se distanciar do Araxes um dia de viagem, fez o que Cresos lhe havia aconselhado. Tomadas essas disposições, retirou-se com as tropas de elite do exército persa até ao Araxes, deixando para trás as de pouca valia. Os Masságetas aproximaram-se, com um terço dos seus homens, e destroçaram os soldados que Ciro tinha ali deixado, apesar da resistência que estes lhe opuseram. Quando, derrotados os inimigos, viram o banquete servido, puseram-se à mesa a festejar; e, empanturrados de comida e vinho, adormeceram. Então os Persas, de volta, massacraram uma data deles e aprisionaram ainda muitos mais; deste número fazia parte o filho da rainha Tómiris, comandante dos Masságetas, de nome Espargápises. (Heródoto, 1994, Livro I, 211.1).

Fica clarificada, segundo a citação acima, a função do banquete como artifício de um raciocínio grego<sup>107</sup> de captura do inimigo como estratégia (embora o personagem seja persa e o conselheiro Cresos, lídio) em contraste com a barbárie do sacrifício de uma parte das tropas persas dentro do mesmo quadro, são a mão e o pensamento de Heródoto a conduzir a situação dos personagens no *livro I de Histórias* que o evidencia, também como escritor trágico<sup>108</sup>, e,

<sup>104</sup> “Já acordado, Ciro refletiu sobre a visão que tinha tido, e porque lhe pareceu que o assunto era grave, chamou Histaspes de parte e disse-lhe: Histaspes, o teu filho foi apanhado a conspirar contra mim e o meu poder. Sei-o de fonte segura e vou revelar-te como”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 209.3).

<sup>105</sup> “É, por ironia, a convicção que o sonho instala no espírito de Ciro. Com a detenção do jovem Dario julga ter bloqueado toda a ação de seu potencial usurpador”. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 48).

<sup>106</sup> Vide notas 77 e 78.

<sup>107</sup> “Das iguarias propostas destaca-se o vinho, servido em crateres, vasos usados para misturar o vinho com água, de modo a baixar-lhe a graduação. Cresos naturalmente propõe vinho sem mistura, que garanta o adormecimento do inimigo. Por trás dessa sugestão é perceptível, sobretudo, o raciocínio de um grego e o cenário helénico de um banquete”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, n. 200, p. 196).

<sup>108</sup> Vide nota 96.

novamente, assim como Adrasto, Espargápises tem o mesmo fim, o suicídio: “Quanto ao filho de Tómiris, Espargápises, mal recuperou da bebedeira e percebeu a triste situação em que se encontrava, pediu a Ciro que o libertasse das grilhetas; logo que se viu solto e senhor das suas mãos, suicidou-se. Assim morreu Espargápises”. (Heródoto, 1994, Livro I, 213.1).

Não é difícil aqui ver toda a consequência que um personagem vai atribuindo a outro, numa sincronia de erros de interpretação oracular que já aparece em Creso, e de forma sequencial remete ao suicídio de Adrasto<sup>109</sup>, e depois, pela mesma estratégia do lídio que Ciro põe em execução na forma de um banquete, ali mesmo recuperado da bebedeira, em plena lucidez de sua própria condição trágica, suicida-se o comandante dos Masságetas assim que se torna senhor das suas mãos, livre das grilhetas que simbolizam sua função de cativo de Ciro, que o liberta.

Espargápises já não tem função nessa história, então ele mesmo se elimina enquanto personagem ao mesmo exemplo de Adrasto, dando origem ao movimento do proferimento da palavra da mãe do suicida, a rainha Tómiris<sup>110</sup> e o cumprimento de sua ameaça enquanto vingança<sup>111</sup> perante o aviso ao monarca persa que não lhe dá atenção<sup>112</sup>.

Esses movimentos todos têm por consequência completar a queda de Ciro em morte trágica. Esse não dar ouvidos à prudência antecipa o próximo ato, o declínio do monarca na curva do destino. Situação semelhante de um aviso antes do fim ou consequência de uma ação já havia acontecido antes com Creso pelo aviso de Sândanis<sup>113</sup>, mostrando assim, inegavelmente, que há sincronia entre os personagens do *Livro I de Histórias* pela funcionalidade dos oráculos, que, inspirando as decisões dos atores, afetam os seus comportamentos e, assim, vão-se decidindo os seus destinos.

Mas, voltando ao ato final, Espargápises morto, a sua mãe e rainha dos Masságetas, Tómiris, pode enfim, cumprir a sua função trágica de saciar Ciro com sangue. Isso, conforme exemplificado em nota 111, ela jura vingança pelo *Sol*, que é o senhor do Masságetas.

---

<sup>109</sup> Vide nota 47.

<sup>110</sup> “A rainha, ao tomar conhecimento do que tinha acontecido ao exército e ao filho, enviou a Ciro um arauto com essa mensagem: Ah Ciro, ávido de sangue, não te regozijes com o que aconteceu, se foi graças ao fruto da videira (que também a vocês vos põe loucos quando abusam dele, de forma que à medida que vos penetra no corpo, vos sobem impropérios à garganta), se foi com essa mezinha que venceste o meu filho, pela astúcia, que não pela força das armas no campo de batalha”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 212.1).

<sup>111</sup> “Vou dar-te um conselho, ouve-o com atenção. Devolve-me o meu filho e sai dessa terra impune, apesar de teres ultrajado um terço do exército masságeta. Se não o fizeres, juro pelo Sol, senhor dos Masságetas, que essa tua avidez de sangue eu satisfarei”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 212.3).

<sup>112</sup> “Ciro ouviu a mensagem e não fez caso dela”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 213.1).

<sup>113</sup> Vide nota 56.

Ora, sabemos que Apolo, o deus do oráculo de Delfos que revela o destino<sup>114</sup> aos homens, é também o deus da luz e é ele quem transporta o carro do *Sol*<sup>115</sup>. Aqui a rainha Tómiris tem a função de oráculo ao anunciar a vingança em juramento ao próprio *Sol* que Apolo carrega, expondo a completude no esclarecimento da unidade da revelação, que se concretiza com a morte de Ciro e atuação final da rainha dos Masságetas:

A vitória coube, enfim, aos Masságetas. Boa parte do exército persa foi ali mesmo destroçada, o próprio Ciro lá morreu também. Tómiris encheu um odre de sangue humano e mandou procurar, entre os persas mortos, o cadáver de Ciro; quando descobriu, mergulhou-lhe no odre a cabeça e, enquanto assim ultrajava o morto, dizia: A pesar de eu estar viva e ter saído vitoriosa do combate, tu liquidaste-me no momento em que capturaste o meu filho numa cilada, mas a ti, sou eu que, para cumprir a ameaça que fiz, te vou saciar de sangue. (Heródoto, 1994, Livro I, 214.3-5).

Final trágico bem caracterizado, a rainha aniquilada no momento em que o próprio filho foi morto, num simbolismo claro de que é o fim anunciado dessa história onde a Tómiris fica depois da vingança, sem função nem descendência, pois mais nada aparece nos escritos de Heródoto, é o fim desses personagens no *Livro I de Histórias*, pois tudo o que foi proferido, se cumpriu.

#### 1.3.4 Licurgo e a Pítia

Se por muitas vezes nesta presente tese invoco os mesmos personagens do *Livro I de Histórias* de Heródoto, citando passagens próximas ou similares em capítulos diferentes, é proposital e para demonstrar que o oráculo, enquanto palavra proferida, tem mais do que uma função muitas vezes dentro de uma mesma passagem textual, e apenas por motivos de explicitação que essa dissertação exige, *a estou demonstrando sob diferentes perspectivas da sua mesma unidade funcional*, dividindo-as em capítulos, embora *a ideia de unidade enquanto um todo* seja a própria obra<sup>116</sup> do autor, já simbolizada antes pelo *Sol*<sup>117</sup> a quem Tómiris concretiza e completa sua vingança, reforçando essa ideia de unidade da funcionalidade da palavra proferida.

---

<sup>114</sup> Vide nota 70.

<sup>115</sup> “Deus da Luz, diariamente Apolo transportava o carro do Sol para o alto do céu, depois, guardava-o atrás das montanhas”. (Fonte: Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 11).

<sup>116</sup> Vide nota 5.

<sup>117</sup> O Sol era venerado como o deus que tudo vê e tudo sabe, muitas vezes relacionado a Apolo como deus da luz, da verdade e da profecia. (Fonte: Simões & Andrade, 1976, p. 170).

Mas vamos a Licurgo<sup>118</sup> e sua ligação com a *Pítia*.

Licurgo, o legislador a que se atribui o cosmos espartano<sup>119</sup>, deve aqui ser tomado como mais um personagem<sup>120</sup> de Heródoto, um dos tantos que pode ou não ter tido uma existência histórica real. O pai das *Histórias* é muito mais do que um mero pesquisador e catalogador de fatos reais, ele infere os grandes feitos dos homens a partir do que pensa e escreve e vê, e desobriga-se<sup>121</sup> em muitos pontos ao puro *factum*, vai além; ele reorganiza, à sua maneira do seu próprio entendimento<sup>122</sup> e escreve sua obra *baseado em fatos reais* de acordo com o que considera o mais correto de ser guardado, *os grandes feitos dos homens*, sem perder de vista a influência do teatro e da tragédia grega<sup>123</sup>; e por isso mesmo trata os atores das *Histórias* como personagens, embora irremediavelmente Heródoto seja um historiador. Por isso nem sempre as *Histórias* correspondem a fatos reais, embora tenham como base a realidade<sup>124</sup> da própria história. Por isso Licurgo, aqui, é mais um personagem, possivelmente<sup>125</sup> ele possa ter existido, no *Livro I* ele aparece na consulta<sup>126</sup> ao oráculo:

Licurgo, um homem estimado entre os Espartanos, dirigiu-se a Delfos para consultar o oráculo e, mal entrara no templo, logo a Pítia lhe diz o seguinte: Vens, Licurgo, ao meu opulento templo, amado de Zeus e de todos os habitantes das mansões olímpicas. Duvido proclamar-te deus ou homem, mas creio que antes sejas um deus, Licurgo. (Heródoto, 1994, Livro I, 65.3).

Nessa passagem do oráculo, a *Pítia* evidencia que a humanidade possa ser divinizada, os humanos podem ser deuses por associação de suas próprias obras, ou melhor

<sup>118</sup> Heródoto fala da hostilidade espartana em relação aos estrangeiros, como um elemento negativo (I, 65.2), um dos tópicos da *kakonomia* existente nos tempos anteriores a Licurgo e que este teria vindo substituir pela *eunomia*. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 11).

<sup>119</sup> A atribuição a Licurgo do cosmos espartano, para utilizar o termo de Heródoto (I, 64.5), põe-nos alguma dificuldade. Em primeiro lugar, não sabemos se o legislador teve existência real ou se é uma criação lendária. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 11).

<sup>120</sup> Tudo isso aponta para a conclusão de que a biografia de Licurgo é fundamentalmente um produto lendário. Uma corrente tende a considerar até que não teve existência real. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 12).

<sup>121</sup> “Eis como Heródoto se exprime (II.99): Até aqui, falei segundo minha observação, reflexão e informação”. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, 1994, Livro I, p. XX).

<sup>122</sup> “Quanto a mim, ao longo de todo o livro, preparo-me para consignar por escrito o que ouvi dizer a cada um deles (II.123)”. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, 1994, Livro I, p. XX).

<sup>123</sup> Precisamente, ao tempo em que Heródoto escrevia as suas *Histórias*, estavam no cerne da tragédia grega, e sabe-se das relações de amizade do historiador com Sófocles. A estreita semelhança entre o tratamento da biografia de alguns vultos maiores das *Histórias*, como Ciro, Dario, Xerxes, em termos de *hybris* castigada, com as figuras trágicas tem sido detectada e analisada por vários exegetas. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, 1994, Livro I, p. XXII).

<sup>124</sup> “As informações colhidas, a visão direta, a reflexão. Andar pelas terras, ser um viajante que indaga”. (Rocha Pereira, Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, p. XX).

<sup>125</sup> “Penso que não se deve ir tão longe, a ponto de negar a existência do legislador”. (Fonte: Ferreira & Silva, Heródoto, 1994, Livro I, p. 12).

<sup>126</sup> “Esta consulta ao oráculo por Licurgo a que se refere Heródoto talvez se situe na altura em que o legislador vem a Delfos pedir aprovação para a constituição que elaborara”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, Cit. 94, p. 97).

dizendo, é na esfera humana que a noção de divindade aparece, *da imanência como foco para a ideia pensada de construção da unidade enquanto divino*.

Aqui temos então uma inversão teogônica, é a esfera do homem que passa a ser divinizada “*duvido proclamar-te deus ou homem, mas creio que antes sejas um deus*”, pois claramente Licurgo é um personagem humano que está sendo divinizado com a palavra proferida enquanto louvor pela *Pítia*. Passa a ser o homem então a medida de sua própria criação, no caso de Licurgo, as *Leis* para Esparta, e para Heródoto, as suas *Histórias*.

Sendo um humano divinizado que também profere a palavra legal, vem Licurgo receber da *Pítia* esse louvor e com isso demonstra-se que a palavra proferida, atestada e vaticinada enquanto oráculo, é a mesma que interfere nas ações de todos os homens, representada pela lei elaborada que afeta todos os espartanos e sua aprovação após consulta (ver nota 126) ao oráculo de Delfos, *dada enquanto louvor*, inspirada por Apolo, *louvor esse que remonta em sequência a devoção ao legislador*:

De fato, logo que se tornou tutor, reformou todas as leis e tomou precauções, para que ninguém transgredisse as novas leis. Depois Licurgo criou instituições militares — enomotias, triécadas e sessítios — e, além disso, os éforos e os gerontes. Com essas alterações obtiveram boas leis, e, depois de erguerem um santuário a Licurgo, quando morreu, tributaram-lhe grande veneração. (Heródoto, 1994, Livro I, 65.5).

Ou seja, *a palavra proferida*, que inspira a criação e aceitação das novas leis, afeta o comportamento de todos os personagens, no caso aqui, de todos os espartanos, criando devoção a um legislador que foi pedir aprovação ao oráculo de Delfos. O louvor a Licurgo dado pela *Pítia* já demonstra, em sequência, o seu futuro destino, ser venerado pelos homens de sua terra como se fosse ele próprio um deus.

#### 1.4 Enquanto Veículo de Transmissão de Saber

Dado o até aqui exposto, observa-se com clareza que oráculo, nas suas mais diversas formas, transmite o conhecimento, tanto entre os personagens, como para o leitor através desses últimos. Movimenta os atores e o desenrolar das *Histórias* de Heródoto através da informação<sup>127</sup> que profere, portanto enquanto função, é um veículo de transmissão<sup>128</sup> do saber.

---

<sup>127</sup> “The dense web of material Herodotus makes use of that we might call mythic includes, most prominently, genealogies, picturesque background details, and even religious miracles and traditional story elements; it pervades and thematically shapes Herodotus’ first set of narratives, the expansive accounts of Croesus the Lydian and Cyrus the Persian that we have called Book One”. (Fonte: Dewald, 2012, p. 60).

E como a palavra proferida pelos escritos de Heródoto é rica em simbologias, tomemos novamente por exemplo o Sol, já referido anteriormente como uma das representações apolíneas e portanto ligadas como oráculo enquanto transmissor de um saber que colocou fim a uma guerra entre Lídios e Medos (74.1) que durava mais de cinco anos:

Em seguida, visto que Aliates se negava a entregar os Citas que Ciaxares reclamava, estalou entre Lídios e Medos uma guerra de cinco anos, no decurso da qual muitas vezes os Medos venceram os Lídios e estes muitas outras os seus opositores. Uma vez realizaram até uma batalha noturna. Prosseguiram eles a guerra com sorte igual durante o sexto ano, quando aconteceu que, empenhados em pleno combate, de súbito o dia se fez noite. Uma tal alteração do dia tinha-a previsto Tales de Mileto que indicara como limite o ano em que, efetivamente, esse fenômeno aconteceu. Mas os Lídios, bem como os Medos, quando viram o dia fazer-se noite, cessaram o combate e ambos se empenharam com mais diligência em conduzir a paz. (Heródoto, 1994, Livro I, 74.1).

Diferentemente da percepção do que conhecemos hoje desse fenômeno, podemos dizer que Tales de Mileto possivelmente tivesse acesso aos registros dos eclipses feitos pelos sacerdotes babilônicos por motivos religiosos<sup>129</sup>, já que o evento, por si só, representava algum augúrio divino como uma transmissão de saber<sup>130</sup>, ou seja, uma funcionalidade de oráculo<sup>131</sup>, pois, com esse fenômeno, os deuses querem dizer algo. Então, segundo a citação aqui colocada, o entendimento foi o de cessação de hostilidades entre os dois povos, os Medos e os Lídios, e não só, a partir desse fenômeno, empenharam-se em conduzir a paz.

Analisando ainda a citação, digo que, enquanto escrito de Heródoto no *Livro I*, o simbolismo do Sol é claro, o anúncio de Apolo se retirando do firmamento (vide nota 115) antes do horário habitual<sup>132</sup> indicia grande desgraça maior entre os dois povos do que a guerra

<sup>128</sup> “No que a literatura grega deve ser única, é na espécie de obras que pela primeira vez se servem de prosa, porquanto principia por ser o modo de expressão do pensamento filosófico e científico”. (Fonte: Rocha Pereira, 2012, p. 262).

<sup>129</sup> “A predição de Tales deve ter-se baseado em observações empíricas e não propriamente numa teoria científica, já que os filósofos milésios seus imediatos sucessores não conheciam a verdadeira causa de tais fenômenos. Talvez Tales conhecesse os registros babilônios, onde desde 721 a.C. os sacerdotes, por motivos religiosos, tinham realizado observações sobre os eclipses do sol”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, n. 115, p. 107).

<sup>130</sup> Em *Euménides* de Ésquilo (515 -543), sobre a justiça soberana: *Pode o terror ser salutar e força é que tome assento nos recessos da mente. É útil aprender a ter bom senso na dor. Pois quem, homem ou cidade, sem nada temer a luz do Sol, continuaria de igual modo a pretear justiça? O fim de tudo é soberano.* (Fonte: Rocha Pereira, 2009, p. 234).

<sup>131</sup> Este recurso é usado novamente em Heródoto enquanto presságio e função oracular *que antecipa uma definição da ação dos personagens*, com o mesmo símbolo, o eclipse do Sol (Livro VII, 37) : *Já o exército havia partido, quando o Sol, abandonando o seu lugar no céu, se tornou invisível, sem que houvesse nuvens, pois a atmosfera estava muito serena. Em vez de dia, fez-se noite. Ao ver e ao ser informado do fato, Xerxes ficou preocupado e perguntou aos magos que é que o fenômeno queria anunciar. Afirmaram eles que o Sol era o profeta dos gregos, e a lua, o deles. Depois de receber essa informação, Xerxes, radiante, retomou a marcha.* (Fonte: Rocha Pereira, 2009, p. 257).

<sup>132</sup> “Revelador no sentido de regularidade visto enquanto hábito e costume divino: *O costume é para o homem um deus*”. (Fonte: Pereira, 2009, p. 155).

que já durava anos, e principiaram, assim, a paz, já que o oráculo cumpriu sua função como veículo de transmissão do saber aos personagens da contenda.

#### 1.4.1 Verdade e engano na sentença ambígua

Utilizei antes o simbolismo do Sol para evidenciá-lo como oráculo enquanto veículo de transmissão do saber para não esquecermos que seu rico simbolismo de unidade também está representado como um epíteto de Apolo, o deus da Luz, conforme já referenciei nessa dissertação com exemplos anteriores.

É Apolo o deus que guarda o oráculo de Delfos e profere as sentenças através da *Pítia*, que a profere ao consulente de maneira ambígua e com caráter que tende sempre ao inevitável<sup>133</sup>, já que ele representa também ser o senhor do arco, e justamente os acontecimentos, curiosamente, formam o que já referi antes, um *arco do destino*, que depois adiante vou explicitar em outro capítulo, enquanto função científica<sup>134</sup> como composição em anel, para a melhor compreensão do conceito de suas *Histórias*.

A ambiguidade *forma uma unidade de verdade e engano na mesma sentença*<sup>135</sup>, e por isso mesmo passível de interpretação pelo personagem e pelo leitor, e possivelmente, nos tempos de Heródoto, também pelos ouvintes quando o texto possivelmente era recitado (vide nota 64), consagrava-se como um interessante veículo de transmissão do saber. Vamos a um famoso exemplo sobre Crespo iludido, sem saber qual o reino seria destruído se atacasse a Pérsia, citado pelo texto de Kurke (2009, p. 437):

Quanto ao oráculo obtido, Crespo censurava-o sem razão: Lóxias predissera-lhe que, se fizesse a guerra contra os Persas, destruiria um grande império. Em face dessa resposta, se queria decidir bem (εἴ μὲλλοντα βουλευέσθαι), devia mandar perguntar a que império se referia: se ao de seu próprio, se ao de Ciro. Como não compreendeu o que foi dito nem voltou a interrogar o deus, reconheça-se ele próprio culpado (Hdt. 1.91.4).

O que está em causa aqui, enquanto interpretação ambígua, e que fica claro pela citação acima, é a noção de grande império. O oráculo é claro quanto a esse pormenor; se

<sup>133</sup> “A outro, fê-lo adivinho Apolo, senhor do arco; percebe a desgraça que de longe caminha para o homem, se os deuses o acompanham; mas o destino marcado, não o evita o aurrípice nem os sacrifícios”. (Fonte: Rocha Pereira, 2009, p. 136).

<sup>134</sup> “Há alguns trabalhos, em número reduzido, que estudam os aspectos de pormenor relacionados com os conhecimentos científicos patenteados na obra de Heródoto, síntese particularmente importante para a compreensão do alcance do conceito de *História* em Heródoto”. (Fonte: Espírito Santo, 1990, pp. 79-84).

<sup>135</sup> “Thus in this instance, the second oracle, though riddling, is not “counterfeit” (κίβδηλος) because human interpretation and deliberation make it “legal tender.” In the case of Croesus’ riddling oracle, the narrative tells us explicitly how Croesus’ failures produced the counterfeit”. (Fonte: Kurke, 2009, p. 437).

*fizesse a guerra contra os Persas, destruiria um grande império; mas, conformado com a resposta aceita, já que ele deveria antes ter perguntado se o império que ele iria destruir era o dele ou de Ciro, para decidir<sup>136</sup> bem, e como não o fez, por precipitação incauta, tornou-se o próprio responsável pela ação e assim conduziu-se ao seu destino.*

Fica aqui, então, analisada a citação acima, que o oráculo, de forma ambígua, é um veículo de transmissão de saber<sup>137</sup> aos personagens, que contém em si mesmo, na sua unidade, uma interpretação passível de ser falsa exatamente porque sempre profere a verdade pela ambiguidade.

No *Livro I das Histórias* de Heródoto e mesmo em toda a sua obra literária, podemos dizer que está implícito sempre o método de contraste, que vou aqui explicitar com um exemplo; embora a questão mesma dessa metodologia da escrita herodotiana seja feita em capítulo próprio, é pertinente aqui demonstrar a sua existência, primeiro na própria ideia de ambiguidade, o oráculo numa mesma sentença, diz a verdade enquanto a palavra proferida e seu contrário enquanto interpretação dessa mesma sentença.

Não bastasse esse pormenor de contraste, a própria ambiguidade é, em si mesma, sinônimo de prudência em contraste com a imprudência do consulente (por exemplo, o caso de Creso), e para clarificar, cito essa passagem do opúsculo *Por Que Razão a Pítia Já Não Dá Oráculos em Verso* (Plutarco, 407, c-f), segundo a tradução de Rocha Pereira, *Hélade*, (2009, pp. 503-504):

[...] Não me admiro, portanto, se houve necessidade de uma certa ambiguidade, circunlóquios e obscuridade, para a gente de antanho. De facto, não era um qualquer que ia lá consultar o oráculo sobre a compra de um escravo, nem sobre sua ocupação, mas sim cidades poderosas, reis e tiranos, cujos pensamentos nada tinham de moderados, que iam procurar o deus para regular o seu procedimento. Ora, não era vantajoso aos que se encontravam no santuário contrariá-los e irritá-los com respostas alheias aos seus desígnios. Uma vez que Apolo usa de servidores e de adivinhos mortais, a quem deve cuidados e proteção, a fim de não perecerem às mãos dos malvados os que prestam culto ao deus, não quer revelar a verdade, mas usando de divértículos na sua apresentação. Como se refletisse no meio dos versos um raio de luz, que recebe reflexos múltiplos e se pulverizasse por todo, retira-lhe a sua dureza e rigidez.

<sup>136</sup> “Here, the Pythia tells Croesus in so many words that he should have asked the oracle for clarification; but, intriguingly, in addition to its clear mandate for divine aid, the Pythia’s reproach also gestures toward the element of human deliberation in the participial phrase *εὔ μέλλοντα βουλευέσθαι* ‘if he was going to deliberate well’”. (Fonte: Kurke, 2009, p. 437).

<sup>137</sup> “Pois são fatos há muito averiguado e bem conhecidos dos que estudam e lêem”. (Fonte: Vieira, 2010, p. 76).



Primeiro fiz uma pré-reflexão sobre essa citação antes de aqui expô-la, agora vou falar sobre ela. Note-se que a ambiguidade do oráculo é uma necessidade, nesse caso de proteção e prudência, já que, inversamente aos consulentes que representavam cidades poderosas, reis e tiranos eram muitas vezes imprudentes e recorrer ao oráculo era uma forma de regulação, pois acima desses poderosos, só o próprio deus, o que proferia as sentenças.

Ainda analisando o passo da citação, como poderosos imprudentes, não convinha-se contrariá-los, mas também não se podia deixar de dizer a verdade, quando foi o caso, por exemplo, de Cresos e a ambiguidade do grande império que caiu, que foi o seu próprio. A interpretação, ficando a cargo do poderoso monarca, isenta o oráculo de erro quando o consulente toma suas ações baseadas no que disse a *Pítia*, representando o próprio Apolo, unidade, luz e prudência e verdade; o oráculo, na sua ambiguidade, sempre profere também a sentença verdadeira na sua unidade aqui, dada enquanto prudência frente ao consulente.

O que sugere a citação é que, assim sendo, por mais dura que fosse a verdade da sentença, pela ambiguidade ela perde a rigidez, se um império vai ruir, não é bom que o rei o escute assim de forma direta, ainda poderia culpar o oráculo por isso; com a ambiguidade, o erro passa a ser apenas de interpretação do consulente, passando, com isso, a responsabilidade da ação para o personagem, essa é a prudência apolínea do caráter da palavra proferida, e para realçar essa análise interpretativa, coloco aqui o restante da mesma citação para completar a exemplificação de tudo o que proferi até agora:

Havia naturalmente assuntos em que era conveniente que os tiranos ficassem na ignorância, e os inimigos nada pressentissem. Envolvia-os, pois, em palavras incertas e ambíguas, que ocultavam a sentença aos outros, mas não escapavam ao próprio, nem passavam despercebidas aos que dela precisavam e estavam atentos. (Plutarco, ib. 407, c-f).

De acordo com o que já dissertei até agora falando sobre os personagens que, na ignorância por não terem a versão completa da verdade que os espera, recebem a resposta do oráculo, interpretam de maneira muito particular e tomam as ações que muitas vezes os arruinam, como no exemplo de Cresos. Em Heródoto isso é importante, por isso há oráculos em toda a sua obra, baseando-se nesse método de completude da palavra proferida, mas oculta essa completa unidade do personagem e a revela ao leitor ou ouvinte, *pois, em palavras incertas e ambíguas, que ocultavam a sentença aos outros, mas não escapavam ao próprio, nem passavam despercebidas aos que dela precisavam e estavam atentos.*

E quem são essas pessoas que estão atentas? O leitor ou ouvinte, e na parte do método, algum personagem que simboliza a prudência e ele próprio profere a palavra; por

exemplo, o caso de Sólon, que não por acaso, para fortalecer o contraste da imprudência de Cresos, Heródoto coloca o *Lídio* a invocá-lo na pira, e depois, sequencialmente, a invocação a Apolo.

O método de Heródoto parte de um princípio histórico existente da necessidade prática da funcionalidade do oráculo, mas quando o autor de *Histórias*, ao qual tenho feito citações dos personagens do *Livro I*, o coloca em seus escritos, seu *método por contraste, prudência – hybris na ação dos personagens dá-se através da palavra proferida*, o oráculo é inegavelmente de acordo com o aqui exposto e pela exposição e análise da citação e enquanto função: veículo de transmissão de saber.

#### 1.4.2 Nas sentenças diretas

Apolo anuncia a criação do oráculo de Delfos (*Hino Homérico a Apolo*, 247-253), essa é a sua primeira sentença, que não tem caráter ambíguo, e sim direto, e note-se que é o próprio deus que profere o vaticínio:

Aqui mesmo planeio elevar um templo magnífico, um oráculo para os homens, que para sempre para aqui hão de encaminhar hecatombes sem mácula; a quantos habitam o fértil Peloponeso e a quantos moram na Europa e nas ilhas cercadas pelo mar, a fim de me pedir um oráculo. Para todos esses, proferirei minhas sentenças num rico santuário. (Rocha Pereira, 2009, p. 117).

Primeira sentença direta no *Hino a Apolo*, respeita a criação do oráculo, e analisando a citação acima posso dizer que é, inegavelmente, uma sentença direta do deus que expõe o seu *funcionamento*, vai servir como transmissão do conhecimento para os homens: “*proferirei as minhas sentenças*”. Outro pormenor importante, como isso será feito, as pessoas devem *pedir-lhe um oráculo*. Ora, o oráculo nada mais é do que a sentença dada pelo deus, através da palavra proferida. O oráculo é novamente, enquanto sentença, prova de que *é palavra proferida*, dentro da interpretação do *Hino a Apolo*.

Note-se que essa necessidade dos homens receberem, enquanto veículo de transmissão do saber, nesse caso informações do futuro, e já sabemos que nos escritos de Heródoto o oráculo tem essa função e antecipa o destino dos personagens. Parte da noção humana de que a sorte é instável e a roda da fortuna está sempre em movimento de mudança, como atesta Simónides (frg.16 Page): “Sendo homem, não digas nunca o que acontece amanhã e, se vires alguém feliz, quanto tempo o será. Rápida como o volver de asas de uma mosca, assim é a mudança da fortuna”. (Rocha Pereira, 2009, p. 177).

Pelo parágrafo acima, e já percebendo que Heródoto possui a influência da tradição que lhe foi incutida no seu tempo, e mesmo sem a obrigação de acreditar (VII, 152) nela<sup>138</sup>, seus elementos podem ser identificados com facilidade, e nesse parágrafo específico, na conversa de Creso com Sólon sobre a ideia de *eudaimonia* (I, 30-32) enquanto pressuposto de uma unidade<sup>139</sup> dos acontecimentos que se vão revelando nas *Histórias, Livro I* de Heródoto, essa tradição fica evidente, um sinal de transmissão do conhecimento tradicional através da palavra proferida, ou seja, através do oráculo enquanto instrumento escrito pelo referido autor.

Vamos a outro exemplo, a saber: de Cléobis e Bítton, que carregaram o carro ao templo por uma distância de quarenta e cinco estádios transportando sua mãe e sacerdotisa de *Hera*, que depois pediu a deusa o melhor para esses homens, e a resposta da divindade não se fez esperar, sem ambiguidades, foi direta:

Ela, cheia de júbilo pela façanha e pelos elogios, de pé diante da estátua, pediu que a deusa concedesse aos seus filhos Cléobis e Bítton, que tanto a haviam honrado, o melhor que um homem pode obter. Depois desta prece, uma vez realizados o sacrifício e o banquete, os jovens adormeceram no próprio templo e não se levantaram mais. Foi esse o fim que tiveram. Os argivos ergueram-lhe estátuas que consagraram em Delfos como homens excelentes que eram. (Heródoto, 1994, Livro I, 31.4).

Aqui fica clara que a ideia de felicidade ou *eudaimonia* refere-se às boas ações, e ao mesmo exemplo de Licurgo que com as suas boas leis foi posteriormente divinizado, o mesmo aconteceu com Cléobis e Bítton, não por acaso, consagrados em Delfos, pois esse conto de Heródoto não deixa de ser uma palavra proferida com vistas ao seu sentido moral.

A resposta direta, simbolizada enquanto sentença de morte que também simboliza a unidade final dos acontecimentos em Heródoto, transmite-nos, ainda analisando a citação acima, enquanto veículo de transmissão do saber, a ideia de que a morte honrosa enquanto final é sinônimo de felicidade por excelência (*como homens excelentes que eram*); isso vale mais do que as riquezas de Creso, que, enquanto soberano, as possuía, mas que de nada o salvaria, já que ele estava marcado pelo oposto, a desgraça, ele teria de expiar os crimes do seu ancestral Gíges<sup>140</sup>.

Fica colocada em evidência que, mesmo simbólica, é clara a sentença direta na transmissão do saber ao leitor em sua referência ao oráculo de Delfos pela divinização dos

<sup>138</sup> “O meu dever é referir a tradição, mas de modo algum sou obrigado a acreditar nela. E que isso valha para toda a minha obra”. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, 1994, Livro I, p. XX).

<sup>139</sup> “Mas é preciso examinar o fim de tudo, pois o deus já voltou com as raízes para cima muitos, a quem havia mostrado a felicidade”. (Fonte: Rocha Pereira, 2009, p. 252).

<sup>140</sup> Vide nota 24.

personagens que alcançaram a *eudaimonia* na sua unidade<sup>141</sup> de ação dos acontecimentos, sendo consagrados.

Um outro exemplo de sentença direta no Livro I de Heródoto, dada diretamente pelo oráculo de Delfos, tem a ver com o teste<sup>142</sup> de Creso ao mesmo referido, algo que só pudesse ser descoberto por um deus: “Quando se apresentaram também os outros enviados com os oráculos, então Creso foi desenrolando e examinando cada um dos escritos. Nenhum deles lhe agradava; quando porém escutou o de Delfos, de imediato fez preces e reconheceu o vaticínio”. (Heródoto, 1994, Livro I, 48.1).

Analisando essa citação, ficam evidentes algumas coisas, a palavra proferida nos textos de Heródoto, aqui relacionada ao Livro I, é escrita; *Creso foi desenrolando e examinando cada um dos seus escritos*; suponho aqui que o vaticínio do oráculo estava escrito em papiro, ou similar que pudesse ser desenrolado e examinado, como fez o monarca lídio. O reconhecimento imediato deveu-se a essa resposta lida por Creso, dada em escritos hexâmetros:

O que vaticinaram os restantes oráculos ninguém o sabe dizer; mas em Delfos, logo que os Lídios entraram no templo para consultar o deus, e fizeram a pergunta de que vinham incumbidos, a Pítia respondeu o seguinte em hexâmetros: Sei o número de areias e medidas do mar; entendo o mudo e ouço quem não fala. Chegou-me aos sentidos o odor de tartaruga de dura carapaça, a cozer no bronze com carnes de cordeiro, por baixo estende-se o bronze e tem bronze por cima. (Heródoto, 1994, Livro I, 47.3).

Então curiosamente Creso mandou perguntar o que estava cozinhando, como forma de testar a veracidade do oráculo de Delfos. Analisando ainda a citação acima:

Não deixou o rei lídio de testar o deus por isso, e nem ele de dar uma resposta bem direta ao monarca mesmo que pudesse falar por ambiguidades; isso Apolo deixaria para o futuro, para conduzir o personagem ao seu terrível destino. É uma das passagens mais evidentes em sentença direta do Livro I enquanto veículo de transmissão do saber<sup>143</sup>, aqui; tendo um sentido daquilo que fica mais implícito: o que é dito pelo oráculo de Apolo em Delfos, é o verdadeiro e vai no futuro definir, por isso, a ação desse monarca e influenciar, como já vimos antes e por causa disso, a ação dos outros personagens.

<sup>141</sup> “Se, a somar isso, ainda terminar bem a vida, esse é quem tu procuras, o que merece ser designado feliz”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 32.7).

<sup>142</sup> “De fato, depois de ter expedido os mensageiros sagrados para os diversos oráculos, Creso aguardou o dia marcado. Pensou em algo que fosse impossível descobrir ou imaginar e ocorreu-lhe o seguinte expediente: cortou uns bocados uma tartaruga e um cordeiro e fê-los cozer num caldeirão de bronze que tapou com uma tampa de bronze”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 48.2).

<sup>143</sup> “Os Lídios, depois de transcreverem esta resposta da Pítia, puseram-se a caminho, de retorno a Sardes”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 48.1).

### 1.4.3 Nas sentenças indiretas

Imediatamente é possível dizer que, dada a própria função da ambiguidade dos oráculos, há sempre implícita nas sentenças proferidas uma verdade, ditada indiretamente. Por um lado situacional, os consulentes o não dizem diretamente, mas ao consultarem e fazerem oferendas ao deus, buscam ali uma certa empatia ou legalismo que os favoreçam:

Ao misticismo, com o seu caráter emocional, subjetivo, opõe-se o legalismo ou esforço para ganhar o favor dos deuses, cumprindo os seus preceitos. O representante máximo do legalismo é Apolo, que dá a conhecer as suas sentenças através do oráculo de Delfos. Este exerce no mundo grego uma influência incalculável, e toda a literatura grega, desde a *Iliada* até os últimos autores pagãos, fornece disso abundantes testemunhos. (Rocha Pereira, 2012, p. 324).

Não esquecendo que em geral os consulentes decidiam o futuro de um reino inteiro, eram reis e pessoas poderosas e com grande influência, mas não estavam apesar disso isentos de obterem para suas campanhas uma certa legalidade<sup>144</sup>, a que Apolo atestava com suas sentenças, e muitas vezes vaticinado de forma indireta. Grande era a sua influência e função mesmo fora do mundo helênico, que Heródoto em seu Livro I de *Histórias* imortalizou, à sua própria maneira por exemplo, na figura de Cresos e na funcionalidade do oráculo que o afetou de forma indireta enquanto resposta, e de forma direta no desenrolar do seu destino:

A sua influência ultrapassava mesmo as fronteiras do mundo helênico. Uma história como a do rei Cresos da Lídia, contada por Heródoto (1, 53 e 91), ilustra simultaneamente a importância desse culto num país bárbaro e a famosa ambiguidade dos oráculos: Cresos mandou inquirir a Delfos se devia empreender uma campanha contra os Persas; respondeu-lhe a Pítia que, se o fizesse, poria fim a um grande império, o rei ataca, e é vencido; já prisioneiro de Ciro, consegue mandar perguntar a Apolo se é assim que trata os seus devotos, ao que o deus objeta que ele devia ter pedido um segundo oráculo, antes de partir em campanha, para saber a que império é que iria pôr fim. (Rocha Pereira, 2012, pp. 325-327).

Pela citação acima fica clara a subjetividade do oráculo enquanto resposta ambígua que, em seu caráter de sentença dada de forma indireta, permite que o consulente interprete a resposta à sua própria maneira e com isso consagre o encontro, mesmo sem querer, de seu destino traçado fatalmente pelas *Moiras*.

---

<sup>144</sup> “Era este deus que prescrevia aos homicidas as purificações a efetuar, que aprovava as constituições das novas cidades, que aconselhava reis ou chefes do Estado em caso de guerra, que reconhecia as novas divindades e cultos. Era, sob muitos aspectos, o centro da vida grega e, ao longo da sua *Via Sagrada*, alinhavam-se os tesouros com que as diversas cidades homenageavam o deus, em comemoração das suas vitórias”. (Fonte: Rocha Pereira, 2012, p. 324).

Apolo não deixa de dizer a verdade e não impede o trabalho das tecelãs dos destinos dos homens de se efetuar, é o oráculo apolíneo<sup>145</sup>, que enquanto palavra proferida através dos personagens escritos de Heródoto, *passa a ser importante veículo de transmissão do saber*, e essa transmissão faz parte da própria tradição helênica e mesmo posterior, de forma também indireta, pela literatura especializada<sup>146</sup> sobre o assunto.

### 1.5 Como Compreensão do Sentido de *Destino*

Ao destino estabelecido é impossível escapar, mesmo para um deus (I, 91.1). Essa é uma das frases principais proferidas pelo oráculo de *Apolo em Delfos*, e essencial para compreender o próprio sentido de fatalidade em Heródoto. Não podemos esquecer que, mesmo baseando-se em fatos históricos credíveis e elementos consistentes na realidade, o autor das *Histórias*, reitero, escreveu essas últimas de acordo com seu estilo e maneira de pensar e entender<sup>147</sup> o mundo, não transcreveu os fatos históricos em sua totalidade na forma *ipsis litteris*, mas como achou conveniente, baseou-se em suas próprias reflexões e tradição oral como matéria prima<sup>148</sup> de seu trabalho literário.

E muito da tragédia aparece em seus escritos, enquanto fatalidade dos personagens, marcados por uma divindade poderosa que as conduz, pela imprudência e *hybris* dos mesmos, ao seu momento final, é dado e muitas vezes antecedido pelas previsões<sup>149</sup> que funcionam como marcadores<sup>150</sup> do próximo episódio da ação.

De todos esses pontos já tenho determinado minha posição nessa presente dissertação, sem esquecer de que a palavra proferida, oráculo, no fim de tudo, literalmente, representa o destino dos personagens e das próprias *Histórias*, revelado por Heródoto enquanto funcionalidade da qual ele se utiliza<sup>151</sup> e que é literária. Tanto isso é verdade que

<sup>145</sup> “Apolo, deus dos oráculos e das purificações, e depois também das artes, da luz, e que na época clássica, até se identifica com o Sol, o mais helênico dos deuses”. (Fonte: Rocha Pereira, 2012, p. 336).

<sup>146</sup> “Merece também ser considerado outro aspecto da questão. Dissemos acima que as referências literárias ao oráculo eram inúmeras. Mas entre essas cumpre salientar as que nos provam a importância que lhe atribuíram os grandes filósofos, nomeadamente Sócrates e Platão”. (Fonte: Rocha Pereira, 2012, pp. 334-335).

<sup>147</sup> “Heródoto está no meio desse caminho, ele é mítico, mas na condição de intermediário.” (Fonte: Murachco, 1997, p. 19).

<sup>148</sup> “Mas o que existe na sua linguagem são os equivalentes.” (Fonte: Murachco, 1997, p. 20).

<sup>149</sup> Heródoto, no livro VII, 37.2, relata que o exército de Xerxes estava partindo de Sardes para invadir a Grécia, “o Sol deixando o seu lugar no espaço, desapareceu, embora não houvesse nuvens e o céu estivesse absolutamente claro, e foi noite em vez de dia”. A expressão “o Sol deixando o seu lugar no espaço”, remete para a ideia de Sol como entidade divina, sobrenatural. Os guerreiros de Xerxes viram isso como *um phantasma*, uma aparição, com significados e conclusões a serem tirados. (Fonte: Murachco, 1997, p. 19).

<sup>150</sup> É a passagem do mundo mítico para o mundo racional. (Fonte: Murachco, 1997, p. 19).

<sup>151</sup> Em meio ao debate desponta também o interesse em identificar o lugar de fala da religião, da superstição e magia diante do pensamento racional. (Fonte: Candido, 2011, p. 45).

vamos ver agora seu funcionamento no sentido de destino, pela interpretação dos magos de Astíages e dos Telmésios, e depois ainda, por contraste moral<sup>152</sup>, pelo sentido de purificação<sup>153</sup> de Adrasto por Creso.

### 1.5.1 A interpretação dos magos conselheiros de Astíages sobre o Sonho

Astíages, rei dos Medos, teve dois sonhos que anteviam a sua queda do poder por Ciro da Pérsia:

Este tinha uma filha, a quem pôs o nome de Mandane. Em sonhos, o rei viu-a urinar com tal abundância que inundou a cidade, e mesmo a Ásia inteira ficou submersa. Depois de submeter esta visão à consideração dos Magos que interpretavam sonhos, ficou apavorado quando lhe viu a explicação ponto por ponto. Mais tarde, quando Mandane chegou à idade de casar, não a deu por esposa a um Medo que fosse digno dela, com medo da visão. Foi dá-la a um Persa, chamado Cambises, que sabia ser homem de boa família, de temperamento calmo, e que lhe parecia estar muito abaixo de um Medo da classe média. (Heródoto, 1994, Livro I, 107.1).

Analisando o parágrafo acima, aconteceram ali duas situações importantes, a primeira, o sonho de Astíages. Como o soberano medo já tem como pressuposto que os deuses revelam a verdade através dos sonhos, e aqui em Heródoto<sup>154</sup> o sonho é palavra proferida veiculada através da escrita e serve como oráculo pois tem a função de prognosticar o futuro e assim exemplificar a compreensão e sentido de inevitável destino<sup>155</sup> dos personagens. Pois voltemos a análise do parágrafo.

O rei viu sua filha urinar por toda a Ásia, incluindo a cidade, os Magos interpretaram, *ponto a ponto*, essa é a segunda situação importante depois do sonho, a sua interpretação. Os Magos têm, enquanto pressuposto, a função de aconselhar o rei sobre os assuntos da divindade, nesse caso, interpretando<sup>156</sup> o sonho.

---

<sup>152</sup> “Aplicados à sociedade grega, cujas bases mágico-religiosas são marcantes, podemos afirmar que os integrantes dessas comunidades têm a sua existência regidas por ritos de passagem desde o nascimento até o funeral”. (Fonte: Candido, 2011, p. 49).

<sup>153</sup> As crenças nas práticas mágicas são atestadas desde Homero, passando pelo período clássico. (Fonte: Candido, 2011, p. 50).

<sup>154</sup> “Entretanto, devemos afirmar que o caráter politeísta, o contato próximo com as divindades e os rituais de sacrifícios configuram-se como faces marcantes das culturas gregas e romanas na antiguidade”. (Fonte: Candido, 2011, p. 52).

<sup>155</sup> “Na época de Heródoto os fatos ainda estavam embebidos de uma matriz mitológica e, em função disso, a referência a divindades e costumes religiosos lá estão. Assim, observa-se a presença da divindade nos inúmeros oráculos e na persistente consciência de um destino ou fado presente. No Livro I, 32, Sólon ensina que *em tudo o ser humano é acaso*. Observe-se no trecho que Heródoto faz uso de um *topos* característico dos esquemas trágicos e, na sequência do *logos* de Creso, perpassa a ideia da *inevitabilidade* do destino”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 16).

<sup>156</sup> “Pois sei com certeza que os magos fazem essas coisas”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 46).

Em resumo, o sonho e sua interpretação definem o destino do rei Astíages, compreenda-se o sentido de destino dado<sup>157</sup> a quem recebeu o sonho, mesmo que ele movimente todos os personagens a partir desse fato marcante na representação<sup>158</sup> da imagem onírica, a fim de evitar o fato de sua queda, servindo o presságio mesmo de marcador<sup>159</sup> de seu fim de reinado, é inclusive o que diz o sonho já interpretado. Tanto foi assim que, analisando ainda a citação, deu a filha em casamento a um *Persa*, ao qual ele considerava de boa família, mas inferior, no sentido de que não poria seu reino em risco.

Findo este ato, nem mesmo passou um ano de casamento da filha de Astíages com o persa Cambises, apresenta-se o augúrio através<sup>160</sup> do sonho para atormentar o rei medo de novo, esse é o segundo fato marcante, ou marcador de cena na ação do Livro I das *Histórias* de Heródoto que realça *o sentido de destino* desse rei:

Logo no primeiro ano de casamento de Mandane com Cambises, Astíages teve outro sonho: parecia-lhe que, do sexo da filha, nascia uma vinha, e que esta vinha cobria toda a Ásia. Perante tal visão, e depois de consultar os intérpretes de sonhos, mandou vir da Pérsia Mandane, que estava grávida. Quando chegou, pô-la sob vigilância na intenção de liquidar o filho que dela nascesse; é que, na sequência de tal visão, os Magos intérpretes dos sonhos tinham-lhe profetizado que o descendente da filha havia de reinar em seu lugar. Para se precaver de uma tal ameaça, na altura do nascimento de Ciro, Astíages chamou Hárpago, um seu parente, de entre os Medos, o homem em quem depositava maior confiança, administrador de todos os seus bens, e falou-lhe deste modo: Hárpago, não descures a missão de que te vou encarregar. Não tentes enganar-me, vê lá não vás cavar a tua própria ruína futura, por pones os interesses de outros à frente dos meus. Pega na criança que Mandane deu à luz, leva-a para tua casa e mata-a. (Heródoto, 1994, Livro I, 108.1).

Curiosamente, sabemos o resultado da interpretação dos sonhos de Astíages pelas suas ações. Esse oculto que se revela nas ações por antecedência é proposital<sup>161</sup> e funciona como antecipação do sentido mesmo de revelação do destino por consequência. Fazendo de

<sup>157</sup> “La storia della relatività della condizione umana; *dottrina teologica delfica* ma anche nozione di saggezza arcaica ‘laica’ – si esprime nel campo della riflessione storica e filosofica attraverso una concezione ciclica tripartita – ascesa, apogeo e declino – della storia degli individuo e degli stati”. (Fonte: Asheri, 2001, p. 108).

<sup>158</sup> “Representar, nesse caso, corresponde a tornar inteligível aquilo que se viu ou que se sabe. As representações podem ser construídas por palavras, imagens ou pinturas. Por meio da descrição e da narração é possível ver e fazer ver. Tudo aquilo que dá forma física ou mental a um saber, a uma ideia, a algo que se conheceu, pode ser considerado tanto *mimese* quanto representação”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 31).

<sup>159</sup> “A visão premonitória ou admoestatória *sobrevém*, isto é, *paira* sobre o adormecido, enquanto ele sonha. Tal como acontece com os oráculos no *Livro I*, as visões sobrevividas em sonhos são mal interpretadas e acabam por se concretizar. Essas “visões” são mencionadas por Heródoto como algo que acontece aos personagens principais dos eventos: os reis”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 37).

<sup>160</sup> Utilizo aqui a citação de *Rabello*, embora não normalmente usual exatamente por estar mais próximo do original grego, no sentido da insistência do ato de ver (*εἶδε ἄλλην ὄψιν*): “Astíages no primeiro ano, *viu* (I,108) outra visão”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 42).

<sup>161</sup> “Trilha caminhos que lhe foram delineados, que foram postos diante dele sem que tivesse de fato, e talvez nem de direito a possibilidade real da escolha. O destino/fado/ porção estava atribuído, e era inevitável, como nos *esquemas* trágicos”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 76).



tudo para se manter no poder, o rei dos Medos, Astíages, sem saber, está movimentando as ações que lhe vão por fim ao seu próprio reinado.

Não é difícil de identificar essa recorrência<sup>162</sup> em Heródoto, quando por exemplo Creso faz de tudo para evitar a morte do seu filho Átis, e por causa dessas mesmas ações, acabam por conduzi-lo à morte e depois ao fim de seu próprio império lídio.

Com Astíages se passa o mesmo, mandando matar Ciro, esse último se salva, e depois o destrona, é mesmo o sentido inevitável e combinado<sup>163</sup> do destino que o oráculo profetiza, nesse caso, por sonhos.

Note-se que o sonho não está errado, a previsão está correta, parece-me que, quando o destino revela-se por sonhos a Astíages, funciona como um motor que o movimenta em suas ações para que o personagem tente evitar o inevitável, e assim, ao destino do personagem, que tanto lutou para evitar seu augúrio, na verdade o promoveu o tempo todo sem o saber, e é essa uma das funções dos oráculos em todo o livro I de *Histórias de Heródoto*, passando-se o mesmo com todos os principais personagens, a saber, Creso da Lídia e Ciro da Pérsia, é por assim dizer, o sentido destes *logoi*<sup>164</sup> no livro I.

E nesse caso, a palavra proferida valida-se pela interpretação dos Magos conselheiros de Astíages, e quando esse último identifica posteriormente Ciro vivo, inquire novamente os intérpretes do sonhos sobre o ocorrido:

Preocupado com a atitude a tomar em relação a Ciro, chamou os mesmos Magos que lhe tinham interpretado o sonho da maneira atrás referida. Quando chegaram, o rei perguntou-lhes como é que lhe tinham explicado a visão que tivera. E eles repetiram as mesmas palavras, dizendo que o garoto teria forçosamente de reinar se sobrevivesse e não tivesse morrido antes. Então Astíages replicou: o rapaz existe e está vivo. Lá na aldeia onde morava, os miúdos da povoação elegeram-no rei. Ele vá de tomar todas as medidas que são próprias de um verdadeiro soberano: nomeou um corpo de guarda, porteiros, mensageiros, e tudo o mais e assumiu o poder. Nessas circunstâncias, que conclusão vos parece legítimo tirar agora? Responderam os Magos: Se o rapaz está vivo e já reinou, sem ter havido premeditação, fica tranquilo, não te preocupes com ele, que não há de reinar segunda vez. (Heródoto, 1994, Livro I, 120.2).

<sup>162</sup> A trágica história de Átis, filho de Creso que será morto por Adrasto, completa a trilogia. (Fonte: Rabello, 2006, p. 70).

<sup>163</sup> “Isso pode ser verificado na história de Giges, Creso ou de Ciro, por exemplo. Conforme já comentamos neste trabalho, o Livro I das *Histórias* contém dois grandes *lógoi* que tratam de dois indivíduos, cujas vidas acabam por se entrelaçar. Heródoto usou em seu texto recursos que, no Livro I, *seguem um padrão de composição anelar: a história de um se liga à história de outro*. Ele procurou adequar a forma ao conteúdo e a maneira conhecida até então para descreverem-se as batalhas de uma maneira épica. Além disso, ao focar as decisões e indecisões humanas, Heródoto serviu-se dos temas e esquemas da tragédia”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 79).

<sup>164</sup> “As vidas desses soberanos acabarão por se entrelaçar e, ao descrevê-las, Heródoto inclui pequenos episódios e referências geográficas e étnicas. Neste ponto é que ele mostra sua habilidade de historiador, logógrafo e viajante”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 11).

Veja-se que, pela análise da citação acima, a resposta dos Magos é clara, o rei não precisa se preocupar, já que Ciro reinou. Se conhecemos toda a história de Ciro, exposta no Livro I de *Histórias*, fica mais claro de entender que, enquanto unidade escrita do autor, realmente Ciro ali já reinou, e que esse presságio dos Magos dado ao rei Astíages, augúrio de interpretação errada por acaso, já é recorrente em Heródoto, basta lembrar a interpretação de Átis em confronto<sup>165</sup> ao seu pai Creso sobre o sonho da morte com a ponta de ferro (39.1).

Quero dizer com isso que a interpretação errada do sonho já antecipa uma morte que simboliza o fim de um personagem. Veja-se que anteriormente Átis, depois de interpretar errado o sonho de Creso, precipita-se para a própria morte, o mesmo se dá com os Magos intérpretes dos sonhos de Astíages, cumprindo o término de sua função ao vaticinar<sup>166</sup> errado o significado do presságio, permitindo assim que Ciro sobrevivesse e conquistasse o reino de Astíages e consagrasse o império persa frente aos Medos.

Morrem os personagens referidos simplesmente por Magos, por terem cumprido a totalidade<sup>167</sup> da função dessa história, ao consagrar, enquanto funcionalidade, o sentido de destino aos personagens, e sem fugir da tradição grega trágica. Heródoto dá um terrível final para esses atores, quando o império de Astíages cai pelas mãos de Ciro:

Mal Astíages tomou conhecimento da derrota, proferiu contra Ciro uma ameaça: Ah não, Ciro não se vai ficar a rir! Dito isto, o seu primeiro cuidado foi mandar empalar o Magos intérpretes de sonhos, que o tinham aconselhado a deixar partir Ciro; depois mobilizou todos os Medos que lhe restavam na cidade, novos e velhos e, à frente desses homens, travou combate com os Persas e saiu derrotado. Astíages foi, ele próprio, feito prisioneiro e perdeu os Medos que tinha sob o seu comando. (Heródoto, 1994, Livro I, 128.1).

Sentido de destino evidente e claro associado a ideia do trágico, morrem empalados os Magos porque de certa forma, ao representarem a divindade no sentido mesmo de destino enquanto fatalidade, assumem-se em caráter duplo, na morte enquanto fim da ação do personagem e enquanto fatalidade do inevitável já dado<sup>168</sup> por Heródoto.

Através do Magos, Ciro protege-se mesmo sem o saber, e assim, assume o poder ao qual já estava predestinado através dos sonhos revelados a Astíages, agora, reduzido à

<sup>165</sup> “Um indivíduo ou um grupo apenas consegue definir a sua especificidade por confronto com algo que seja diferente ou outro”. (Fonte: Soares, 2008, p. 31).

<sup>166</sup> “Porque recordar é sempre selecionar o passado, pois escolher implica excluir e silenciar, o que se narra não é o que aconteceu; estamos, pois, perante uma re-apresentação”. (Fonte: Soares, 2008, p. 32).

<sup>167</sup> “Combater a vivência do tempo como simples sucessão, na qual cada momento transporta o esquecimento do momento que o precedeu, é contribuir para ancorar o homem de hoje numa história cujo *continuum* faz parte e é obreiro principal”. (Fonte: Soares, 2008, p. 32).

<sup>168</sup> “Todavia, para exprimir a pressão social exercida pelas normas sobre indivíduos de sociedades não gregas, Heródoto recorre a uma técnica discursiva diversa”. (Fonte: Soares, 2008, p. 34).

condição de escravo de Ciro por intermédio importante de Hárpago que, pela palavra proferida escrita, anunciou, no sentido moral referente a similaridade de uma norma<sup>169</sup>, que o personagem Ciro *tinha de tomar a ação que lhe era própria*, a tomada do poder:

Assim se fez: Ciro recebeu a lebre e abriu-a; pegou na mensagem que encontrou lá dentro e leu-a. A carta rezava assim: Filho de Cambises, os deuses protegem-te; se assim não fosse, não terias atingido tão grande fortuna. Por isso, vinga-te de Astíages, que é o teu assassino. Tanto quanto dependia da vontade dele, estavas morto, é apenas graças à vontade dos deuses e à minha que ainda existes. Suponho que, há muito tempo já, conheces bem todos os pormenores dessa história, que medidas se tomaram a teu respeito, e o que eu próprio sofri, por obra de Astíages, por não te ter matado e te ter confiado ao boieiro. Serás tu, se quiseres dar ouvidos, o soberano de todo o território agora sob a autoridade de Astíages. Convince os Persas a revoltarem-se e avança contra os Medos. Se for eu a receber do rei ordens para comandar o exército que te há de fazer frente, estás como queres, e a situação não muda se o nomeado for outro Medo ilustre. Porque eles serão os primeiros a abandonarem-no e a juntarem-se a ti, numa tentativa de derrubares Astíages. Portanto deste lado está tudo resolvido, trata tu de fazer o que te digo e fá-lo depressa. (Heródoto, 1994, Livro I, 124.1).

Então aqui, de acordo com o parágrafo acima, fica claro, Ciro lê a mensagem de Hárpago, e essa mensagem nada mais é do que a instrução ao personagem Ciro para assumir o poder. A ideia de o futuro rei persa que vai destronar Astíages receber a mensagem de dentro de um animal simboliza que essa mensagem em Heródoto tem caráter de secretismo, mas nem tanto a quem prestar atenção aos pormenores, é só a partir da palavra escrita proferida e desoculta do animal e também revelada enquanto unidade, através das ações dos Magos, que a funcionalidade do oráculo, enquanto sentido inevitável de destino, se revela.

Só é possível no futuro, por exemplo, a vingança de Tómiris com Ciro morto, por causa desse movimento, é necessário que primeiro a curva do destino se cumpra passo a passo, início, ascensão e queda decorrente da imprudência (*hybris*) dos personagens que estão no poder, esse é um método recorrente na escrita de Heródoto que tem por fim realçar o sentido<sup>170</sup> e fundo moral das *Histórias*, no Livro I, e nesse caso, enquanto a unidade dada pelo enredo do destino através da função da palavra proferida na escrita do autor .

### 1.5.2 A interpretação dos magos Telmíssios sobre a tomada de Sardes

<sup>169</sup> “Necessária à regularização da vida em sociedade, a norma estabelece com o seu produtor e produto, o indivíduo, uma relação de conformidade e/ou fratura”. (Fonte: Soares, 2008, p. 39).

<sup>170</sup> “A análise que levei a cabo neste estudo permite confirmar a ideia de que os conflitos do *eu* com as regras estabelecidas, as próprias e as do *outro*, tiveram, têm e, muito possivelmente, continuarão a ter um papel determinante na construção de percursos de identidade/alteridade de cada sujeito ou grupo, isto é, na configuração do tecido multicultural das sociedades de todos os tempos”. (Fonte: Soares, 2008, pp. 39-40).

Ciro já no poder toma, após um cerco de 14 dias, a cidade de Sardes e com isso promove a queda do antigo rei lídio, Cresos, que passa a ser subalterno<sup>171</sup> do conquistador, e no futuro, curiosamente, na investida contra os Masságetas, enquanto conselheiro, ajuda<sup>172</sup> o rei persa a encontrar a morte.

Antes da tomada de Sardes, Heródoto, através da palavra que profere nos seus escritos, nos relata um augúrio, que é um simbolismo em sua obra e isso ele bem especifica:

Enquanto Cresos refletia nestes projetos, todos os subúrbios se encheram de serpentes. Com o seu aparecimento, os cavalos deixaram de comer as pastagens, corriam atrás delas e devoravam-nas. Ao ver isto, Cresos pensou tratar-se de um presságio, como era de facto. De imediato mandou mensageiros sagrados aos Telmíssios, famosos intérpretes de presságios. (Heródoto, 1994, Livro I, 78.1).

Analisando o parágrafo acima, aparece novamente o modelo típico da escrita de Heródoto enquanto método de contraste e composição em anel que também é uma metáfora<sup>173</sup> do poder divino que o autor se vale enquanto escritor ao definir o destino dos personagens como se ele próprio fosse uma divindade frente aos atores, tendo seus escritos<sup>174</sup> essa função de oráculo, nos dando augúrios, nos esclarecendo seus motivos.

Mas clarificando já algo sobre isso, o contraste<sup>175</sup> dá-se exatamente entre os personagens ou atores no simbolismo, o cavalo e a serpente são contrastes, ou seja, opostos em conflito que simbolizam a própria situação com que Cresos vai perder seu poder, ou seja, é a própria metáfora da guerra entre Lídios e Persas.

Ora, a composição em anel simboliza exatamente a revolução que vai se dar, o governante Cresos passa a subalterno, e o povo que ele pretendeu vencido, ou seja, os Persas, passa a ser o povo vencedor, o círculo revolucionário é a própria unidade das *Histórias*, referenciada<sup>176</sup> aqui nesse particular contexto.

<sup>171</sup> “Atingido pela fatalidade, Cresos acaba se tornando prisioneiro de Ciro, cumprindo assim o que fora profetizado por ocasião da tirania de Giges”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 70).

<sup>172</sup> “E como e por que Cresos se tornou esse responsável torna-se o fio condutor do relato herodoteano”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 10).

<sup>173</sup> “Com o anel ele vê sem ser visto, e vê aquilo que aos outros é vedado. Com o anel, pôde tomar o poder e agir “como se fosse igual aos deuses”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 74).

<sup>174</sup> “Os diversos episódios que compõem o Livro I certamente foram escritos a partir de temas que Heródoto desejava tratar. Existem parágrafos inteiros em que uma palavra se repete ou é apresentada em diferentes formatos e composições”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 09).

<sup>175</sup> “O relato desses prodígios estaria alinhado à intenção de maravilhar os ouvintes e acentuar seu bem tramado sistema de oposições e contrastes. Na construção de seu relato, Heródoto estabelece regularidades e simetrias, mais particularmente, oposições regulares”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 24).

<sup>176</sup> “A narrativa herodoteana tem o poder de apresentar os eventos para serem *observados* a uma distância que permite a participação – e consequentemente o interesse – da audiência ou do leitor”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 24).

Essa funcionalidade do oráculo enquanto sentido de *destino* dado aos personagens pelo autor agora é explicitada pelo próprio Heródoto, ao revelar o que disseram os Telmésios sobre o significado do augúrio já acima exposto e que tem sido objeto de análise:

Uma vez chegados, os mensageiros informaram-se junto aos Telmésios sobre o que queria dizer o presságio, mas não o puderam comunicar ao rei, porque, antes de eles regressarem por mar a Sardes, Creso foi feito prisioneiro. Ora os Telmésios tinham precisamente reconhecido que era de esperar a vinda de um exército estrangeiro contra o país de Creso e que uma vez chegado submeteria os habitantes, alegando que a serpente era a filha da terra e o cavalo belicoso e adventício. (Heródoto, 1994, Livro I, 78.2).

O termo chave aqui nessa citação é *adventício*, ou seja, o cavalo simboliza uma ação inevitável decorrente do conflito, a serpente, *filha da terra*, claramente indica serem os nativos lídios os capturados pelo exército de Creso, da mesma maneira que os cavalos perseguem e capturam as serpentes, *devorando-as*, colocando-as em posição de, em última análise, servidão, os *Persas* assim servem-se daquilo que representam os Lídios, servindo-se deles em tudo o que possuem os conquistados.

Ainda analisando o parágrafo acima, enquanto os Telmésios, famosos intérpretes de presságios,<sup>177</sup> revelavam aos mensageiros sagrados de Creso o augúrio, o mesmo já havia sofrido o terrível vaticínio, pois estava capturado por Creso da Pérsia. Estão clarificados, novamente, a compreensão e sentido de destino inevitável<sup>178</sup> de Creso realizado enquanto perda do reino e ao mesmo tempo revelado enquanto funcionalidade da palavra escrita proferida, e para exemplificar e esclarecer, coloco essa citação em continuidade às duas antes já referidas e analisadas: “Essa foi a resposta que os Telmésios deram a Creso, nessa altura já prisioneiro, sem nada saberem ainda do que acontecia em Sardes e ao próprio Creso”. (I, 78.3).

Então aqui podemos ver, nessa última citação, algo já da técnica de Heródoto, quando escreve de maneira a acentuar o sentido de inevitabilidade do destino do personagem que simboliza aqui a unidade em Creso<sup>179</sup> de um povo bárbaro vencido, ou seja, os *Lídios*.

Vejamos, a resposta dos Telmésios foi dada a Creso já prisioneiro, ou seja, os mensageiros sagrados vão a mando do rei lídio para questionar o significado do augúrio que

<sup>177</sup> “Naturais de Telmessos, os Telmésios constituíam uma raça de adivinhos famosos, já consultados pelo rei lendário lídio Meles, a respeito da cidade de Sardes (1.84.3)”. (Heródoto, 1994, Livro I, n. 126, p. 110).

<sup>178</sup> “Creso será vítima dessa inevitabilidade como resultado de uma série de ações equivocadas que acabam valorizadas pelo capricho divino, pois quando um mortal empenha-se em perder-se, os deuses o ajudam nessa tarefa”. (Fonte: Rabello, 2006, pp. 16-17).

<sup>179</sup> “Assim, o bárbaro seria aquele cuja vida e destino, ao contrário dos gregos, estavam entregues às mãos de um só homem”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 19).

ocorre no reino antes da captura; em essência, é o símbolo do personagem vencido caracterizado<sup>180</sup>, pois de acordo com a citação acima, essa foi a resposta que os *Telméssios deram a Cresos*, mas não pôde ser por intermédio dos mensageiros *de fato*, mas sim enquanto sentido *simbólico*, pois não puderam comunicar ao rei, porque, antes de eles regressarem por mar a Sardes, Cresos foi feito prisioneiro (1.78.2).

Então, por uma questão de coerência, podemos ver que os mensageiros sagrados lídios, os mesmos que perguntaram o significado dos augúrios, representavam, enquanto o símbolo de similaridade, o próprio Cresos, já que, nessa similaridade, um pormenor, eles estavam inversamente sitiados, ou seja, fora de Sardes e sem poder atuar. E por isso mesmo, em similaridade, Heródoto fala que a resposta foi dada a Cresos (1.78.1-3), conforme citei antes.

E nessa similaridade identitária enquanto símbolo de unidade entre mensageiro e rei, outro evidente contraste, os adivinhos Telméssios, sabendo com precisão o significado<sup>181</sup> do augúrio, o interpretaram corretamente e o transmitiram aos representantes de Cresos *como se fosse ele o próprio*, não o sendo, mas no texto, recebe esse tratamento, pois pela citação colocada anteriormente, a resposta foi dada ao lídio, faz sentido se o rei<sup>182</sup> representa todos os lídios, e o representante, similarmente, representa o monarca, num sentido de unidade de identidade enquanto unicidade de um destino comum a esse povo, o ser vencido e submetido.

A função da palavra proferida também aqui se evidencia por contraste, os adivinhos Telméssios, famosos pelas previsões acertadas, como de fato foi, de nada sabiam sobre o que ocorria. Esse nada saber do fato que se sabe pela interpretação, em Heródoto se dá enquanto mensagem, é o autor que a escreve<sup>183</sup>, dá unidade de autoridade aos mensageiros sagrados lídios e força de entendimento na interpretação daquilo que é escrito<sup>184</sup> e dito, não

<sup>180</sup> “Além disso, Heródoto incorpora ao seu texto a temática dos tragediógrafos do período, principalmente de Ésquilo e de Sófocles; de fato, os dois grandes *lógoi* estão construídos de maneira a ressaltar as atitudes provocadas pela *hýbris* e suas consequências”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 11).

<sup>181</sup> “Assim como nas tragédias aparecem os adivinhos alertando sobre as consequências das ações *hýbristés*, nas *Histórias* existem os *sábios conselheiros* que repetem a mensagem de que a ambição desmedida conduz à destruição. Assim, Sólon alerta Cresos que, por sua vez, irá alertar Ciro depois de sua captura. Talvez Heródoto – a exemplo de Ésquilo – tenha escrito para alertar os atenienses que começavam a exibir os sinais do expansionismo responsável pela destruição dos reinos de Cresos, Dario e Xerxes”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 17).

<sup>182</sup> “Os acontecimentos do reinado de Cresos, relatados por Heródoto, assumem feição trágica segundo os cânones tradicionais: os descendentes são punidos pelas transgressões de seus ancestrais”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 70).

<sup>183</sup> “A representação de personagens históricos, que teriam vivido muito antes da memória sobre sua vida e feitos, aproxima os relatos históricos dos mitos”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 69).

<sup>184</sup> “A obra de Heródoto pode ser considerada um registro criado para esse fim. Tanto pela sua forma, como pelo seu declarado objetivo – que as grandes obras tanto de gregos como de não gregos fossem preservadas do esquecimento – as *Histórias* constituem, por si, um monumento. Esse *monumento* escrito foi concebido pelo autor visando leituras públicas, mas sua preservação resulta da possibilidade de ser *lido* por outros”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 09).

necessariamente como ele exatamente ocorre, isso está simbolizado nesse contraste entre o saber interpretativo dos adivinhos e o não saber de fato a exatidão de como a invasão persa ocorria naquele momento.

E é exatamente assim que Heródoto escreve, baseado em fatos reais<sup>185</sup> sem ter obrigatoriedade da exatidão plena de o relatar, muitas vezes ele embora assim o faça, em outras ocasiões fantasie<sup>186</sup> e exagere<sup>187</sup>, somado ao seu toque trágico<sup>188</sup> do *sentido de compreensão*<sup>189</sup> da inevitabilidade do destino, é assim que ele profere a palavra e por isso mesmo a usa enquanto funcionalidade de oráculo, que, enquanto curva do destino, pode ser chamada também de *anelar*<sup>190</sup>; pois tem por fim a ligação reveladora entre os personagens e consequente unidade do *Livro I de Histórias*, com tudo o que lhe é pertinente em termos de atribuições, às vezes de forma direta, às vezes indireta, simbólica, similar ou contrastante, tudo escrito propositalmente<sup>191</sup> numa composição de unidade.

## 1.6 Como Método e sua Importância para os Personagens das *Histórias*

Já de antemão tendo o pressuposto claro de que Heródoto não escreve sem método<sup>192</sup>, cabe aqui explicitá-lo, sem perder de vista que seus escritos fazem parte de um conjunto, na qual o oráculo, enquanto designado aqui, e isso vale para toda essa dissertação, é

<sup>185</sup> “O primeiro passo é apontar como ocorrem e em quais contextos são usadas as palavras relativas ao ato de ver e suas compostas e derivadas e, depois, construir uma argumentação satisfatória para justificar essas ocorrências à luz dos objetivos de Heródoto”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 09).

<sup>186</sup> *Quamquam et apud Herodotum pater historiae et apud Theopompum sunt innumerabiles fabulae* (Cícero, I.1.5). Tradução e comentário: “Embora, mesmo em Heródoto, pai da História, e em Teopompo, se encontrem inúmeras fantasias...” advertiu Cícero no *De Legibus* I.1.5, cunhando assim um epíteto de *Pater Historiae*, que havia de ser confirmado ou rejeitado vezes sem conta ao longo dos séculos”. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, 1994, Livro I, p. XVII).

<sup>187</sup> “Que esse título (*Pater Historiae*) não era compatível com a presença de tantas falsidades referidas no texto latino, tê-lo-á notado Petrarca pela primeira vez”. (Fonte: Rocha Pereira, Heródoto, 1994, Livro I, p. XVII).

<sup>188</sup> Vide nota 155.

<sup>189</sup> “Imortalizado por Cícero com o epíteto distintivo de *pater historiae* (*De legibus* 1.1.5.), Heródoto fascina os amantes da literatura grega antiga (grupo em que me incluo) por inúmeras razões, de que me limitarei a destacar uma, por ter sido para mim a determinante na escolha das *Histórias para* objeto da minha dissertação de doutoramento: a forte presença no seu discurso de elementos de forma e conteúdo típicos do *logos* dramático”. (Fonte: Soares, 2007, p. 50).

<sup>190</sup> “Heródoto usou em seu texto recursos que, no *Livro I*, seguem um padrão de composição anelar: a história de um se liga à história de outro”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 79).

<sup>191</sup> Na Antiguidade, o historiador era primeiro um pesquisador e depois um narrador. Na coleta dos fatos e das informações relativas a eles, é possível que o historiador antigo se localizasse no limite entre o verdadeiro e o verossímil. É nesse ponto que Aristóteles opõe história e ficção. Ele usa a palavra *historiador* para indicar, por exemplo, a causa do emprego do termo por Heródoto, um pesquisador que procura informar-se, mas esse *sentido herodoteano e aristotélico do termo* evoluiu de forma a significar, cada vez mais, a *exposição das pesquisas* a ponto de não mais se distinguir nele claramente a *investigação da narração*. A história tornou-se um gênero de discurso e, a partir dos alexandrinos, o gênero é explicitamente regulado por determinadas regras retóricas. (Fonte: Rabello, 2006, p. 80).

<sup>192</sup> Vide nota 40.

sinônimo de *palavra proferida*<sup>193</sup>, então desempenha funções também enquanto método, o que é muito importante para o desenho das ações dos personagens de suas *Histórias*, e convém lembrar, trato aqui apenas do Livro I, embora em essência, muito da posição aqui defendida vale para toda a obra<sup>194</sup> do autor.

Acertado esse entendimento acerca do assunto em questão e tratados os pressupostos<sup>195</sup>, posso dizer com certeza que, sem a pretensão de abarcar aqui todo conjunto de funções do método do autor pesquisado, vou avançar com aquilo que encontrei no decorrer do desenvolvimento dessa presente dissertação até o momento, no que posso afirmar o mesmo ter utilizado. Identifiquei<sup>196</sup> no entanto no decorrer da leitura expressa na presente bibliografia de maneira referencial na conexão desse conjunto: a composição em anel, as combinações de similaridade, o contraste, as digressões e as aproximações históricas com personagens inventados.

Muitas vezes, baseado em acontecimentos históricos reais<sup>197</sup>, o autor desenvolve para seus objetivos<sup>198</sup> personagens que transitam entre a possível existência real ou inventada ou mito<sup>199</sup>, isso é importante para entender melhor o método na obra do autor, tanto que há claramente no *livro I* interações entre personagens com base na existência real e, em contrapartida e por contraste, os de existência possível ou inventada, como no caso do encontro de Ciro, personagem histórico baseado na realidade, e a rainha dos Masságetas, Tómiris<sup>200</sup>, porque o objetivo do método é explicitar o fundo moral das *Histórias* ao público que o procura.

### 1.6.1 Contraste

<sup>193</sup> “Isso está de acordo com o sentido original de *χρή*, que está na raiz da palavra que costumamos traduzir por oráculo”. (Fonte: Rabello, 2013, p. 03).

<sup>194</sup> “The situation or action denoted by the infinitive constitutes a recurrent situation or a repeated action”. (Fonte: Stork, 1982, p. 221).

<sup>195</sup> “The interpretation of the individual aspectual forms necessary involves the question of the sufficiency of the interpretation, that is to say, the question to what extent all possible factors are exhaustively accounted for in the proposed interpretation and which factors actually determine the use of the aspectual forms”. (Fonte: Stork, 1982, p. 50).

<sup>196</sup> “This selection of the factors that appear to be primarily relevant implies the assumption that these factors are most likely to be predominant in determining the use of the aspectual forms involved in the sense that they constitute compelling reasons for a certain form (rather than another) being used”. (Fonte: Stork, 1982, p. 50).

<sup>197</sup> Vide nota 31.

<sup>198</sup> Vide nota 183.

<sup>199</sup> Vide nota 186.

<sup>200</sup> “Não se pode confirmar a historicidade dessa rainha, nem tão pouco uma posição de privilégio para a mulher nesta sociedade nômada. Parece mais haver em Heródoto a intenção de estabelecer um contraste entre a fortuna ilusória de Ciro e a fraqueza desta mulher que irá, no entanto, decidir a sua morte”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, n. 197, p. 195).



Um dos métodos mais utilizados por Heródoto no Livro I é o de contraste<sup>201</sup>, ou seja, contrapor elementos contrários para evidenciar uma situação de reflexão, de vivência humana, de dualidade<sup>202</sup> e, enquanto escreve, Heródoto nos educa<sup>203</sup> pelos exemplos que promove por intermédio da palavra que profere enquanto sentido<sup>204</sup> de soma, conjunto, daquilo que é necessário que se cumpra, o fado ou destino dos personagens.

A morte de Átis por Adrasto, por exemplo, é um desses contrastes marcantes, já expresso no Livro I de *Histórias* e que já abordei nessa presente dissertação, mas aqui o contexto se dá sob a perspectiva do método de contraste. Creso, marcado pelo destino fatal de ter que expiar o crime de homicídio de seu ancestral Giges, já está de antemão condenado, mesmo assim purifica de outro crime de sangue aquele que tem por nome a inevitabilidade, esta, expressa na revelação pela ocasião da morte do filho e o reconhecimento<sup>205</sup> de que o ato involuntário de Adrasto era apenas a execução da definição do destino que se cumpriu:

As situações de crise, que envolvem o risco de morte da descendência, afiguram-se nos, nesse contexto, as mais significativas. Em todos esses episódios, a encenação do drama depende de um jogo de forças idêntico: a vida dos filhos depende sempre de um poder superior ao paterno ou materno. (Soares, 2008, p. 10).

A palavra síntese aqui, analisando o parágrafo acima, é *jogo de forças idêntico*, e já entendendo o drama como sinônimo de ação, fica fácil identificar, enquanto pressuposto de que estas forças atuam nos personagens, o método de contraste.

Em síntese poderíamos colocar os valores de forças atuantes em Creso: Homicídio de Giges (12.1), de onde parte seu poder como governante (início) e a sua culpa (91.1) e queda (fim), ou seja, poder e declínio (contraste evidente). Depois podemos ainda observar o método de contraste pela libação de Adrasto por Creso (35.2), este último condenado pelas palavras

<sup>201</sup> “Instantie te verklaren op grond van het *contrast* dat hier bewust”. (Fonte: Stork, 1982, p. 01).

<sup>202</sup> “Compostas para um destinatário grego, refletindo sobre a temática do retrato da alteridade, as *Histórias* propiciam, ainda presentemente, um estimulante debate sobre antíteses culturais da mais variada ordem”. (Fonte: Soares, 2008, p. 09).

<sup>203</sup> “Sobre esse tema da educação *per exemplum*, a obra de Heródoto oferece matéria para vasta reflexão”. (Fonte: Soares, 2008, p. 10).

<sup>204</sup> Um exemplo dessa derivação do sentido da raiz etimológica (*χρη*). *τὸ χρῆν (inf.) fate, destiny, E. Hec. 260 (s. v. l., τὸ χρῆ Nauck); τὸ χρῆ Id.HF828; cj. for τὸ χρεών (monosyll.) in Id. Fr.733.3, IT1486.* (Fonte: Liddell-Scott = dicionário incorporado no Diógenes, 17.01.2015). Aponta-se claramente que, para que o *fado ou destino* se cumpra às *personae* do Livro I, é necessário o conjunto de ações nas *Histórias* que pressupõem a soma das funções das palavras escritas proferidas, e da mesma raiz etimológica também deriva a palavra oráculo (vide nota 193), ou seja, em Heródoto, no seu conjunto literário, *o oráculo é a própria funcionalidade necessária da palavra escrita pelo autor, com a função de definir*, pela soma do seu conjunto escrito, o destino final dos personagens, a *soma* do conjunto se revela necessariamente no seu cumprimento. Tomei por base para comentar, além da etimologia exemplificada aqui, também a ideia da concepção trágica de Heródoto e o fato de o termo oráculo não estar indissociado de sua função escrita, posição já esclarecida e revelada nessa presente dissertação.

<sup>205</sup> Vide nota 46.

do oráculo (13.1) em sua funcionalidade<sup>206</sup>, e na sequência, novamente a morte, dessa vez, de Átis, contraste entre purificação e culpa:

A insolência de se considerar o mais feliz de todos os homens (1.34.1), contra as provas em sentido contrário apresentadas pelo sábio ateniense, Sólon (1.30-33), leva Creso ao pagamento da mais elevada fatura. Vãos foram os esforços para lutar contra as determinações inflexíveis da *tyche*. O destino não se ilude com manobras ingênuas. Impedir o filho de tocar em armas, mandar escondê-las da sua vista foram as primeiras medidas tomadas para evitar a morte que os sonhos lhe anunciavam: o trespassse pela ponta de um ferro. (Soares, 2008, p. 11).

Se observarmos bem, *Creso tem em si a unidade do contraste*, ele iliba do crime de sangue *o inevitável* (Adrasto) do qual ele também está fatalmente condenado a expiar por causa de Giges. Depois de ilibado, Adrasto elimina (43.1) Átis:

Afastado da guerra, confinado às exigências domésticas de um casamento recente, Átis parecia não correr perigo. E mesmo quando, persuadido pelos argumentos desse filho, atingido na sua virilidade pela privação da prática do combate e da caça, Creso o autorizar a pegar de novo em armas, há dois fatores que o tranquilizam. Um javali, animal a abater, não possui a maldadada ponta de ferro. A proteção que habitualmente lhe dá em casa ficaria assegurada através de uma terceira pessoa, um hóspede com uma dívida de gratidão por cumprir. Atingido, no entanto, de forma fatal pelo dardo que o seu protetor destinava à fera, Átis acabará por morrer. Cumpre-se o fado. (Soares, 2008, p. 11).

Dentro do contexto do método de Heródoto, observa-se então: o contraste entre a culpa original e involuntária de Creso e Adrasto; purificação (união do contraste em Creso que iliba e tem culpa ao mesmo tempo) e novamente a culpa expiada em Creso, pois a morte da descendência lídia<sup>207</sup> antecipa a ação posterior que é o fim do seu reinado, assim como o suicídio de Adrasto (contraste inverso ao de Creso com o mesmo jogo de forças).

Por exemplo se por um lado, na libação de Adrasto, Creso possuía o poder de purificar e mesmo assim tem uma precedência de culpabilidade, forma enquanto ato, uma unidade de contraste<sup>208</sup> evidente como se fosse o espelho dessas forças que atuam no caráter de seu personagem:

O espelho exhibe uma “imagem ao contrário” da pessoa que nele se mira. Mas, cada traço, cada parte, tem um **contrário equivalente**, o que também poderia ser explicado pelas simétricas oposições apontadas acima. Se o outro é o que não sou, posso aprender com ele? Quando o viajante faz suas observações, **ele as faz por contraste** ou semelhança com o que conhece. (Rabello, 2006, p. 25).

<sup>206</sup> “Ele obteve o reino e foi confirmado pelo oráculo de Delfos”. (Fonte: Heródoto, 1994, Livro I, 13.1).

<sup>207</sup> “De acordo com o código ético – poético em causa, os mortais, se bem que subjugados aos deuses e à Moira, não se reduzem, porém, ao papel de espetadores passivos do teatro da vida humana. Há os que lutam inutilmente contra as decisões do fado, como Creso, pela salvação de Átis”. (Fonte: Soares, 2008, p. 15).

<sup>208</sup> Vide nota 175.

Seguindo a mesma linha de raciocínio do parágrafo anterior corroborada pela citação, depois da morte de Átis ocorre o mesmo com Adrasto, tem ele agora a culpabilidade também involuntária, e, com o suicídio (45.3), ele próprio purifica-se do crime e completa, com a morte, a unidade<sup>209</sup> dos acontecimentos, permitindo depois que Crespo também cumpra, por consequência do desenrolar das ações futuras, também o seu *destino*, para induzir como conselheiro (207.1) no futuro, a morte de Ciro em terra masságeta. Até aqui, concluo<sup>210</sup> então que esse movimento *é o método de contraste* que faz parte da escrita de Heródoto enquanto composição em anel.

Podemos novamente ver esse estilo<sup>211</sup> enquanto unidade de contraste no mesmo personagem de outra maneira, utilizando como modelo a rainha dos Masságetas, Tómiris. Viúva e recusando-se a aceitar a autoridade masculina representada pela oposição ao casamento com Ciro<sup>212</sup>, incorpora o papel de soma, representa a autoridade herdada do marido, o masculino morto em combate e o feminino vivo, numa real unidade que, em contraste com a morte do seu filho Espargápises, demonstra novamente o antecedente de ausência; primeiro sem marido, presença em sua própria figura feminina de unidade de poderes, e novamente a morte por intermédio do fim da descendência, e por último, para completar o drama trágico, a vingança (214.4) contra Ciro:

O assassinio de um filho desperta, tanto na figura paterna como materna, a mais profunda mágoa, justificativa mesmo de cruéis ajustes de contas. Do lado bárbaro é a rainha viúva dos Masságetas quem protagoniza a aviltante humilhação do responsável pela morte do seu filho (1.212-214). Coberto de vergonha, devido à captura por Ciro do seu contingente embriagado, o príncipe Espargápises tomara a única decisão honrosa à luz do código do guerreiro: suicidar-se. Tómiris aos títulos de suserana poderosa, estratega excelente e combatente exímia soma o de mãe vingativa. (Soares, 2008, p. 16).

<sup>209</sup> “Por certo que o conteúdo trágico e a grandeza ética do quadro, ainda que pintado com as cores exóticas do universo bárbaro, permaneçam no imaginário contemporâneo da obra e não de perdurar no posterior como *dignum laude exemplum*”. (Fonte: Soares, 2008, p. 22).

<sup>210</sup> “The way in which Herodotus empowers readers to contribute to imputing meaning to his *Histories* invites an approach that recognizes a wide range of potential responses: an approach that does not shy from operating on a level of conjecture”. (Fonte: Baragwanath, 2008, pp. 2-3).

<sup>211</sup> “Lo stile di Erodoto, per la sua semplicità e agevolezza con cui tien dietro ai fatti, ha tratto molti in inganno; eppure sono ancor di più quelli che hanno avuto a che subire a motivo del suo carattere”. (Fonte: Plutarco, 2004, Cit. 854 E, p. 37).

<sup>212</sup> “Heródoto señala como verdadero interés de Ciro el intento de acceder al reino de los maságetas por medio del matrimonio con la reina regente. Sin embargo, Tómiris logra darse cuenta a tiempo del motivo del rey persa y responde negativamente a la petición matrimonial de Ciro; cf. I 205, 1”. (Fonte: Guillermina, 2004, p. 55).

Morrem os homens no combate entre o exército de Ciro e os Masságetas (214.1), simbolizando a morte do que é masculino, também símbolo do reinado, a vida do feminino mantém-se como a representação da vingança.

Essa ideia do feminino vingativa de certa forma pode-se observar já na narrativa de Heródoto pela vingança da mulher de Candaules (11.2) e no destino como a representação das *Moiras* enquanto mulheres que tecem e tramam os caminhos humanos para que o destino se cumpra, como por exemplo, pelo aviso do oráculo quando atribui o reino ao homicida Gíges mas garante no futuro a vingança dos Heraclidas (13.1-2) pela queda do reinado de Cresos, e na escrita de Heródoto representam a própria palavra proferida enquanto aviso antecipado, ou seja, a própria função do oráculo (91.1) dado por uma mulher, a *Pítia*, como foi o caso quando da queda do rei lídio.

Com os exemplos citados acima, está esclarecido que o método de contraste está indissociado e é parte da funcionalidade do próprio oráculo enquanto escrita nas *Histórias* do Livro I. Para ressaltar essa ideia de contrastes em que a unidade do personagem se evidencia na vingança, volto ao exemplo de Tómiris:

Derrotados os Persas na mais violenta das batalhas travadas entre bárbaros (1.214.1), a rainha presta homenagem à memória do filho, ultrajando o cadáver do inimigo através da imersão da sua cabeça num odre de sangue. Por ser viúva, Tómiris está de alguma forma constrangida a somar ao seu tradicional papel de referência materna o de referência paterna. Claro que para o destinatário grego das *Histórias*, se juntarmos a essa contingência o fato de pertencer a uma das etnias bárbaras mais primitivas, a dos Masságetas, mais verosímil se torna este retrato de mãe, vingadora implacável. (Soares, 2008, p. 16).

Como já dito anteriormente e defendida nessa dissertação, essa personagem Tómiris foi possivelmente inventada, aqui claramente para ressaltar a unidade do masculino na figura do feminino, num contraste perfeito, evidenciando assim o método de Heródoto em sua escrita<sup>213</sup>, ou seja, proferir a palavra para evidenciar, também pelo contraste entre os personagens, a unidade de sua obra: “O padrão social helénico não reconhece à mãe um tal poder, que mais a aproxima do código masculino do que do feminino. É certo que Tómiris não é o exemplo de uma mãe comum, nem mesmo bárbara”. (Soares, 2008, p. 16).

---

<sup>213</sup> “Hasta el momento, a juzgar por los trabajos de Heródoto, la *História* habia lindado con el mito, limitándose más que a un estudio profundo de los fenómenos del acontecer humano, a la descripción de sucesos que colaborasen a la configuración de paradigmas”. (Fonte: Ayala, 2009, p. 63).

Se partirmos do princípio de que o oráculo profere aquilo que o personagem precisa<sup>214</sup> ouvir e não necessariamente aquilo que ele quer ouvir, certo é que, como uma unidade, há de haver uma adequação personalizada ao perfil do método de Heródoto no que respeita aos atores, por isso mesmo aproximações entre personagens históricos improváveis, como no caso de Cresos e Sólon (30.1), e de personagens reais com os possivelmente inventados, como no caso de Ciro e Tómiris, vão necessariamente compondo a unidade da obra.

Os personagens acima citados vão compondo o Livro I de *Histórias* com contrastes evidentes numa composição em anel, do qual falarei adiante, e como já defendi antes, a palavra proferida pelo autor está indissociada do destino dos personagens, sendo sempre dada pelos oráculos, por isso a importância dos mesmos em sua obra.

Retire-se os oráculos de suas *Histórias* para ver que, por mais indireta que esteja, nenhuma ação dos personagens se sustentaria em sua cíclica revolução<sup>215</sup> como unidade ficcional e histórica<sup>216</sup>, e apenas para citar um exemplo de que o oráculo enquanto palavra proferida pelo autor não está indissociado de suas partes, pelo contrário, é parte importante de todo o conjunto<sup>217</sup> da obra, vou explicitar adiante por conexão entre as ações, mas em sentido inverso.

Já tendo virtualmente identificado tudo o que disse nos parágrafos anteriores e para corroborar a importância da função dos oráculos no Livro I das *Histórias* de *Heródoto*, que é a palavra proferida<sup>218</sup> pelo autor como conjunto ou unidade, vou citar, também virtualmente e como método, a ação dos personagens ao contrário, ou seja: do fim para o início, para

---

<sup>214</sup> “The Pythia was called *mantis and promantis*, terms that imply an altered state of some intensity, and also prophetic, female prophet. The original sense of this word is prediction, guidance and inspired counsel”. (Fonte: Dashu, 2009, p. 3).

<sup>215</sup> “In the works of historians like Herodotus and Thucydides and philosophers such as Plato and Aristotle, various synonyms were used which demonstrated their fill of revolution, though they had no single word for it”. (Fonte: Nnaji, 2013, p. 14).

<sup>216</sup> “Como deve ser configurada uma situação histórica dada, depende da sutileza do historiador para relacionar uma estrutura de trama específica com um conjunto de acontecimentos históricos aos que deseja de um tipo ideal de significado. E isso é essencialmente uma operação literária, isto é, produtora de ficção. E chamá-la assim de forma alguma invalida o status das narrativas históricas como provedoras de um tipo de conhecimento”. (Fonte: White, 2003, p. 115).

<sup>217</sup> “É isso que o leitor-ouvinte pode esperar da investigação executada por Heródoto”. (Fonte: Guterres, 2011, p. 21).

<sup>218</sup> “Assim, a história e a filologia nasceram *com o objetivo comum de preservar a memória de um povo*, buscando expressar uma verdade a partir da adoção de procedimentos investigativos, tendo como referência *a ideia incipiente de prova científica atestada por uma determinada realidade textual*”. (Fonte: Barreiros, 2013, p. 43).

demonstrar a existência dessa unidade fundamental<sup>219</sup> da função oracular que subsiste sempre enquanto texto que revela a verdade<sup>220</sup> através das ações humanas.

Dado o acima exposto, coloco aqui um pequeno exemplo explicativo em que se pode desenhar mentalmente<sup>221</sup> uma curva em relacionamento com a composição em forma anelar, nesse caso, por inversão, o que não deixa de ser uma espécie de digressão<sup>222</sup> que sinaliza<sup>223</sup> a funcionalidade do oráculo:

A rainha Tómiris poderia vingar-se (212.3) de Ciro se seu filho Espargápises não tivesse posto fim à própria vida? Mesmo que pudesse, será que Ciro poderia ter capturado o filho da rainha masságeta se não tivesse seguido os conselhos de Creso? Óbvio que não, foi necessária a presença do Lídio na ação direta como conselheiro (211.1), que levou Espargápises e posteriormente o próprio Ciro à morte. E como Creso foi parar ali, realmente? Por causa da ação direta... sim, da palavra proferida pela *Pítia*, Creso está ali, ironicamente<sup>224</sup>, por causa da interpretação que teve a partir do oráculo de Delfos.

Concluindo pelo até agora exposto, entendo que não há *Histórias* sem as várias funcionalidades do oráculo, que é, reitero, a palavra proferida pelo *Heródoto* através de seus escritos. Uma vez que o método de contraste está indissociado da função do oráculo, vamos ver agora a sua importância como função científica<sup>225</sup> enquanto composição em anel.

## 1.7 Função Científica Como Composição em Anel

<sup>219</sup> “O método adotado por Heródoto, para a composição de suas *Histórias*, no qual consistia em buscar provas, através de pesquisas, valorizando o texto literário como fonte da qual se pode extrair a verdade histórica, reforçou, no pensamento grego, a ideia de que o texto literário guarda em si uma verdade única, capaz de ser transmitida”. (Fonte: Barreiros, 2013, p. 45).

<sup>220</sup> “O texto é entendido com uma dada realidade na qual se cruzam diversas *verdades* que se revelam no estudo do texto como resultado da ação humana”. (Fonte: Barreiros, 2013, p. 52).

<sup>221</sup> “The function of the excursus is explicitly stated by Herodotus at its beginning. One of the functions of *Ring Composition* structure according to Herodotus himself, and postulated by modern authors, is to aid the memory”. (Fonte: Martin, 2004, p. 20).

<sup>222</sup> “When examining potential digressions, it is necessary to bear in mind that Herodotus did not observe the phenomenon which we call *history today*”. (Fonte: Travis, 2010, p. 01).

<sup>223</sup> “Muitos são os oráculos que apontam para o destino dos descendentes de Gíges, particularmente Creso, oráculos que, no dizer de Heráclito, *nem escondem nem revelam, apenas sinalizam*”. (Fonte: Rabello, 2006, p. 67).

<sup>224</sup> “It can also be used in an ironic sense, as in Croesus’ reaction (*ὕπερήσθη*, 1.54.1) to the oracle pronouncing he would destroy a great empire”. (Fonte: Tank, 2012, p. 17).

<sup>225</sup> “Científicas en el sentido de ser cada una de ellas un saber por causas, un conjunto de conocimientos adquiridos por la investigación, que tanto en su concepción como en su presentación aparecen sometidos a la regularidad”. (Fonte: Eire, 2004, p. 75).

Poderíamos perguntar de imediato como é possível que a composição em anel, sendo método, tenha função científica. Se partirmos do pressuposto recorrente<sup>226</sup> de que a função científica da composição em anel não está indissociada das *Histórias* de Heródoto, Livro I, óbvio que não podemos separá-la do conjunto que forma a unidade de sua escrita, portanto, do método. Como defendo aqui, a função dos oráculos em Heródoto parte de uma grande fusão de funcionalidades de onde não podemos separar de fato a escrita do autor de seu método e modelo científico, caso contrário não haveria a *ring composition*<sup>227</sup>.

O certo é que a composição em anel é completada no Livro I de *Histórias* de forma sistemática e metódica através da ação dos personagens que assim dão perfeita funcionalidade ao oráculo que, desta forma, cumpre-se<sup>228</sup> enquanto função escrita.

Podemos definir então que a composição em anel funciona cientificamente da seguinte maneira: um tema é definido, depois segue-se uma discussão relacionada ao mesmo, o fundo moral dá-se no fim, enquanto repetição da ideia principal dada a partir dos vários contextos que se inter-relacionam enquanto unidade do texto, numa estrutura claramente unificada:

The theme set up at the beginning of a given section is followed by a longer or shorter discussion relating to it; and is then repeated at the end, in such a way that the entire section is framed by statements of like content and more or less similar wording. Thus it is closed off as a unified structure, clearly marked off from the context. (Herington, 1985, p. 151).

Então, analisando o parágrafo acima e com tudo o que já foi esclarecido nessa presente dissertação até o momento, entendo que, se a composição em anel está fechada enquanto estrutura unificadora, aqui mesmo no sentido de unidade, necessariamente o oráculo está ali inserido enquanto palavra proferida e é parte dessa mesma unidade, provando-se aqui a sua indissociabilidade enquanto função *escrita* na união formal<sup>229</sup> perfeita; de onde não se pode excluir nem dissociar-se enquanto funcionalidade, método e função científica, pois as *Histórias*, Livro I constituem um só *corpus* nesse conjunto, onde as partes não existem sem o todo, ou em outras palavras, a obra do Heródoto é um perfeito *logos*.

---

<sup>226</sup> “Estos ciclos que se dejan analizar en el conjunto de la obra y que son, como decimos, recurrentes y nos sirven para poner en relación unos acontecimientos con otros, tienen su fundamento en el carácter individual de cada uno de los sucesos y hechos narrados”. (Fonte: Eire, 2004, p. 76).

<sup>227</sup> “Es un ciclo recurrente que consta de un principio, una serie de estadios predecibles y un final”. (Fonte: Eire, 2004, p. 76).

<sup>228</sup> “He methodically fulfills in the remaining chapters of what we now know as Book One”. (Fonte: Herington, 1985, p. 154).

<sup>229</sup> “Herodotus gives his reader formal assistance as well, and this is our chief interest”. (Fonte: Long, 1987, p. 10).

Então de acordo com o exposto, posso esclarecer que a função científica do oráculo é sempre a de aviso ao personagem que se movimenta e move também os outros atores para o próximo ato, a *ring composition* demonstra essa dinâmica (avisar, movimentar o personagem até o seu fim, e o revelar do sentido) de mobilidade e ação das *Histórias*, Livro I, com o objetivo final de que a função do destino (dada pelo oráculo nas suas mais diversas formas) se complete enquanto palavra proferida em unidade<sup>230</sup> e sentido moral que subjaz aos personagens e ao entendimento do ouvinte ou leitor.

Tomando novamente como exemplo alguns personagens já expostos no *Livro I de Histórias e citados nessa dissertação*, alguns dos quais mentalmente pudemos identificar a composição em anel por conexão entre os indissociáveis personagens onde citei as situações dos mesmos do fim para o início, o fiz exatamente para demonstrar que, dentro desse método, a *ring composition* comporta uma dinâmica que aqui podemos demonstrar por síntese, onde, em essência, é a própria função científica do oráculo<sup>231</sup>, mas o terei de expor, porquanto é função científica, enquanto esquemas demonstrativos.

### 1.7.1 Esquemas demonstrativos

Pressupostos:

Proposição *E* inicial: *O poder, que pertencia aos Heraclidas, passou do seguinte modo para a família de Creso, apelidada de Mérmnadas (7.1).*

Proposição A: Giges.

Evidência da Função Científica do Oráculo como *Ring Composition*:

Proposição B: *O oráculo deu essa decisão e dessa forma Giges tornou-se rei (13.2).*

Proposição C: *A isso acrescentou, todavia a Pítia que os Heraclidas teriam a vingança sobre o quinto descendente de Giges (13.3).*

Proposição D: *Desta revelação não fizeram caso algum os Lídios até que ela se cumpriu (13.4).*

Proposição *E* Final: *A Pítia lhes deu essa resposta: Ao destino estabelecido é impossível escapar, mesmo para um deus. E Creso expiou a culpa de seu ascendente (91.1).*

Temos então as premissas ou proposições, agora, exemplificando:

A proposição *E* inicial simboliza o começo da composição em anel. Heródoto dá o primeiro passo, em seguida insere o personagem A que vai dar o fundamento para o oráculo se

<sup>230</sup> “In part, he determined, it is accomplished by the use of conjunctions and repetitions”. (Fonte: Long, 1987, p. 12).

<sup>231</sup> “One important role of RC is to set off a proleptic or foreshadowing statement”. (Fonte: Martin, 2004, p. 17).



pronunciar sobre Cresos, simbolizado por Gíges, símbolo da culpa e do poder. Com os elementos *E* e *A*, o oráculo pode, sistematicamente, realizar sua função com toda a ciência que lhe está atribuída enquanto função em composição em anel. Vejamos:

Na proposição *B*, fica claro que é o oráculo que decide a ascensão de Gíges ao trono enquanto sentença presente.

Na proposição *C*, está estabelecida a situação condicional, a sentença de Cresos, o final aqui do rei Lídio já está anunciado.

Na proposição *D*, está a confirmação da sentença que ainda aqui não se cumpriu, mas está condicionada como se já tivesse acontecido, já mostrando-se *a unidade da composição em anel enquanto função do oráculo na palavra proferida pelo Heródoto*.

Na proposição *E final*, a palavra proferida pelo oráculo completa-se enquanto justificativa de seu *E inicial* antecedente, pois o que estava pressuposto como *E inicial* antecedente, confirma-se na consumação da funcionalidade do oráculo, simbolizado pelo *E final* consequente. O *B*, *C* e *D* aqui representam a própria unidade da função do oráculo, essencial para a completude da ação dos personagens, do *logos* de Cresos, que é o elo de ligação de movimento expresso no Livro I de *Histórias*, representadas como ascensão, apogeu e declínio.

Então, de acordo com o exposto, temos a *Ring Composition* na qual o oráculo é indissociável como função científica porque é o elo permanente e formal de ligação para *E inicial* e *E final*, que pode ser representado em letras pela seguinte combinação: *E, A, B, C, D, E*; o que dá coesão e unidade as *Histórias de Heródoto, Livro I*: “*This first element of a ring composition, the introductory statement, tells us where we are reading and its repetition assures us we have arrived. The pattern of the elements is not A, B, C, D, but E, A, B, C, D, E*”. (Long, 1987, p. 17).

Tomei por base o princípio dos axiomas simbolizados pelas letras e premissas como o pressuposto da síntese da demonstração suficiente<sup>232</sup> para a montagem e explicitação do esquema<sup>233</sup> demonstrativo, utilizando como modelo científico a mesma formalidade do autor da citação acima. Concluindo essa parte, posso entender que há em Heródoto em seu estilo de escrita uma introdução formal que é o início ou pressuposto da função científica da composição em anel, o modelo que, ao revelar o final da ação com o cumprimento do destino, confirma sempre o pressuposto de seu antecedente (*E Final confirma o E Inicial*), ou seja, o

<sup>232</sup> “The interpretation of the individual aspectual forms necessarily involves the question of the sufficiency of the interpretation”. (Fonte: Stork, 1982, p. 50).

<sup>233</sup> “For reasons of space and economy of description and a certain degree of simplification is inevitable”. (Fonte: Skork, 1982, p. 50).

destino, quando se cumpre, revela o pressuposto que lhe justifica, daí o sentido de repetição e evidência da composição em anel como função científica do oráculo, pois a palavra proferida, escrita por Heródoto, tem o sentido de unidade.

### 1.8 Como Ritual Prático no Contexto das *Histórias*, Livro I

De acordo com o até aqui exposto, as diferentes funções do oráculo, a ideia do seu termo e entendimento enquanto palavra proferida em seu conjunto e completude que promove e expande a compreensão do Livro I de *Histórias* de Heródoto a um sentido filosófico, artístico<sup>234</sup>, metodológico e científico além das pormenorizações de suas partes já explicitadas<sup>235</sup> revela-se obviamente<sup>236</sup> também como ritual prático que visa a ideia de conjunto e união:

Em linguagem muito direta, Heródoto dá ao oráculo uma introdução e um fechamento adequados. Identifica especialmente as circunstâncias da pergunta e as condições de realização da resposta. Além de ganhar autoridade amarrando o seu discurso a um pronunciamento do oráculo, Heródoto amplifica a dimensão do evento que descreve. (Volker, 2007, p. 110).

Um dos ritos práticos *na escrita* de Heródoto, segundo podemos interpretar decorrente da citação acima, é uma linguagem direta, ele cita o oráculo de forma prática como forma de indissociar o seu discurso ao pronunciamento da palavra proferida enquanto escrita como veículo de transmissão do saber revelado, e como função e conjunto das *Histórias*.

Creio essa parte estar completamente esclarecida de forma suficiente ao entendermos a escrita de Heródoto enquanto indissociativa e emoldurada do termo oráculo no seu sentido de ritual<sup>237</sup> prático, pois faz parte do próprio conjunto da palavra proferida como unidade na própria obra: “Por isso, o ritual seria somente uma ideia que os estudiosos formulam como conceito de rito. Ele, em outras palavras, seria o que é definido de modo formal e mediante caracterizações, enquanto o rito é aquilo que se realiza e se vive em determinada religião e cultura”. (Bello, 2007, p. 193).

<sup>234</sup> “Y, sin embargo, algunos autores contemporáneos tienden a poner de relieve que las respuestas del oráculo de Delfos no comportaban ni afabulación ni oscuridad o al menos no los oráculos históricos, aunque sí la comportasen algunos de los oráculos transmitidos por historiadores como Heródoto y prácticamente todos los oráculos transmitidos si no creados por los autores épico-trágicos”. (Fonte: Luis, 2010, p. 93).

<sup>235</sup> “Comparando citações dos mesmos oráculos, descobrimos também um diálogo entre os textos, entre as citações, entre as concepções do que seria o proferimento délfico. Pois, em Heródoto, a citação de um proferimento é tão harmônica com sua narrativa, que nem conseguimos imaginá-la como parte de um outro sistema semiótico”. (Fonte: Volker, 2007, p. 09).

<sup>236</sup> O estilo de Heródoto é muito prolixo e detalhista. (Fonte: Volker, 2007, p. 104).

<sup>237</sup> A vida real, por assim dizer, fica emoldurada enquanto o ritual durar. (Fonte: Bello, 2007, p. 197).

Se, de acordo com o acima citado, o ritual é uma ideia que tem em sua base ou essencialidade o conceito de rito, e sendo esse uma definição formal mediante caracterizações, podemos dizer com certeza que todo o Livro I das *Histórias* de Heródoto contém obviamente a identificação desses conceitos quando ele aponta um personagem e define o seu destino, e Heródoto o faz enquanto rito no momento mesmo em que escreve<sup>238</sup>, pois está inserido na cultura e costumes das tradições que observou, onde há fortemente o caráter religioso impresso em seu trabalho enquanto narrativa<sup>239</sup> das peregrinações ao oráculo de Delfos.

Exatamente porque o autor das *Histórias* não estava isento das influências sociais, políticas e religiosas de seu tempo, marcou-se a reflexão dessa influência obviamente em seu trabalho literário, onde os rituais eram comuns :

O novo senhor do oráculo de Delfos apresentou as ideias e conceitos que haveriam de exercer, durante muitos séculos, influência marcante sobre a vida religiosa, política e social da Hélade. Mais que em qualquer outra parte, o culto de Apolo testemunha, em Delfos, o caráter pacificador e ético do deus que tudo fez para conciliar as tensões que sempre existiram entre as pólis gregas. (Haggstron, 2007, p. 06).

No próprio método de contraste como forma de entender o mundo<sup>240</sup> a partir de uma criação literária; tal como se vê no *livro I de Histórias* e já abordado anteriormente, nota-se, de acordo com a citação acima, a influência da ideia *Apolínea*, desde o próprio oráculo de Delfos e a combinação de tensão entre a prudência e insolência dos personagens, onde Apolo intervém sempre como um ponto de equilíbrio<sup>241</sup> e até de salvação, como no caso de Cresos da Lídia.

### 1.8.1 Mântica

A ideia de prudência e concílio das tensões entre as pólis como elemento ritual de pacificação já aparece na obra do Heródoto quando ele demonstra<sup>242</sup> as consequências da imprudência dos seus personagens, já visto na presente dissertação. Então posso dizer que,

<sup>238</sup> “Questo non deve, ovviamente, stupirci: Erodoto compone secondo la prassi della sua epoca, che è di origine sostanzialmente epica”. (Fonte: Corcella, 1984, p. 220).

<sup>239</sup> “Herodotus shows a great interest in divination, and this is an area where he is prepared to make his attitude clear, as the quotation at the start of the chapter indicates”. (Fonte: Bowden, 2005, p. 69).

<sup>240</sup> “Herodotus tried to understand his world by writing about it”. (Fonte: Flory, 1987, p. 158).

<sup>241</sup> “Há incontáveis relatos de autores antigos que nos trazem as palavras proferidas em Delfos como motrizes de ações políticas no mundo grego”. (Fonte: Silva, 2013, p. 208).

<sup>242</sup> “The question is whether this process was also motivated or at least influenced by oral presentations. Although Herodotus is said to have read his vast original work, it is reasonable to assume that at each lecture he delivered only a portion of it”. (Fonte: Abramovitz, 2014, p. 191).

influenciado pelos ritos de seu próprio tempo, das culturas oriundas e das viagens que fez, Heródoto desenvolveu seu próprio ritual prático de escrita para transmitir a revelação de suas pesquisas, que, por ser palavra proferida, oráculo, tem na sua obra o sentido<sup>243</sup> de *mântica*:

Mântica é a arte de predizer o futuro e se apresentava na Grécia sob as mais diferentes formas, e de uma maneira simplificada podemos classificar as técnicas mânticas da seguinte maneira: dinâmica ou por inspiração direta (por exemplo, a utilizada em Delfos, em que Apolo fala diretamente por intermédio de sua Pitonisa), e a indutiva - aquela em que o mântis procede por conclusão, por interpretação, examinando determinados fenômenos, tais como o fogo (analisando o movimento das chamas, sua coloração) o vôo das aves, examinando o fígado das vítimas, os sonhos. (Haggstron, 2007, p. 03).

Certamente que a prática ritual que está evidenciada no Livro I de *Histórias* de Heródoto contém, na sua essencialidade<sup>244</sup> escrita, os elementos da *mântica*, pois profere-se a palavra que caracteriza-se enquanto oráculo, aponta<sup>245</sup> culturalmente para Delfos, para Apolo e para a *Pítia*, prediz o futuro dos personagens de forma dinâmica, colocando assim o leitor ou ouvinte para desempenhar indutivamente o papel de *mantis*, pois ao receptor do veículo de transmissão do saber escrito de Heródoto (leitor ou ouvinte), cabe a reflexão, a interpretação e a conclusão sobre o sentido<sup>246</sup> da obra desse autor.

Concluo essa parte entendendo que as lições de fundo moral do Livro I das *Histórias* de Heródoto transmitem-se a partir da funcionalidade do oráculo como ritual prático que nesse contexto literário<sup>247</sup> cumpre então completamente a sua função que aqui assume caráter *mântico*.

### 1.8.2 Ritual bárbaro

Heródoto narra muitos rituais práticos e costumes bárbaros no Livro I das *Histórias*. Vou citar um deles:

Trata-se dos mortos. Que o cadáver de um persa não é sepultado sem ser primeiro dilacerado por uma ave ou um cão. Os Magos tenho eu certeza de que procedem dessa maneira, porque o fazem em público. Para além disso, os Persas cobrem de cera o cadáver e sepultam-no na terra. Os Magos diferem profundamente dos outros

<sup>243</sup> “Soprattutto, gli dei erodotei hanno il ruolo di mantenere una comunicazione tra piano invisibile e mondo accessibile all'esperienza umana, tramite la mantica”. (Fonte: Corcella, 1984, p. 157).

<sup>244</sup> “This process or application of the archaic philological matrix to the self and the entire world is a creative phenomenon of the highest order and, as such, must comprehend the totality of the artist's experience”. (Fonte: Prier, 1976, p. 152).

<sup>245</sup> “Com a localização geográfica, Delfos conquista também a identidade de um lugar de referência, do ponto de vista político, religioso e social.” (Fonte: Silva, 2011, p. 90).

<sup>246</sup> “In general, the local dimension is crucial to Herodotus source references, being their most essential feature”. (Fonte: Torok, 2014, p. 57).

<sup>247</sup> “Herodotus tells the story thus”. (Fonte: Boter, 2014, p. 36).

homens e dos sacerdotes egípcios. Estes últimos abstêm-se, como de uma impiedade, de matar um ser vivo, a não ser aqueles que imolam, os Magos, por seu lado, matam com as próprias mãos todo o tipo de animal, menos o cão e o homem. (Heródoto, 1994, Livro I, 140.1-3).

Pelo parágrafo acima, observa-se que Heródoto narra, com vistas ao público<sup>248</sup>, ao qual se incluiu também os leitores, fazendo a apresentação de rituais bárbaros, contrastando-os entre os *Magos* persas e os sacerdotes egípcios.

O ritual prático, no contexto das *Histórias, Livro I*, aqui ganha um contorno narrativo. Heródoto reporta o que possivelmente viu, pois ele tinha certeza de como os *Magos* persas procediam *porque o fazem em público*. Esse caráter de aparente isenção tematiza uma dinâmica prática ritual importante; narrando os costumes dos outros povos não gregos, Heródoto afirma a diferença entre estes e os rituais gregos, é a partir da identidade do ritual bárbaro que o grego, pelo reflexo do outro, identifica a sua própria diferença e identidade cultural ritualística, como por exemplo, a função dos oráculos. Sobre essa ideia de tematização pelo outro:

Se o bárbaro e o selvagem podiam ser tematizados, e precisavam sê-lo, como condição para a tematização da própria identidade grega e da pólis, pouco interesse havia no conhecimento de povos concretos, fossem eles caracterizados ou não como selvagens. Mas havia exceções, e Heródoto é provavelmente a mais importante. (Woortmann, 1999, p. 14).

Se observando até aqui, no Livro I das *Histórias* de Heródoto, que o selvagem e o bárbaro são ali tematizados, narrados<sup>249</sup> também ali seus rituais, o tema da própria identidade dos rituais gregos está ali pressuposto num contexto prático que se refere aos costumes ritualísticos, que eram costumes sociais, como, por exemplo, a peregrinação a Delfos.

Outro detalhe importante é que os gregos enterravam seus mortos sem que os mesmos precisassem antes serem comidos por cães: pelo contrário, isso seria visto como forma de grande humilhação e mesmo de impiedade religiosa em relação ao defunto. Subjaz a ideia de diferença de ritual, que em Heródoto, por narrativa, forma por contraste uma unidade, pois ali o grego se reconhece diferente do bárbaro pelos diferentes rituais praticados por um e outro, daí o valor da obra de Heródoto enquanto conjunto.

### 1.8.3 Identidade grega

<sup>248</sup> “We are not surprised to find that several ancient sources report that Herodotus, the great *raconteur*, gave public lectures”. (Fonte: Johnson, 1995, p. 229).

<sup>249</sup> “This tendency marks the beginnings of prose narrative, a foreshadowing of Herodotus”. (Fonte: Lovatt & Vout, 2013, p. 08).

Inegavelmente que todo o sentido ritual das *Histórias*, Livro I de Heródoto, enquanto prática através da escrita, o coloca como evidentemente um homem que assume praticamente a identidade grega, seu trabalho literário o coloca entre os escritores antigos que mais citam os oráculos enquanto ritual.

A identidade grega em sua obra aparece claramente<sup>250</sup> pelas citações do *logos* de Cresos e Ciro, dois bárbaros que perdem seus reinados (Ciro ainda encontra a morte), onde o oráculo grego, de Apolo em Delfos, a tudo definia, direta ou indiretamente, num claro sinal de que os costumes rituais que invocam os deuses gregos, de certa forma os fazem ter uma vantagem sobre os bárbaros e seus costumes.

Nesse caso posso dizer que a função dos oráculos como ritual prático no contexto das *Histórias*, Livro I, de Heródoto tem o objetivo de, através da narrativa direta de contraste entre os rituais bárbaros e a cultura grega, demonstrar a este último a afirmação da sua própria identidade: “Heródoto exprime bem o modelo fundamental de explicação do mundo dos gregos, organizado em torno às oposições quente/frio e seco/úmido, que compõem também o modelo central da medicina hipocrática”. (Woortmann, 1999, p. 26).

Então de acordo com o parágrafo acima, corrobora-se a ideia de que as oposições, que em Heródoto assinalam-se sempre como contrastes, já antes vistos nessa dissertação, apontam para a ideia de equilíbrio do ser humano, pois desse princípio médico e filosófico utilizado na medicina hipocrática, em analogia por semelhança, podemos inferir o dito de que a saúde da própria organização que o mundo político grego tem é um reflexo da própria concepção da identidade humana não bárbara.

O fundo moral das *Histórias*, Livro I, busca, pelo equilíbrio e prudência, a saúde do *corpus grego* no seu sentido mais completo, social e hermenêutico, alcançado através dos rituais, não apenas médicos ou de ensinamentos morais, mas enquanto organização escrita, pois o autor quer preservar essa unidade, por isso faz as digressões, faz as composições em anel, escreve em prosa, tem seu método e sua ciência no que faz, *estabelece as funções dos oráculos como um dos pilares desse equilíbrio*, e nessa unidade de identidade grega na qual, em seus escritos, os bárbaros por contraste também estão inseridos, os rituais fundamentam-se nesse autor como recurso narrativo: “Eles são, fundamentalmente, um recurso narrativo e como tal são bons para pensar a relação entre gregos e persas. Bárbaros, são os mediadores cuja alteridade permite o relato que opõe persas a gregos”. (Woortmann, 1999, p. 41).

---

<sup>250</sup> “Indeed the force of the passage from Herodotus reinforces the argument concerning the impossibility of generalizing on the level of content but not the impossibility of generalizing the centrality of *nomos*.”. (Fonte: Benjamin, 2010, p. 67).

Ritual narrativo exposto, um dos exemplos mais evidentes do que acima foi dito é a insistência de Creso, um bárbaro, a consultar insistentemente e ser devoto do oráculo de Delfos, e seus rituais de oferendar generosamente ao deus Apolo. E após sua queda, ajuda ainda, como conselheiro, Ciro a encontrar o caminho da ruína e da morte pelo povo masságeta, também já evidenciado nessa dissertação, mas aqui lembrado brevemente dentro da perspectiva do ritual; pois Creso é salvo por Apolo e assim permite-se indiretamente que Tómiris cumpra um ritual de sangue com a cabeça de Ciro morto em combate. Fusão evidente dos contrastes numa única unidade escrita, *de base identitária grega*, em que todo um conjunto ético de rituais se evidencia na narrativa<sup>251</sup>, da palavra proferida escrita.

#### 1.8.4 Imaginação

Um dos pontos interessantes e também dos mais evidentes acerca dos rituais práticos que perpassam toda a escrita de Heródoto é a imaginação. Heródoto já foi muito criticado por suas ideias fantasiosas, mas de fato torna-se parte de uma função necessária e proposital, começando já pelo Livro I *de Histórias*, como ideia de rito prático e um dos fundamentos<sup>252</sup> de sua escrita, sem dúvida de caráter fortemente marcado pela cultura grega e por seus mitos. Teria sido mesmo muito interessante ver Creso sendo salvo por Apolo da pira, com chuva em dia de céu sem nuvens, após o mesmo o ter invocado.

A imaginação, no Livro I de *Histórias*, é um elemento determinante que serve para exemplificar um fato ou situação que muitas vezes, com base na mera realidade, é impossível de veicular ao público ou leitor. Nesse caso, a imaginação que está associada ao ritual de escrever como uma espécie de jogo<sup>253</sup> impresso e coordenado por intermédio das palavras, permite ao autor das *Histórias* repassar um conhecimento de fundo moral que não seria possível de outra maneira, ou pelo menos, dentro do estilo e técnica do autor, dentro das suas funções, foi assim que o mesmo preferiu, a imaginação é uma das funções inerentes aos rituais do oráculo, exatamente porque permite, através desse imaginário, uma escrita ambígua:

Heródoto foi um autor ambíguo. Se fez uma etnografia, foi sempre uma etnografia ateniense. Contudo, embora o ambiente intelectual de sua época favorecesse as especulações sobre a origem da humanidade, com uma Idade de Ouro e com teorias genéticas, ele se ocupou principalmente com os costumes correntes de sociedades existentes, seja como testemunha ocular ou por meio de relatos orais, segundo o que

<sup>251</sup> “*Historia* marks itself as the epic of prose: its metrical openings establish both literary filiation and the ethical legitimacy of its author”. (Fonte: Kraus, 2013, p. 422).

<sup>252</sup> “This enabled a plurality of perspectives”. (Fonte: Laera, 2013, p. 275).

<sup>253</sup> “Games can be seen *as forms of symbolic communication*, as a language as articulate as (and much faster than) the spoken word”. (Fonte: Kile, 2015, p. 14).

ele chamou de *historié*, literalmente “seguir a pista de algo”. Ao mesmo tempo, porém, descreveu povos imaginados. (Woortmann, 1999, p. 42).

De acordo com o parágrafo acima, assumindo que Heródoto permite-se inventar personagens, nada o impede de inventar rituais para esses atores imaginados, pois a função mesma do que se considera oráculo é ter em si mesma o caráter da ambiguidade, já também tratado nessa dissertação, mas aqui com a perspectiva do imaginário enquanto ritual que está na escrita, na palavra proferida pelo autor de *Histórias*.

Podemos ainda considerar que, a partir de todo este exposto, o ritual enquanto escrita inclusiva de elementos reais e imaginários afeta o leitor e o público exatamente por esse efeito conceitual e estético de distorção da realidade<sup>254</sup>, e então observamos novamente, é mesmo de Heródoto que falamos, de sua escrita, de sua obra, basta lembrar novamente o exemplo da vingança de Tómiris, é muitíssimo provável que essa mulher rainha dos Masságetas, não tivesse sequer existido.

Mas então, para explicar o ritual prático com o odre de sangue (214.4) que só foi possível porque indiretamente as funções do oráculo de Delfos permitiram que Cresos acabasse como conselheiro de Ciro, e este morto, tem sua cabeça embebida em sangue por Tómiris (214.5), é fundamental que a imaginação faça o preenchimento de elementos talvez não existentes na realidade, completando a ideia do próprio sentido do real enquanto ritual, e esse sentido é escrito, palavra proferida.

### 1.8.5 Religião grega

Mesmo como padrão de unidade na revelação dos costumes dos povos bárbaros e seus rituais, Heródoto tem como precedência a religião grega em seus escritos. Óbvio e evidente a ponto de em suas narrativas, no Livro I das *Histórias*, apontar-se um Cresos, rei Lídio, bárbaro, devoto do oráculo de Delfos. Dentro dessa perspectiva de influência social que perpassa, enquanto reflexo narrativo, o próprio mundo coletivo<sup>255</sup> que ele vê como viajante, é inegável que toda a sua obra tem uma conotação de vivências criativas através também do imaginário, os rituais gregos, a adivinhação, os prodígios, os oráculos que definem o

<sup>254</sup> “The world of constant by standers that the tragic chorus implies may distort the reality of life in Athens but was not a wholly alien concept”. (Fonte: Dillon & Wilmer, 2005, p. 195).

<sup>255</sup> “If each member brings to the attention of the community his own point of view, and the example of his own conduct, this can be related and compared with that of other people and this will finally produce an improved shared understanding”. (Fonte: Cinaglia, 2014, p. 187).



infortúnio dos bárbaros (Creso e Ciro, Livro I de *Histórias*), através da palavra proferida pelo autor. Mesmo quando ele relata outros costumes religiosos e rituais, procura-os entender e incorporar aos seus escritos com a roupagem grega:

Para Heródoto, ao contrário, todos eram humanos e, portanto merecedores da curiosidade histórico/etnográfica. Contudo, seu estudo das religiões o traía como grego. Para o estudioso que crê, só pode haver um panteão de divindades; reconhecer a presença de outras divindades com outros nomes em cada povo sucessivamente estudado abalaria o próprio fundamento da religião do observador. Heródoto parece ter adotado a solução: a equivalência dos deuses – os nomes diferiam, mas as divindades eram as mesmas; Zeus era Zeus em todos os lugares, ainda que com outros nomes. (Woortmann, 1999, p. 45).

De acordo com a citação acima, Heródoto partia sempre do mesmo princípio religioso, oriundo da *Teogonia grega*, o panteão de deuses era sempre o mesmo de matriz grega, mesmo que os adoradores fossem bárbaros. Um caso bem evidente no Livro I das *Histórias* fala sobre o ritual babilônico no qual as mulheres deveriam, ao menos uma vez na vida, prostituírem-se. É um ritual prático narrado em seus escritos, mas, como vou demonstrar logo a seguir, ele sobrepõe a deusa grega à deusa local, ou seja, põe as roupagens gregas na deusa babilônica, segundo a qual as mulheres tinham de devotar sua prostituição sagrada enquanto ritual prático e obrigatório:

Pelo contrário, o mais condenável dos costumes babilônicos é aquele que estabelece que todas as mulheres da terra devem dirigir-se, uma vez na sua vida, ao santuário de Afrodite e ter relações com um estranho. Muitas, orgulhosas de sua fortuna, que desdenham de se misturar com as outras, fazem-se transportar ao templo em carros fechados e assim se mantêm, acompanhadas de numerosa criadagem. Mas a maioria procede assim: No templo de Afrodite senta-se um grande número de mulheres, com uma coroa de corda na cabeça, que se vão revezando. Em todas as direções há corredores em linha reta, que conduzem ao meio das mulheres, por onde circulam os homens que vão fazendo a sua escolha. Mulher que se sente no templo não volta para casa antes que um estranho lhe lance dinheiro para o regaço e a possua fora do templo. Ao atirar-lhe o dinheiro, deve dizer-lhe estas palavras: Chamo-te em nome da deusa Milita. Milita é o nome que os Assírios dão a Afrodite. (Heródoto, 1994, Livro I, 199.1-4).

Heródoto não é isento<sup>256</sup> em suas observações e narrativas, ele acha o costume da prostituição sagrada feita pelos babilônicos um ato condenável, mas ele cita, de acordo com o parágrafo acima, primeiro o nome da deusa Afrodite, e colocando na narrativa a ideia de que esse santuário, que serve para o ritual, é da mesma deusa em questão.

---

<sup>256</sup> “Further, from an external perspective, the realization of practical knowledge can never be determined by reflecting on single actions but requires an understanding of the person’s character and her motives”. (Fonte: Miira, 2014, p. 19).

Continuando com a análise da citação em questão, só ao final ele revela como os não gregos, por assim dizer bárbaros, a chamam: deusa Milita. Esse era o nome real dessa divindade, mas nessa passagem, o autor deixa claro que *Milita* é o nome que os bárbaros dão a *Afrodite*, configurando-se assim um exemplo clássico de que a ideia de ritual prático tem em Heródoto o pressuposto, em suas narrativas, da influência e sobreposição religiosa da crença dos deuses gregos como base e centro em toda a sua obra, enquanto técnica e método de escrita, é só observar a imediata importância da função dos oráculos como ritual prático em toda a sua obra, que são, diga-se de passagem, de base religiosa grega: “*Le songe est un avertissement individuel, et spontané, les oracles sont la réponse du dieu consulté officiellement. Qu’Hérodote croie aux oracles, rien de plus normal: son temps y croyait, tout entier*”. (Barguet, 1985, p. 24).

Segundo essa citação acima, a ideia de oficialidade e crença na certeza de que o ritual enquanto método de consulta tem o caráter de precisão, unidade e conservação do entendimento, de esclarecimento e definição, foi, reitero, utilizada por Heródoto como modelo de sua escrita em prosa, pois são exatamente os elementos que citei aos quais ele consagrou-se em seu trabalho, evidenciando-se assim toda a riqueza que não escapa do caráter interpretativo filosófico, artístico e hermenêutico da função dos oráculos no Livro I das *Histórias*, enquanto palavra proferida, escrita.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem discutido a respeito da obra de Heródoto ao longo dos séculos, por ser o pai da história, por ser fantasioso, por motivos vários. Sem perder de vista que seu trabalho tem em seu cerne uma influência identitária com o lugar e contexto geográfico marcante em Delfos e com o templo de Apolo, não é de estranhar que religião, história, fatos, mito e geografia se reflitam em seus escritos.

Eu próprio quando lá estive no templo de Apolo em Delfos, pude sentir de maneira mais completa essa fusão entre conhecimento sentido e geografia, numa visão peregrina. Corroborar com essa ideia de unidade histórica e geográfica a citação de Roux (1976, p.209):

Il faut le considérer dans son environnement religieux, c'est-à-dire dans son cadre géographique: car le ravin du Pleistos, Delphes, l' antre Corycien, la double cime du Parnasse, forment du point de vue des cultes une région indivisible, hantée par les dieux de l'enthousiasme auxquels, un jour, vint se mêler Apollon.

Mas não podemos esquecer algo que pode esclarecer melhor o trabalho do autor das *Histórias*. A realidade ele a apresenta enquanto criação do proferimento da palavra enquanto obra escrita, e nesse ínterim, inclui-se inequivocamente o mito e fatos históricos reais ou imaginados. E nesse ponto, a obra de Fontenrose, (*The Delphic Oracle*, P.01), mesmo na introdução, página 01 (minha tradução livre para todas as citações desse autor), é reveladora: “O Oráculo de Delfos capturou a imaginação dos antigos e modernos igualmente. A partir do VIº século antes de Cristo, era o mais popular dos oráculos gregos, atraindo clientes de toda a Hélade e além”.

Então podemos ver, pelo parágrafo acima, que Fontenrose associa a ideia do oráculo à imaginação dos gregos. Pensando de forma mais humana, é tentador considerar que, ao ver as montanhas do Parnaso, em conjunto com a peregrinação das pessoas que buscavam respostas do deus Apolo por intermédio da Pítia, somado aos mitos das entidades que por aquelas redondezas circulavam, a saber, as musas, sátiros, deuses (a exemplo de Apolo e Díónisos), o próprio mito pudesse assim transformar-se em critério de verdade, cultura e norma de conduta, já visto que tanto tiranos quanto legisladores por ali passavam para

consultarem-se, a exemplo, na ordem, de Crespo e Licurgo, ganhando assim um sentido moral de legalidade e de norma vigente para aquela época.

Nesse caso, de acordo com o que aqui já expus, também concluo que Fontenrose, coloca em seu trabalho as características dos oráculos, sua origem folclórica, atributos da transmissão e narração oracular, as respostas, sejam históricas, míticas, verdadeiras ou imaginárias, concluindo assim um verdadeiro catálogo de respostas, mas sem perder os atributos de sua historicidade, dando ao clássico um caráter científico mais moderno, sem perder seu foco da tradição e com isso expondo a ideia dos antigos e dos modernos com alguma propriedade (Fontenrose, 1978, p.234): “A narrativa dos oráculos tomam as formas estabelecidas pela tradição, mas não as formas de demonstração genuínas das respostas. Foi nessa tradição que Heródoto e muitas fontes basearam-se”.

O objeto de análise histórica que Fontenrose faz a partir de seu próprio tempo, em termos de concepção e finalidade, é rigorosa e divergentemente diferente em muitos aspectos da noção da visão de mundo dos antigos gregos do tempo de Heródoto, por exemplo, os antigos invocavam os deuses e narravam os fatos que tinham origens mitológicas e humanamente criativas, passíveis de reinterpretações e reflexões pela tradição posterior a Heródoto.

Por isso, de acordo com a citação anteriormente colocada, fica evidente a ideia que Fontenrose tem de que o genuíno possua critérios de seu próprio tempo, por isso ele pode, em seu trabalho, manter as respostas do oráculo com critérios históricos e de caráter científico e atual, catalogar as respostas, sejam elas históricas ou não, fictícias ou lendárias, porque isso é um critério atual, mas com base no entendimento da evolução interpretativa da ideia de historicidade clássica.

Se fôssemos pelas premissas de Fontenrose, seria no mínimo controverso estabelecer a primazia científica sobre análise de outro tempo onde os critérios e pressupostos de realidade eram outros, por isso citei esse autor aqui no final e com algumas reservas críticas. E nesse ponto concordo com Rocha Pereira (2012, p.330):

Em livro muito controverso, mas que representa mais de quatro décadas de estudo, *The Delphic Oracle* (Berkeley, 1978), Fontenrose põe em dúvida toda a tradição literária sobre os oráculos, exceto a de Plutarco, um polígrafo do séc. I-II d.C, que foi sacerdote naquele santuário de Apolo. Faz um catálogo de respostas, mais de seiscentas, dividindo-as em históricas, quase históricas, lendárias e fictícias.

Penso que o trabalho de Fontenrose é louvável, mas partilho da mesma ideia da autora que citei acima, o livro é mesmo muito controverso, e por isso mesmo discutível em

seus pressupostos de verdade pelo qual ele elabora o catálogo dessa maneira, e isso a meu ver é interessante porque permite alterações e atualizações à obra citada, valorizando o trabalho do autor. E só para completar, vou citar um exemplo do quanto controverso é Fontenrose em relação a sua obra que aqui citei, baseando-me em Rocha Pereira (2012, 332):

Duvidoso é que não houvesse qualquer realidade por detrás da tradição dos vapores e do *chasma*, como supõe Fontenrose. Efetivamente a única fonte literária que esse autor aceita, Plutarco, menciona quatro fatores que afetam a Pítia e induzem ao *enthousiasmos* sob a ação do que profere o oráculo: *pneumata* (sopros), *dynameis* (potências), *anathymiaseis* (fumigações) e *atmoi* (vapores). Refere ainda que a profetiza tem duas emoções distintas, a inspiração e a natureza, para além de reconhecer que a própria Pítia não está sempre no mesmo estado de espírito, muitas perturbações se apoderam de seu corpo e passam à alma.

Resumindo, o autor Fontenrose aceita uma posição de negação da tradição do ritual da Pítia, aceitando Plutarco como seu critério de apoio como fonte e como pressuposto de uma verdade histórica mais realista e fidedigna para incorporar ao seu trabalho, e para isso recusa a ritualística dos vapores, mas ao mesmo tempo aceita o critério de verdade tendo como fonte Plutarco, caindo em flagrante contradição que Rocha Pereira muito bem observou e apontou na citação acima que acabei de analisar.

E por isso mesmo fica assim explicado o motivo por que eu o citei apenas aqui e brevemente, e porque utilizei muitas outras fontes na dissertação e fiz muitas notas de rodapé com transcrições literais dos autores que estão todos na bibliografia. Eu busquei, inspirado em Heródoto, uma unidade dissertativa para o presente trabalho.

Assim, penso que a dissertação fica mais rica e com mais base científica e teórica, exemplifica-se os pressupostos, e os autores auxiliares dialogam com o autor principal da dissertação, reforçando o argumento e mantendo ao leitor um diálogo hipertextual completamente conectivo, sem perder as fontes e a tradição científica e histórica, pelo contrário, valorizando-as ainda mais.

Tenho por base dessa dissertação o que Heródoto faz com a sua obra, ele interpreta a realidade e os fatos históricos à sua maneira, é esse seu método e uma das funcionalidades de que ele se utiliza largamente por haver moralmente em sua época uma visão legalista dos templos, são os oráculos emitidos pela boca dos personagens, por prodígios, sonhos e conselhos. Leão (2000, p.38), vem a reforçar a clarificação desse argumento:

Para os antigos, contudo, o seu caráter prescritivo e ritualista encontrava-se relativamente próximo da prática legalista. A seu lado alinhavam também o crédito dispensado a presságios, premonições de várias ordens e visões oníricas, a que se

procurava atribuir um significado mais profundo. Nas *Histórias* de Heródoto, esses elementos aparecem com muita frequência e o livro 6º não constitui exceção.

O oráculo passa a ser a própria palavra proferida escrita por Heródoto para exemplificar, através das suas *Histórias*, seu valioso fundo moral e conservando assim, a partir desse estilo de escrever, a essência dos grandes feitos dos homens, sejam eles gregos ou bárbaros.

Se consideramos inegavelmente através dos vários comentadores renomados citados nessa tese que corroboram a afirmação de que Heródoto possui o método de composição em anel, temos de ter em conta de que há ciência nisso, no termo mais hermenêutico e possível de que essa palavra possa comportar, pois então, após demonstrada a sua função com a premissa da razão suficiente em demonstração por exposição simplificada, posso afirmar que o método é científico, completo e indissociável das outras funções do oráculo, sendo em si mesmo uma espécie de conjunto escrito, formando uma unidade enquanto obra, passível de interpretação filosófica em sua análise linguística enquanto estilo de escrita em prosa.

Posso ainda concluir, a partir dessa exposição, que Heródoto é o agente transmissor do saber, emite o proferido que se torna revelação. O proferido, que é a escrita enquanto veículo formal que contém em si mesma o sentido moral transfere-se ao leitor, que lê o proferido por Heródoto através da escrita, e, no ato de ler, há a transmissão do sentido do proferido enquanto leitura e compreensão do leitor por recepção interna, cognição.

Assim o leitor tem em si mesmo, internalizado, o sentido mesmo da revelação agora recepcionada, revelada através do intermédio escrito do agente transmissor (Heródoto e seu fundo moral). Justamente a palavra proferida é o termo ao qual designamos por *Oráculo*, e sua funcionalidade principal está justamente nessa transmissão que permite a revelação do sentido da ação dos personagens das *Histórias*, Livro I, para a melhor compreensão do sentido dos mesmos pelo agente receptor, leitor ou ouvinte.

O método de escrita de Heródoto permite ler um desenrolar dos acontecimentos para exatamente podermos prever, através das ações dos caminhos percorridos, a previsão de possíveis acontecimentos futuros. Posso dizer inclusive que a preocupação de Heródoto em prever acontecimentos futuros é subjacente à ideia dos personagens e do próprio conjunto da composição da obra que aponta inerentemente sempre para as funções do oráculo.

A própria comparação entre os diferentes acontecimentos no *Livro I de Histórias* nos remete à ideia de passado, presente e futuro e estreita relação entre a digressão dos tempos, em que o sentido de prudência ou seu inverso repetem-se em personagens diferentes e

interligados pela palavra proferida escrita como revelação desses acontecimentos enquanto previsão que se revela na conclusão do destino dos personagens.

O objetivo dele é simples, guardar os fatos narrados para o ouvinte ou leitor, despertar o interesse e a curiosidade em aprender, a mesma que ele possuía enquanto viajante. Ao compor as *Histórias*, Heródoto nos proporciona viajar com ele para que possamos compreender o sentido de sua obra, suas considerações e reflexões.

Heródoto é único em seu método de entender o mundo enquanto aplicação pedagógica, pois ele, assim como muitos lógicos, abstrai da realidade a linha da curvatura do destino enquanto reflexão filosófica, moral e mesmo histórica por ter realmente havido critérios de verdade nos muitos dos acontecimentos de que ele relata ou tem notícia, ao qual ele soma com os elementos do imaginário e do mito.

Sabe ele por conseguinte que o que fica na memória humana enquanto conhecimento nem sempre é o fato objetivo como ele ocorreu, mas sim como ele é contado e transmitido, daí a importância da função dos oráculos em sua obra, enquanto palavra proferida.

Então concluo que o conjunto integral das funções dos oráculos na obra inteira de Heródoto e em especial no Livro I de *Histórias* tem um sentido final de unidade na revelação do destino dos personagens e da própria história como movimento irreversível dado pelo destino, porque nenhum desses personagens pôde ter um final diferente daquele que lhe foi determinado pela palavra proferida pelo Heródoto, ele próprio enquanto escritor, fazendo as vezes da função de veículo escrito daquilo que está irreversivelmente determinado pelas *Moiras*.

Com o oráculo, o sentido da palavra proferida e revelada não se pode desvanecer, o que Heródoto concebeu enquanto *Histórias* permanece até o tempo presente acessível, o oráculo não perdeu a sua função eterna de revelação: conservação do conhecimento adquirido para o leitor, num sentido moral didático e instrutivo, disponibilizado ao público.

A própria ambiguidade do dito e situações fantásticas que ocorrem no Livro I de *Histórias*, tendo como um exemplo a intervenção de Apolo ao salvar Cresos da pira, demonstram a lógica da curvatura da existência em exposição pela ação dos personagens, tanto quanto a funcionalidade múltipla das palavras que Heródoto profere, escrevendo-as de maneira a se tornarem compreensivas através da revelação, pela ação e drama dos atores em suas consequências.

O sentido interno do próprio oráculo passa a fazer parte e ser o próprio sentido interno do entendimento do leitor ou ouvinte que, ao receber por intermédio da veiculação escrita a transmissão interna daquilo que lhe é proferido, passa a ser ele próprio a entidade que

se apropria desse saber, em conjunto é ele próprio (leitor ou ouvinte) parte da palavra proferida, pois seu sentido real de revelação foi internalizado como compreensão daquele que leu ou ouviu, e nesse caso, *a funcionalidade do oráculo enquanto revelação* tem por fim seu objetivo de transmissão do conhecimento através do comportamento humano, *consagrado* na compreensão do sentido veiculado, escrita enquanto palavra proferida nas *Histórias* de Heródoto.

Citei alguns autores nessa parte das considerações finais da presente dissertação porque os considero relevantes, mesmo que recebam alguma crítica, pois os considero importantes para se entender os clássicos, no sentido de que pude clarificar Heródoto, não sem um grande esforço e dedicação sincera.

E agora, enquanto minhas últimas considerações finais podem expor alguns conceitos fundamentais dos textos de Heródoto enquanto palavra proferida, pois a partir da reflexão de todas as obras que estão no conjunto da bibliografia dessa dissertação, apareceu para mim a revelação da curva narrativa, composição em anel e estrutura anelar. Particularmente revelador foi o trabalho de tradução do Professor Doutor Delfim Leão, no livro VI das *Histórias* de Heródoto, além das vivas impressões que debatemos juntos no decorrer de toda a orientação.

Seguindo essa linha de exposição, posso dizer que curva narrativa, composição em anel e estrutura anelar não são sinônimos, mas conceitos diferentes, fundamental não só para entender o trabalho de Heródoto, como para compreender com exatidão essa presente dissertação.

**Curva narrativa** em Heródoto aplica-se ao movimento de ascensão e queda que marca muita das personagens tratadas. **Composição em anel / ring composition** é o fechamento de uma unidade narrativa retomando na sequência o mesmo motivo/ponto de abertura. Há, portanto um ciclo que se fecha, retomando o ponto de partida, como um anel que se desenha. **Estrutura anelar** é a organização narrativa em que a história de um se liga à história de outro, como se fosse uma cadeia de elos interligados. Estes três conceitos são próximos entre si e relacionam-se na unidade das *Histórias* de Heródoto, enquanto conjunto da obra.

A exposição dessa realidade, esta enquanto contada, e não necessariamente de fato, em nada há de fantasioso em Heródoto enquanto lição, ele próprio enquanto personagem nos acompanha na leitura enquanto viaja e descreve; afinal de contas, o feito do historiador é de tal gabarito que ele também não poderia deixar de estar incluso num dos grandes feitos da historicidade antiga, tornando-se, através da palavra proferida, ele próprio um mito.



## REFERÊNCIAS

Abramovitz, R. (2014). *Look and listen: history performed and inscribed*. [Orality and Literacy in the Ancient World]. (vol. 10). Leiden: Boston.USA.

Ayala, R. S. (2009). *Los espejos de príncipe en el mundo bizantino como continuidad de la tradición retórico-política isocrática*. (592f.). España: Editorial de La Universidad de Granada. ES.

Asheri, D. (2001). *Erodoto. Le storie: libro I. La Lidia e la Persia*. (6ª ed.). Italia: Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore. IT.

Baragwanath, E. (2008). *Motivation and narrative in Herodotus*. (1º ed.). [Oxford Classical Monographs]. University of Oxford.UK.

Barguet, A. (1985). *Hérodote, L'enquête, livres I a IV*. France: Éditions Gallimard. FR.

Barreiros, P. N. (2013). Clio, um diálogo com a musa nos bastidores da filologia. *Revista Philologus*, Ano 19, n. 57; pp. 42-53. BR.

Bello, D. (2007). *O rito e o mundo entre parênteses*. Polifonia. (Vol XIV; pp. 191-199). Cuiabá: EDU, FMT. BR.

Benjamin, A. (2010). *Place, commonality and judgment*. [Continuum Studies in Continental Philosophy]. University of Tennessee. USA.

Boter, J. (2014). *Valuing the past in the Greco-Roman World*. [Monographs on Greek and Latin Language and Literature]. (Vol. 369). Netherlands: Series: Mnemosyne, Bibliotheca Classica Batava. NL.

Bowden, H. (2005). *Classical Athens and the Delphic oracle*. [University Press]. Cambridge. UK.

Candido, M. R. (2011). Religião, rito e magia na Atenas clássica. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Ano 1, nº 1; GTHRR; Passo Fundo, RS. BR.

Cinaglia, V. (2014). *Aristotle and Menander on the ethics of understanding*. *Philosophia Antiqua: a Series of Studies on Ancient Philosophy*. Library of Congress. Leiden; Netherlands. NL.

Colombani, M. C. (2012). *Revista de história antiga (pp.95-108)*. [Faculdade de Letras de Lisboa]. Lisboa: Artes Gráficas S.A. PT.

- Corcella, A. (1984). *Erodoto e L`analogia*. Italia: Sellerio Editore Palermo. IT.
- Correia, H.; Cayatte, H. (2004). *Mopsos, o pequeno grego / o ouro de Delfos*. Lisboa: Relógio D`água Editores. PT.
- Dashu, M. (2009). *The Pythias; secret history of the witches*. (24f.). [Histories Archives]. Berkeley.USA.
- Dewald, C. (2012). *Myth and legend in Herodotus / first book*. [Oxford University Press]. United Kigdom: British Library.UK.
- Dillon, J; Wilmer, E. (2005). *Rebel women. Staging ancient Greek drama today*. British Library of Congress.UK.
- Eire, L. A. (2004). *De Heródoto a Tucídides*. [Universidad de Salamanca]. (pp.75-96). ES.
- Espírito Santo, A. M. (1990). *Contributo para um guia bibliográfico de Heródoto*. [Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa]. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. PT.
- Flory, S. (1987). *The archaic smile of Herodotus*. [Wayne State University Press]. Detroit. USA.
- Fontenrose, J. (1978). *The Delphic oracle: its responses and operations, with a catalogue of responses*. Berkeley: University of California Press. USA.
- Gracián, B. (1647). *Oráculo manual y arte de prudencia*. [H. Pitta, Trad. e J. I. Fernández, reedição em 1994]. Braga: Ed. Temas da Atualidade, Tilgráfica, S.A. ES.
- Guillermina, G. A. (2004). *La presencia femenina en el ámbito privado*. Estudio sobre textos griegos de época clásica. (595f.). Departamento de Filología Clásica y Árabe. [Universidad de La Laguna]. ES.
- Guterres, T. C. (2011). Heródoto e a noção de verdade na historicidade grega. *Revista Historiador*, Ano 04, nº 04; pp. 15-22, RS. BR.
- Haggstron, A. (2007). *Oráculos gregos: análise da mântica em Édipo Tirano*. História, Imagem e Narrativa, nº 5, Ano 03, Setembro; (p. 19). ISSN 1808-9895. BR.
- Herington, J. (1985). *The closure of Herodotus histories*. Illinois Classical Studies, XVI; pp.149-160. Yale University. USA.
- Heródoto. (1994). *Histórias, livro I*. (M. H. da R. Pereira, Introd.). [J. R. Ferreira & M. de F. Silva, versão do grego e notas]. Lisboa: Edições 70. PT.
- Heródoto.(2000). *Histórias, livro VI*. (Delfim Ferreira Leão, Introd.). [J. R. Ferreira & D.L, versão do grego e notas]. Lisboa: Edições 70. PT.
- Johnson, W. (1995). *Oral performance and the composition of Herodotus histories*. [Thesaurus Linguae Graeca]. Irvine: California. USA.

- Kapuscinski, R. (2004). *Podroze z Herodotem*. [I. V. P. de Leão & W. J. Szymaniak, Trad.]. Cracóvia: Editora Znak. PL.
- Kile, D. (2015). *Sport and spectacle in the ancient world*. [John Wiley & Sons, Ltd. The Atrium, Southern Gate, Chichester]. West Sussex: UK.
- Kraus, C. (2013). *Generic interfaces in Latin literature*. Germany: Deutsche Nationalbibliothek. DE.
- Kurke, L. (2009). Counterfeit oracles and legal tender. The politics of oracular consultation in Herodotus. (*Classical World* 102.4, pp. 417-438). Berkeley: University of California. USA.
- Kurnitzky, H. (1985). Das liebe Geld, die wahre Liebe. [A. Graça & A. Mendes, Trad.]. *Coleção Dois Dedos de Leitura*. Lisboa: Ed. Copimat LDA. PT.
- Laera, M. (2013). *New comparative criticism*. [International Academic Publishers]. Oxford: Bern; Switzerland. CH.
- Long, T. (1987). *Repetition and variation in the short stories of Herodotus*. Harvard University. USA.
- Lovatt, H; Vout, C. (2013). *Epic visions; visuality in Greek and Latin epic and its reception*. [Cambridge University Press]. UK.
- Luis, A. (2010). *El tema de la madre tierra en el oráculo de Delfos*. [Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Historia Antigua]. (pp. 91-120). ES.
- Martin, G. D. (2004). *Ring composition and related phenomena in Herodotus*. HIST 600: Independent Study. USA.
- Mendes, J. P. (1993). *Da magia na antiguidade*. Humanitas. (Vol. XLV). pp. 199-203. PT.
- Miira, T. (2014). *New perspectives on Aristotelianism and its critics*. Leiden; Netherlands: Library of Congress. NL.
- Murachco, H. G. (1997). O conceito de *physis* em Homero, Heródoto e nos pré-socráticos. *Revista Hypnos*, Ano 1, nº 2 ; São Paulo: PUC. BR.
- Nnaji, J. O. (2013). *Concepts of the 'scientific revolution': an analysis of the historiographical appraisal of the traditional claims of science*. 231f. [Universitat De Les Illes Balears]. Palmas; España: Department of Philosophy. ES.
- Pereira, H. A. (1972-1973). *Sob o signo de Heródoto*. (Vols. 1-2), [N. Correia, tipografia], Lisboa: Edição de autor. PT.
- Plutarco. (2004). *La malignità di Erodoto*. [introduzione, testo critico, traduzione e commento a cura di Maurizio Grimaldi]. Napoli: M. D`Auria Editore. IT.

- Prier; R. (1976). *Archaic logic. [De Proprietatibus Litterarum]*. Series Practica nº 11. Paris: The Hague. FR.
- Rocha Pereira, M. H.(2012). *Estudos de história da cultura clássica*. (Vol. 1, 11ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. PT.
- Rocha Pereira, M. H.(2009). *Hélade. Antologia da cultura grega*. (10ª ed.). Lisboa: Guimarães Editores S.A. PT.
- Roux, Georges.(1976). *Delphes, son oracle et ses dieux*. Société D'Édition. Les Belles Lettres. Paris. FR.
- Rabello, I. de S. (2013). *Future in the past. A study of oracles in Herodotus' work*. (99f.). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. BR.
- Rabello, I. de S. (2006). *Ver e saber no livro I das histórias de Heródoto*. (102f.). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. BR.
- Silva, M. (2011). *Delfos, um lugar de peregrinação /Eurípides, íon*. (pp. 89-103). [Universidade de Coimbra]. Coimbra: Humanitas 63. PT.
- Silva, M. (2013). *Uses in Delphic oracles of Plutarco. Nóesis* (pp. 208-220, vol 23, nº 45). São Paulo: USP. BR.
- Simões, M. I; Andrade, M. S. (1976). *Dicionário de mitologia greco-romana*. (2a ed.). São Paulo: Abril Cultural. BR.
- Soares, C. I. L. (2003). *A morte em Heródoto – valores universais e particularismos étnicos*. [Fundação Calouste Gulbenkian]. Lisboa. PT.
- Soares, C. I. L. (2007). *Nomos, anomia e thanatos nas histórias de Heródoto*. (pp. 49-60). [Universidade de Coimbra]. Coimbra: Humanitas 59. PT.
- Soares, C. I. L. (2008). *Norma e transgressão: contributos para a definição de padrões de identidade/alteridade nas histórias de Heródoto*. FCT, [Imprensa da Universidade de Coimbra]. Coimbra: FCT. PT.
- Soares, C. I. L. (2008). *A construção dos modelos educativos na antiguidade: pais e mães nas histórias de Heródoto*. [Ágora, Estudos Clássicos em Debate]. (nº 10, pp. 09-24). Aveiro. Coimbra: IEC. PT.
- Stork, P. (1982). *The aspectual sage of the dynamic infinitive in Herodotus*. Groningen: Bouma's Boekhuis. NL.
- Tank, H. (2012). *Irony and women in Herodotus*. [University of Wales]. Trinity Saint David. UK.
- Torok, L. (2014). *Herodotus in Nubia*. [History and Archaeology of Classical Antiquity]. (vol. 368). Netherlands: Series: Mnemosyne, Bibliotheca Classica Batava. NL.

Travis, C. (2010). *Are Herodotus digressions in book 1 irrelevant?* (09f.). Cambridge: Harvard University Press. USA.

Vidal-Naquet, P. (1960). *Temps des dieux et temps des hommes. Essai sur quelques aspects de l'expérience temporelle chez les Grecs.* [In: *Revue de l'histoire des religions*]. (tome 157, n° 1, pp. 55-80). FR.

Vieira, T. (2010). *Teogonia, a origem dos deuses.* Viseu: Novel Gráfica. PT.

Volker, C. (2007). *As palavras do oráculo de Delfos: um estudo sobre o de Pythiae oraculis de Plutarco.* Belo Horizonte: UFMG. BR.

White, H. (2003). *El texto histórico como artefacto literario y otros escritos.* Barcelona: Ediciones Paidós. ES.

Woortmann, K. (1999). O selvagem e a história. Heródoto e a questão do outro. *Revista de Antropologia*, vol. 43, n° 1. São Paulo. BR.